

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM SAÚDE COLETIVA

AGOSTO 2015



O cérebro no imaginário social da divulgação científica das Biociências

A retórica
sobre a
saúde e a
vida nas
capas da
Revista
Mente e
Cérebro

ANDERSON DOS SANTOS MACHADO
Orientadora: Dra. Madel Therezinha Luz

- O Cérebro na vitrine da divulgação científica
- Representações Contemporâneas de Saúde, Vida e Viver
- Retórica no imaginário da divulgação científica
- Representações sociais na produção de verdades
- O cérebro na divulgação científica: o caso da Revista Mente e Cérebro
- Resultados da Observação e Análise das Revistas Coletadas

E MAIS!

- MC nos últimos 4 anos
 - Outras capas
- Instrumento de coleta
- Dados da análise

As Biociências ocupam na sociedade contemporânea cada vez mais espaço midiático com a divulgação científica. Disputam a atenção em meio a uma plethora de sentidos que emergem das bancas, trazendo mensagens simbólicas carregadas de retórica sobre modos de como conduzir a saúde, a vida e o viver no imaginário social. (Luz, Sabino e Mattos, 2013)



ANDERSON DOS SANTOS MACHADO

O cérebro no imaginário social da divulgação científica

das biociências:

a retórica sobre a saúde
e a vida nas capas da
Revista Mente e Cérebro

DEFESA DE QUALIFICAÇÃO DE MESTRADO EM SAÚDE COLETIVA

Defesa de dissertação apresentada como requisito para a obtenção do título de Mestre em Saúde Coletiva, no Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof.^a. Dr.^a. Madel Therezinha Luz

Área de Concentração:
Saúde Coletiva, Comunicação Social; Sociologia.

Porto Alegre
Agosto de 2015.

CIP - Catalogação na Publicação

DOS SANTOS MACHADO, ANDERSON

O cérebro no imaginário social da divulgação científica das biociências: a retórica sobre a saúde e a vida nas capas da Revista Mente e Cérebro / ANDERSON DOS SANTOS MACHADO. -- 2015. 149 f.

Orientadora: MADEL THEREZINHA LUZ.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Escola de Enfermagem, Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, Porto Alegre, BR-RS, 2015.

1. Divulgação Científica. 2. Imaginário de saúde e vida. 3. Biociências . 4. Cérebro. I. THEREZINHA LUZ, MADEL , orient. II. Título.

ANDERSON DOS SANTOS MACHADO

**O CÉREBRO NO IMAGINÁRIO SOCIAL DA DIVULGAÇÃO
CIENTÍFICA DAS BIOCÊNCIAS: A RETÓRICA SOBRE A SAÚDE E
A VIDA NAS CAPAS DA REVISÃO MENTE E CÉREBRO**

Esta dissertação foi julgada adequada como requisito para a obtenção do título de Mestre em Saúde Coletiva e aprovada pelo Curso de Mestrado Acadêmico em Saúde Coletiva, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Área de Concentração:

Saúde Coletiva, Comunicação Social, Ciências Sociais

Porto Alegre, 21 de agosto de 2015.

Banca Examinadora:

Prof.^a Dr.^a. Madel Therezinha Luz - Orientadora - UFRGS

Prof.^a. Dr.^a. Cristianne Fammer Rocha - UFRGS

Prof. Dra. Máira Baumgarten - UFRGS

Prof. Dr. Rafael da Silva Mattos - UERJ

Dedicatória

Aos meus pais, pela vida que pulsa em mim e pela educação, às minhas irmãs pelo suporte. Aos amigos da AJSI pela força. Ao incentivo da amiga e quase ex-quase-orientadora Lisiane Böer Possa. Ao professor Alcindo Ferla por apostar nas nossas iniciativas. Ao PPGCol por abrir espaço para tantas possibilidades de pensar o cuidado. E ao Arcanjo Miguel, protetor da fonte de inspiração para esse trabalho: Prof^o. Madel Luz, não foi apenas uma orientadora atenta, compreensiva e brilhante como uma grande mestra que marcou sua consistente trajetória acadêmica, inspiração para tantos profissionais que apostam na Saúde Coletiva. Mais que isso, foi uma amiga generosa e inspiradora pelas suas poesias, sessões de cinema e jazz, que fazem a vida ganhar o brilho que ela merece ao ser bem vivida. Um grande privilégio que marca não só esta produção marca um novo capítulo cheio de inspirações para novas incursões de pensar e agir. Muito obrigado por ser um privilegiado de ter todo esse suporte de pessoas tão especiais para cruzar mais essa etapa.

Epígrafe

Não sei quantas almas tenho

*Não sei quantas almas tenho.
Cada momento mudei.
Continuamente me estranho.
Nunca me vi nem acabei.
De tanto ser, só tenho alma.
Quem tem alma não tem calma.
Quem vê é só o que vê,
Quem sente não é quem é,*

*Atento ao que sou e vejo,
Torno-me eles e não eu.
Cada meu sonho ou desejo
É do que nasce e não meu.
Sou minha própria paisagem;
Assisto à minha passagem,
Diverso, móbil e só,
Não sei sentir-me onde estou.*

*Por isso, alheio, vou lendo
Como páginas, meu ser.
O que segue não prevendo,
O que passou a esquecer.
Noto à margem do que li
O que julguei que senti.
Releio e digo: "Fui eu?"
Deus sabe, porque o escreveu.*

Fernando Pessoa



RESUMO

Este trabalho analisa a retórica presente nas capas da revista *Mente e Cérebro*, buscando representações sociais do cérebro recorrentes em revistas de divulgação científica. É um estudo de caso que descreve como o cérebro é apresentado na articulação simbólica que denominamos *simbiose imagem/palavra* no sentido de identificar as estratégias de convencimento a partir dos elementos simbólicos presentes nesta articulação, e não em função do valor de verdade discursiva. Procurou-se avaliar como o cérebro é representado para a sociedade e se ele se configura, no periódico, não apenas como um órgão do corpo, mas também como núcleo central do sujeito humano, comandando suas emoções e controlando-lhe a saúde e o viver, podendo ser medicalizado e condicionado para maximizar a vida biológica. Pretendeu-se com esta análise, contribuir para o debate sobre o papel relevante das Biociências no imaginário social como dispositivo de produção de verdades sobre a saúde, o adoecimento e na normatização da vida e do viver na sociedade contemporânea.

Palavras-chave: Divulgação Científica; Imaginário de saúde e vida; Biociências; Cérebro.

ABSTRACT

This paper analyzes the rhetoric on the covers of *Mente e Cérebro Magazine* (Brazilian version of *Scientific American Mind* magazine), to seek social representations of brain on scientific publications. This study describes how the brain is presented in a symbolic articulation that we called symbiosis picture/word, to identify the persuasion strategies from the symbolic elements present in this joint, not according to value of truth in the discursive. Sought to evaluate how the brain is represented to society and if it is configured in this magazine chosen, not only as an organ of the body, but also as the core of the human subject, commanding emotions and controlling health and living, may be medicalized and conditioned to maximize the biological life. It was intended contribute to the debate on the role of Biosciences in the social imaginary as truths producing device on health, illness and standardization of life and living in contemporary society.

Keywords: *Scientific Dissemination; Imaginary of health and life; Bioscience; Brain.*

RESUMEN

Este trabajo analiza la retórica en portadas de ediciones brasileñas de la revista *Mente y Cerebro*, buscando las representaciones sociales del cerebro recurrentes en las revistas de divulgación científica. Es un estudio de caso que describe cómo se presenta el cerebro en la articulación simbólica que llamamos simbiosis imagen/palabra para identificar las estrategias de persuasión de los elementos simbólicos presentes en esta junta, y no según el valor de verdad discursiva. Buscamos evaluar cómo se representa el cerebro para la sociedad y si este está configurado, en la revista, no sólo como un órgano del cuerpo, sino también como el núcleo central del sujeto humano, al mando de sus emociones y controlándole su salud y la vida, como puede ser medicalizado y acondicionado para maximizar la vida biológica. Se pretende con este análisis, contribuir al debate sobre el papel de Biociencias en el imaginario social como dispositivo de producción de verdades a respecto de la salud, de la enfermedad y de la normalización de la vida y del vivir en la sociedad contemporánea.

Palabras-clave: Divulgación científica, Imaginario de salud y vida; Biociencias; Cerebro.



SUMÁRIO

RESUMO	viii
SUMÁRIO.....	x
INTRODUÇÃO	13
A Cérebro na vitrine da divulgação científica	14
CAPÍTULO 1	22
Representações Contemporâneas de Saúde, Vida e Viver	23
CAPÍTULO 2.....	38
Retórica no imaginário da divulgação científica: representações na	39
produção de verdades	39
CAPÍTULO 3.....	52
O cérebro na divulgação científica: o caso da Revista Mente e Cérebro	53
CAPÍTULO 4.....	60
Retórica da imagem: trajeto metodológico para análise das capas de revistas..	61
Trajetória metodológica	66
Instrumento de Análise da Retórica nas Capas das Revistas.....	72
CAPÍTULO 5.....	75
CAPÍTULO 5.....	75
CAPÍTULO 5.....	75
Resultados da Observação e Análise das Revistas Coletadas	76
Apresentação da Análise das Revistas	78

Mente e Cérebro, ed. 236, setembro 2012	79
Mente e Cérebro, 221, junho 2011	81
Mente e Cérebro, 265, fevereiro 2015	82
Mente e Cérebro, 235, agosto 2012.....	84
Mente e Cérebro, Edição Especial 38	85
Mente e Cérebro ed.250, Novembro 2013.....	86
Mente e Cérebro, especial 46, 2015	88
Mente e Cérebro, especial 31	90
Mente e Cérebro, 264, janeiro 2015	91
Mente e Cérebro, edição especial 44	92
Mente e Cérebro, ed. 247, Agosto 2013	93
Mente e Cérebro, ed. 257, Junho 2014	95
<i>Observação de outras revistas referentes ao cérebro</i>	<i>97</i>
Galileu, ed 241, Agosto 2013	97
Psiquê, ed. 96, Dezembro 2013	98
Scientific American, ed. 146, Julho 2014	99
Superinteressante, ed. 325, Nov. 2013.....	100
Veja, ed. 2314, Março 2013.....	102
<i>Interpretação Analítica das Revistas</i>	<i>104</i>
CAPÍTULO 6	111
Considerações Finais	112
ANEXOS.....	118
ANEXO 1 – Lista de figuras	119
ANEXO 2 - Classificação das capas da Revista Mente e Cérebro 2011-2015	120
ANEXO 3 - Instrumento de coleta de dados das capas.....	122
ANEXO 4 – Análise de outras capas de Mente e Cérebro	131
Mente e Cérebro, ed. 239, Dezembro 2012	131
Mente e Cérebro, ed. 267, Abril 2015	132
Mente e Cérebro, ed. 249, Outubro 2013	134
Mente e Cérebro, ed 245, Junho 2013	136
ANEXO 5 - Dados coletados das revistas selecionadas.....	138
Mente e Cérebro, 236, setembro 2012	138
Mente e Cérebro, 221, junho 2011	139
Mente e Cérebro, 265, fevereiro 2015	140
Revista Coletada.....	141
Mente e Cérebro, 235, agosto 2012.....	141

Mente e Cérebro, Edição Especial 38	142
Mente e Cérebro ed.250, Novembro 2013	143
Mente e Cérebro, especial 46, 2015	144
Mente e Cérebro, especial 31	145
Mente e Cérebro, 264, janeiro 2015	146
Mente e Cérebro, edição especial 44	147
Mente e Cérebro, ed. 247, Agosto 2013	148
Mente e Cérebro, ed. 257, Junho 2014	149
Mente e Cérebro, ed. 239, Dezembro 2012	150
Mente e Cérebro, ed. 267, Abril 2015	151
Mente e Cérebro, ed. 249, Outubro 2013	152
Mente e Cérebro, ed 245, Junho 2013	153
Galileu, ed 241, Agosto 2013	154
Psiquê, ed. 96, Dezembro 2013	155
Scientific American, ed. 146, Julho 2014	156
Superinteressante, ed. 325, Nov. 2013	157
referências	159
<i>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</i>	<i>160</i>

SCIENTIFIC AMERICAN

mente cerebro

psicologia | psicanálise | neurociência



ISSN 1648-2643

DEPRESS

NOVAS FORMAS
DE TRAT

INTRODUÇÃO

A força da
natureza na luta
contra o cancro

Mitos que
explicam o
mundo

Num futuro próximo
as pessoas poderão se
comunicar apenas
por meio da mente

Alaçon
e o risco
esquizofren

A lógica
otimista
no cérebro

SÉRIE CRIATIVIDADE 2 Quando trabalhar sozinho é melhor que em grupo



A Cérebro na vitrine da divulgação científica

Colorido, estilizado, com efeitos gráficos que valorizam e o destacam do próprio corpo: o cérebro aparece frequentemente estampado em revistas dos mais diferentes gêneros, com destaque privilegiado nas bancas de jornais. Nesse palco privilegiado do cenário midiático escrito, este órgão do corpo humano aparece, muitas vezes, como o protagonista da vida na cultura contemporânea, disputando espaço nas vitrines com fotos de astros da mídia, modelos bem afeiçoados em novas coleções de vestuário da estação, no desfile de corpos sarados com os exercícios mais eficazes para entrar em forma, ou mesmo nas fotos impactantes de temas relevantes da pauta jornalística, e até disputando espaço com fotos tentadoras de alimentos suculentos nas mais diferentes opções de dieta.

O avanço das Neurociências ampliou o estudo de sua complexidade e de sua interligação com todo o corpo, desempenhando um papel importante na vida e no vi-

ver, objeto das Biociências¹. A própria morte clínica passou a ser atestada nos hospitais somente quando o cérebro deixa de manifestar sinais vitais, ainda que o resto do corpo esteja preservado por meio de máquinas. Qualquer outro órgão está sujeito a transplante; o cérebro, até o momento, ainda não.

Ao mesmo tempo, sua gama de funcionalidades, desempenha funções importantes em todo o organismo pelas funções neuronais ou mesmo mentais². A credencial que habilita o cérebro a ter todo esse destaque na mídia, o eleva a uma posição que, em outros tempos seria ocupada pelo coração ou ao pulmão, tidos nos séculos anteriores como "órgãos da vida".

¹ Como exemplo, há pesquisas que utilizam neuroimagens para decifrar não somente doenças com alzheimer e parkinson, mas também a natureza das escolhas sexuais, gostos e características pessoais. (ORTEGA e ZARZANELLI, 2010, p.77).

² Faz-se necessária a diferenciação entre cérebro e mente. Cérebro é o órgão fundamental para o sistema nervoso que oferece suporte biológico para a coleta de informações do ambiente e para a produção de respostas adequadas, bem como pela coordenação ativa do sistema motor-muscular. Já a mente é o conjunto de funções superiores do cérebro, como a memória, a inteligência, a emoção e o pensamento, cujo funcionamento daria particularidade aos indivíduos. (ORTEGA e ZORZANELLI, 2010, p.105)

E não é apenas pela sua dimensão biológica que o cérebro ganhou todo esse foco. Nos debates sobre a maximização da vida, figura como esperança na aposta da imortalidade humana, através de técnicas de um "cérebro externo" ou pela "criogênia" - o congelamento do corpo - para prolongar a vida biológica³.

Além disso, pela explosão da tecnociência, da medicalização intensiva e das técnicas para otimização do desempenho biológico, o cérebro responde cada vez mais por tudo aquilo que outrora nos acostumamos a atribuir à pessoa, ao indivíduo, ao sujeito. Há na nossa cultura um avanço significativo das tecnologias neurocientíficas (mais especificamente, de imageamento cerebral, através de exames como a ressonância magnética), ou mesmo à importância do cérebro na localização de processos cognitivos e emocionais⁴.

A revista *Mente e Cérebro (MC)*, integrante do grupo *Scientific American*, chama a atenção

³ ORTEGA, 2009.

⁴ HAGNER e BORCK apud 2001; ORTEGA, 2008.

por ser representante da divulgação científica⁵, gênero que apresenta a produção de cientistas diretamente para o público leigo. Nesta publicação, as neurociências e a psicanálise, e claro, evidentemente, o cérebro e a mente, são os destaques⁶.

A repetição continuada de padrões nas chamadas de capa - no cruzamento entre os elementos gráficos e verbais - indica a recorrência de práticas retóricas na divulgação científica, ao fazer emergir figuras, analogias, metáforas ou clichês que, embora sutis, possam ser potentes e incisivos na sua função de convencimento. Revelando categorias que se repetem com maior frequência nas capas poderemos descrever representações sociais cristalizadas no imaginário e reproduzidas nas revistas de divulgação científica. Ao

⁵ LUZ et al., 2013.

⁶ Nas capas e artigos internos de MC fica nitidamente marcada a presença de pesquisadores e cientistas renomados, que assinam seus textos. São abordados temas sobre neurociências e sobre psicanálise em várias situações como o adoecimento e suas causas, bem como distúrbios psicoemocionais, ou ainda, as dicas para a maximização dos recursos neuronais e mentais. A psicologia e a psicanálise também tem espaço embora apareçam em vários momentos relacionadas a patologias, geralmente de origem neurológica.

analisar a presença do cérebro como destaque nessa publicação, visamos a identificar como essas representações sociais desse órgão refletem o imaginário sobre a saúde e a vida e como são reforçados os processo de sugestão coletiva pela retórica.

O meio escolhido para apreender essas estratégias de convencimento não foi pelas vias metodológicas tradicionais da análise de conteúdo, que normalmente elegem o texto como base de investigação. Tão pouco nos concentramos nas análises de semiótica para destrinchar os elementos relacionados às figuras. Percebemos que o valor de "verdade" não tem total importância diante da força retórica e da constituição do discurso científico a partir da recorrência de mensagens. Percebemos que esse processo, da mesma forma como também se difunde o discurso jornalístico, potencializa ainda mais esse efeito retórico ao trazer a produção acadêmica como fonte de informação para o

espaço das bancas de revista como artifício de convencimento⁷.

E de fato constatamos que colocando lado a lado diferentes capas de uma mesma publicação, percebemos que, embora o conteúdo seja diferente, a estratégia de convencimento se repete em muitos aspectos. Mais que isso, há fortes indícios de que, por meio de fotos e textos, estejam sendo reforçados modos de compreender e assimilar a vida e o viver. Esse processo é respaldado pela constante repetição e consolidação de padrões, que em muitos casos, não está nem explícita na mensagem textual, nem como elemento central na imagem, mas que, observada nos diferentes contextos dos quais os assuntos são abordados, faz emergir categorias de elementos simbólicos que acabam sendo tão potentes quanto a mensagem coercitiva gerada por um texto direto ou ilustrado por uma foto ou figura simples.

Interessa-nos identificar os sentidos gerados pelo conjunto de signos, significados e sentidos des-

⁷ LUZ et al., 2013.

pertados pelo conjunto das capas, mais que o seu conteúdo textual e gráfico - que em alguns casos são contraditórios, mas que pela força da retórica, conseguem competir com a mensagem do texto dito. Da mesma forma, reforçamos que não estamos interessados em saber quantas revistas são necessárias para tal impacto ou se tal cor ou formato provoca esse ou aquele efeito.

Por se tratar de um processo analítico diferenciado, os elementos descritos na metodologia de análise cabem como forma de ilustrar as diferentes categorias registradas na coleta de dados e sua interpretação foi baseada no intuito de apreender o conjunto de sentidos gerados, não sendo, portanto, um registro definitivo ou exaustivo das ocorrências que possam ser registradas de uma averiguação das capas.

O que nos interessou foi apreender como o conjunto dessas práticas constrói, legitima ou mesmo cria outras possibilidades de interação e compreensão. Menos que a quantidade dos periódicos, o que para nós é importante anali-

sar são os temas abordados e seu tom retórico, que servirão como recorte para a escolha dos veículos impressos a serem analisados.

É a partir do que denominamos no estudo de simbiose imagem/palavra⁸ que observamos como a retórica repercute na representação social do cérebro e como ela se relaciona com outras categorias nas capas selecionadas da Revista *Mente e Cérebro (MC)*, bem como em outros periódicos escolhidos a título de comparação, dentro do recorte temporal elencado para a observação analítica. Com isso, pretendemos avaliar estratégias de convencimento das Biociências geradas pelo cruzamento das mensagens de imagem e de texto que não cabem no conteúdo expresso pelo discurso, ou seja, somente no que é "dito" apenas pelas palavras⁹. Dessa forma, pretendemos averiguar a interferência do campo simbólico na di-

⁸ LUZ et al., 2013.

⁹ "[...] todo discurso manifesto repousaria secretamente sobre um já-dito; e que este já-dito não seria simplesmente uma frase já pronunciada, um texto já escrito, mas um "já-mais-dito", um discurso sem corpo, uma voz tão silenciosa quanto um sopro, uma escrita que não é senão o vazio de seu próprio rastro".(FOUCAULT, 2005, p. 28.)

vulgação das pesquisas sobre o cérebro e a mente, algo pouco explorado como dimensão de análise.

Nosso trabalho é um estudo exploratório de metodologia qualitativa de análise da retórica da imagem na mídia impressa, com abordagem interdisciplinar. Tendo como suporte disciplinar temos a Comunicação Social e a Sociologia, que dialogam com o campo da Saúde Coletiva, trazendo conceitos e métodos das Ciências Sociais e Humanas para ampliar o foco das abordagens relativas à temática da vida, saúde e doença. Estas são geralmente relegadas a segundo plano nas abordagens quantitativas epidemiológicas, nas quais as dimensões sociais e individuais do adoecimento não tem dimensão explicativa ou interpretativa importante.

Além da necessária revisão conceitual teórica, que embasa as análises e as escolhas metodológicas, é parte constitutiva de nossa pesquisa a descrição das capas da revista *Mente e Cérebro*, para identificação das representações sociais do cérebro, e para análise

dos recursos retóricos empregados para gerar convencimento quanto a determinadas concepções de vida e de cuidado com o corpo e a mente a partir da lógica das Biociências.

Nesse movimento, queremos identificar no estudo¹⁰ como essa estratégia de convencimento da divulgação biocientífica na mídia impressa reforça o imaginário social predominante sobre o cérebro. Estamos interessados em descrever como as Biociências trabalham simbolicamente a figura desse órgão, estratégico em seu discurso, na disseminação do conceito de saúde e vida e seu (possível) papel na regulação do cuidado e do viver, ao inserir o saber acadêmico no espaço midiático pela Revista *Mente e Cérebro*, deslocando a difusão da ciência para um contexto mais amplo.

Identificar o imaginário é uma estratégia para revelar como

¹⁰ Esse estudo é subprojeto do estudo "A Ciência como Cultura no Mundo Contemporâneo: Divulgação Midiática de Saberes Científicos e Construção do Imaginário Social", realizada no Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva (PPGCol) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, (UFRGS), sob coordenação geral da Prof^a. Dr^a. Madel Therezinha Luz. Os levantamentos da fase de coleta de campo foram divulgados em artigo divulgado na Revista Interface: LUZ et al., 2013.

as imagens e símbolos são construídos, antes mesmo de serem expressos pelo discurso. São representações sociais carregadas de valores e conceitos, em sintonia com o projeto de uma vida protegida pela lógica e por normas sugeridas pelas Biociências. Aparecem neste processo sugestões de cuidado, medidas de segurança e noções de risco, bem como a garantia da proteção pela biotecnologia e pela medicalização. São ideais que passaram a ser perseguidos como padrão nas relações sociais, com reflexos significativos nas dimensões individuais da vida humana, com o objetivo de obter melhor forma física, mais longevidade e o prolongamento da juventude. Criam-se inclusive modelos ideais de sujeito, baseados na performance física e se estabelecem novos parâmetros de mérito e reconhecimento pessoal¹¹.

Este trabalho, por sua proposta interdisciplinar, característico do campo da Saúde Coletiva, procura estabelecer um diálogo consistente com o campo das Ciências

¹¹ ORTEGA e ZARZONELLI, 2010, p.57.

Humanas, com a Sociologia e em especial, com a Comunicação Social¹², aproximando diferentes saberes disciplinares em torno de conceitos e práticas que são transversais e complementares, para avançar no debate sobre dimensões de cuidado, gestão, educação e controle social¹³. É ainda por entender que Saúde passa por instâncias de inter-relações e subjetividades dos indivíduos, aspectos institucionais de promoção e acolhimento, além da valorização da participação dos usuários nestes

¹² Pode parecer estranho ver-se um jornalista por formação participar do debate científico sobre saúde e vida, não do ponto de vista de um produtor ou analista dos processos comunicacionais das mídias ou das instâncias institucionais, mas através da perspectiva de um sanitarista, como um agente promotor de conhecimentos sobre saúde. O interesse foi fortalecido na rotina como assessor de comunicação no Grupo Hospitalar Conceição (GHC), rede de serviços de saúde 100% SUS. Somou-se a isso uma Especialização em Comunicação em Saúde (Escola de Saúde Pública do Rio Grande do Sul e Unisinos, 2011-2012), e agora, no Mestrado (PPGCOL/UFRGS). Além disso, pela experiência como colaborador da Associação Brasileira da Rede Unida, bem como na Rede Governo Colaborativo em Saúde - convênio interinstitucional entre o Ministério da Saúde e a UFRGS que abriga o projeto "A Ciência como Cultura no Mundo Contemporâneo: Divulgação Midiática de Saberes Científicos e Construção do Imaginário Social", do qual este estudo é subprojeto, mantendo bolsa de apoio a este pesquisador.

¹³ Dimensões do Quadrilátero da Formação em Saúde: proposta de uma educação dos profissionais de saúde para ir além da clínica, entendendo a complexidade do *fazer saúde* (CECCIM e FEUERWEKER, 2004).

processos. Nesse contexto, a Comunicação¹⁴ ganha um espaço potencial como campo de apoio para uma saúde focada no usuário e nas relações com diferentes instâncias institucionais.

No itinerário que vamos percorrer nesse trabalho, vamos falar das representações contemporâneas de saúde, vida e viver que são compartilhados pelas práticas das Biociências e que estão em pauta na mídia e no cotidiano da sociedade atual. Logo depois vamos contextualizar os conceitos de retórica, imaginário, representações sociais e divulgação científica, buscando ver como eles se articulam para constituir dispositivos de produção de verdades. No terceiro capítulo, vamos apresentar o cérebro descrito na divulgação científica sob o olhar das Neurociências, braço das Biociências que foca suas investigações nesse órgão. E vamos apresentar as temáticas que aparecem na Revista *Mente e Cérebro*.

Feita essa introdução, vamos partir então para o processo de

análise do objeto de pesquisa. No capítulo seguinte vamos falar da proposta de observação da retórica da imagem e apresentar o trajeto metodológico para a análise das capas de revistas. Vamos apresentar o instrumento de coleta de dados utilizado na análise da retórica nas capas das revistas. No quinto capítulo vamos apresentar os resultados da observação e análise das revistas coletadas, em especial 12 edições das revistas *Mente e Cérebro* com a temática do cérebro nas capas. Também foram acrescentadas outras nove publicações como comparativo para perceber diferenças nas abordagens (cinco capas de outras revistas que abordam o cérebro e nos anexos quatro edições de MC que tratam de outras temáticas). Ao final, vamos apresentar as conclusões resultantes deste trabalho, e anexar os instrumentos completos e demais itens que podem auxiliar a compreender melhor a metodologia e os passos seguidos no intuito de oferecer uma abordagem diferenciada da retórica das Biociências no imaginário social sobre o cérebro.

¹⁴ Ver MACHADO, A.; DA SILVA, V., 2012.

SCIENTIFIC AMERICAN

mente

cérebro

psicologia // psicanálise // neurociência

ILUSÃO
DO AMOR

As imagens
que enganam
nossos olhos

Cérebro turbinado

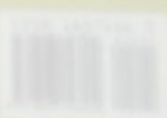
Medicamentos podem
ajudar pessoas
saudáveis a
obter melhor
desempenho?

CAPÍTULO 1

QUE SAUDADE!
A força terapêutica
da nostalgia

CIÛME
Otelo e a doença
da desconfiança

ANO 499
Nº 221
25/11/06
R\$ 4,90



ESPECIAL
VOLÚNCIA: como tragédias movem e nos ensinam



Representações
Contemporâneas de
Saúde, Vida e Viver

Ao passar por uma banca de jornais e revistas, numa calçada qualquer de um centro urbano, você não se sente tomado por um mar de sensações e orientações sobre o que deve fazer para ter uma vida saudável? Cores, formas e corpos que saltam das vitrines e tentam fisgar nosso olhar, carregadas de sugestões sedutoras sobre formas de tratar a temática da vida, saúde e doença.

A tentação de buscar uma vida mais saudável e com mais vigor e dinamismo que nos é despertada não é à toa. Entre os inúmeros títulos disponíveis no mercado, os temas sobre saúde e a vida são muito recorrentes como destaque de capa, nas mais diferentes abordagens e linhas editoriais. Novidades e (re)descobertas sobre nutrição, práticas corporais saudáveis, exercícios físicos e modos de viver saudáveis, bem como novas drogas e estudos sobre patologias, são anunciados em larga escala por meio dessas publicações, ganhando capas superelaboradas graficamente e com frases de impacto para prender nossa atenção¹⁵.

A escala de categorias de revistas que abordam a temática da saúde é ampla, indo desde os semanários jornalísticos, que recorrentemente abrem importantes espaços para grandes reportagens sobre o tema, chegando aos títulos populares, onde "notícias" sobre celebridades e novelas dividem espaço com dicas de nutrição e beleza¹⁶. Claro que há o segmento que se constitui a partir desse campo, como as publicações específicas sobre estilo de vida e saúde, *fitness* e outras práticas esportivas, alimentação, medicamentos e patologias, entre outras. Foram identificadas ainda edições especiais sobre chás, ervas e dietas específicas, que não são periódicas, porém muito comercializadas.

Os vendedores¹⁷, por sua vez, procuram organizar essas publicações em painel – “cartaz”¹⁸ –, agrupando as publicações por temática. Relatam

¹⁵ LUZ et al., 2013.

¹⁶ LUZ, SABINO e MATTOS, 2013.

¹⁷ Na abordagem realizada pelos pesquisadores do projeto "A Ciência como Cultura no Mundo Contemporâneo: Divulgação Midiática de Saberes Científicos e Construção do Imaginário Social", foi relatada por dois vendedores de Porto Alegre, que os clientes desconsideram revistas sobre fitness, práticas corporais,

uma grande procura por materiais sobre "saúde" - entendendo-os, segundo categorização informal pelos leitores, como revistas que trazem receitas de emagrecimento, chás, substâncias e alimentos saudáveis de combate a doenças crônicas e o envelhecimento.

O corpo, visto como *máquina* potente, passou a ser valorizado como capital a ser gerido, no qual devemos investir, sendo como tal, merecedor de um destaque recorrente por parte da mídia, que passou a acompanhar com frequência e abrangência crescente as pesquisas geradas no campo das Biociências. Ao mesmo tempo, o corpo, *biológico*, é desconsiderado em sua organicidade e sua materialidade¹⁹.

O tratamento contemporâneo que damos aos corpos demonstra que seu enaltecimento como palco de performance e design encobre um concomitante desprezo por sua realidade e suas imperfeições. Aí se manifesta o imperativo de pureza e sacrifício por meio de práticas como restrições alimentares, exercícios físicos, cirurgias plásticas e procedimentos cosméticos²⁰. Um corpo fora desses padrões de autocontrole é encarado por aqueles que compartilham dessa ideologia como falha de caráter ou uma deficiência no manejo de si próprio, levando os indivíduos a autorreprovação pelo mínimo desvio de regras de autocontrole, mas encontra meios socialmente convincentes de se isentar da responsabilidade pela falta²¹.

bem como as voltadas para as ciências humanas e sociais, como sendo publicações de "saúde" (LUZ et al., 2013).

¹⁸ O cartaz, segundo Moles (2004), comporta um conteúdo funcional, (promove a venda de alguma coisa) e também estético (é mancha, espaço, cor) que não se liga diretamente ao precedente, trazendo à tona aspirações e desejos. A cor desempenha um papel essencial, mas não exclusivo. A atração se baseia na simplicidade de uma mensagem de traços nitidamente recordados, unindo um apelo de marca, uma evocação, e uma figuração. Essas são alicerçadas nos impulsos fundamentais dos indivíduos. Nasceu da vontade de difundir o anúncio impresso e o cartaz publicitário, com a função de ilustrar o texto e reforçando o papel da imagem na difusão das mensagens como forma mais assimilável que o texto. Ele nos exemplifica com a simbologia gráfica usada nas placas de trânsito usadas nas estradas e ruas, que reduz a imagem ao estado de símbolo e torna assim, imediatamente assimilável o que ela exprime.

¹⁹ SABINO, 2012.

²⁰ ORTEGA e ZARZONELLI, 2010, p.57

²¹ SABINO, 2012; COSTA, 2004 apud ORTEGA e ZARZONELLI, 2010, p. 96.

Essa proposta ganha potência no imaginário, o que Sfez chamou *utopia de saúde perfeita*²² - materializado na cultura contemporânea em práticas, discursos e modelos de viver e de cuidado extremos com a saúde. Este projeto sobre a vida e o viver insere-se nos mais diferentes campos da vida, seja na dimensão social, individual, biológica, econômica ou política²³. Mesmo quando esta ordem não está acionada expressamente (à revelia do discurso), ainda assim se identifica uma pré-disposição a esses padrões de condicionamento. São *forças simbólicas* introjetadas culturalmente, potencializadas pela difusão midiática. A partir da equivalência entre essência e aparência, os atributos corporais passaram a ser "a própria identidade a exibir o que somos" ²⁴.

Os corpos tornam-se alvo de preocupações e de controle social crescentes, respondendo ao poder não mais de um soberano, mas a um poder disseminado nas instituições sociais, o *biopoder*²⁵, segundo Foucault (2000). O autocontrole passa a ser uma virtude e sustenta o processo de individualização na medida em que torna o indivíduo cada vez mais responsável pelos riscos e contradições produzidos no ambiente em que vive, diminuindo proporcionalmente a responsabilidade do cuidar do Estado nas sociedades disciplinares²⁶.

Essa postura amplia o controle privado do cuidado, exigindo um desempenho individual cada vez mais eficiente - condição essencial para se obter uma posição social de prestígio. Torna-se um diferenciador de classes,

²² SFEZ, 1996.

²³ LUZ, SABINO e MATTOS 2013; LUZ, 2013.

²⁴ ORTEGA e ZARZONELLI, 2010, p.76.

²⁵ "O biopoder centrou-se no corpo em seus processos biológicos: a proliferação, os nascimentos, a mortalidade, o nível de saúde, a duração da vida, a longevidade e todas as condições que podem fazer um corpo variar. tais processos são assumidos com focos de intervenção política mediante uma série de controles reguladores. Ou seja, os processos próprios à vida são considerados como formas de regulação de procedimentos de poder e de saber." (FOUCAULT, 2000, p.71)

²⁶ Procedimentos disciplinares como forma de extrair do corpo sua força útil: esses procedimentos centravam-se em seu adestramento na aplicação de suas aptidões na extorsão de suas forças, o crescimento de sua sociedade e utilidade e sua integração em sistemas de controle eficazes e econômicos. Ao tecido de relações desse modo de exercício de poder, Foucault determinou de sociedade disciplinar. (FOUCAULT, 2000)

processo imerso na industrialização e na consolidação do capitalismo como sistema social e econômico. Envolve valores culturais e sentidos que se constroem nas práticas corporais²⁷.

A medicina ocidental contemporânea incorporou esses processos elencando a medicalização como um fio condutor e indutor de suas práticas e saberes, muitas vezes caracterizadas por ações que despersonaliza o indivíduo, face ao seu caráter curativo, ou mesmo preventivo, através da ênfase na doença, desconsiderando seus aspectos subjetivos e sociais. Essa lógica tem influência na oferta e na demanda de serviços de saúde nos últimos tempos²⁸.

Isoladamente, o *paradigma biomédico* é insuficiente para compreender e abordar o processo saúde-doença, porque esse modelo ainda vigora no "imaginário de saúde como prestação de serviços altamente tecnificados, com usuários tomados por seus padrões biológicos"²⁹, onde o hospital ocuparia o topo de uma hierarquia qualitativa de trabalho na saúde, reafirmando a importância do conhecimento científico como *normatizador* das práticas e relações sociais na sociedade contemporânea³⁰.

Para manter essa imagem de poder, há ainda recursos importantes como o *medo* e o *risco*³¹ reforçados pela dependência e submissão aos rigores das Biociências³². Como somos bombardeados constantemente por alertas sobre doenças contagiosas e epidemias (que interessam a sociedade em geral mais que ao próprio sujeito, e uma vez que a sociedade é quem paga por esse direito imprescindível de todo homem), a medicina se coloca na

²⁷ CARVALHO e LUZ, 2009, p. 315-316.

²⁸ PINHEIRO e MATTOS, 2007.

²⁹ CECCIM et al., 2008/2009, p. 447-448.

³⁰ FOUCAULT, 2000.

³¹ De forma preliminar, já percebemos, em trabalho de campo, que muitas orientações recomendadas pelas reportagens, infundem um temor difuso de que algum mal à saúde – ou à vida –, suceda, em caso de não-seguimento de tais práticas, recomendando medidas normativas que prometem a diminuição dos riscos potenciais. (LUZ et al., 2013; FOUCAULT, 2000; LUZ, 2013; CASTIEL, 2003; BAUMAN, 2001).

³² FOUCAULT, 2000; CASTIEL, 2003; BAUMAN, 2001.

responsabilidade de olhar sobre a saúde de cada um³³. Adquire, com isso, a prerrogativa de interferir em comportamentos relativos à saúde e modos de viver e de poder irrestrito sobre os corpos³⁴.

A diferença entre as formas de abordagem das Biociências com outras formas de cuidado é percebida pela forma como a doença passou a ser identificada em muitos casos. Técnicas de laboratórios passaram a ser subsídio para reconhecer como doentes pessoas que até então assim não se sentiam. Em função de históricos e evidências, são coladas na condição de risco³⁵.

Canguilhem³⁶ avalia que o que se considera *normal*³⁷ ou saudável depende de uma variação social e não apenas de uma média estatística com fato biológico. Ao contrário, as medidas fisiológicas são resultado da atividade normativa do organismo em relação a seu meio. O homem só é sadio quando está adequado às regras, caso contrário, implica 'normalmente' o risco da loucura³⁸. Para voltar a ser normal, seria preciso retomar uma atividade interrompida, não ser inválido para ela.

A cura, no entanto, não implica a saúde plena necessariamente. Uma anomalia se dá por uma variação biológica em relação a uma média. Ainda segundo Canguilhem, caso ela seja experimentada negativamente ou restrinja a capacidade de o organismo ser normativo, será considerada *patológica*. Se não trouxer repercussões para o indivíduo será ignorada ou concebida como uma variedade do corpo. O que decide se a anomalia deve ser considerada patologia é a reação particular que se estabelece com seu meio e sua experiência de sofrimento³⁹.

Canguilhem reconhece que não existe mais a normalidade e sim *normalidades*: a saúde é uma normalidade; a doença também. Ele propõe que

³³ MELLO, 2010.

³⁴ FOUCAULT, 2000.

³⁵ CASTIEL, 2003; CANGUILHEM, 2012.

³⁶ CANGUILHEM, 2012; ORTEGA e ZARZONELLI, 2010.

³⁷ *Idem*.

³⁸ CANGUILHEM, 2012; COELHO e ALMEIDA FILHO, 1999; ORTEGA e ZARZONELLI, 2010.

³⁹ CANGUILHEM, 2012.

todos seriam *patológicos*⁴⁰, ou *normais patológicos*, o que constituiria a ausência de saúde. O patológico é a perda da capacidade normativa, é impossibilidade de mudança, a fixação, a obediência irrestrita à norma. Não é a ausência de normas, mas a presença de outras normas vitalmente inferiores, que impossibilitam ao indivíduo viver um modo de vida anterior, permitido aos indivíduos sadios. O homem normal saudável teria que se sentir capaz de reestabelecer sua saúde, sempre a ser buscada, o que, paradoxalmente, configuraria uma nova patologia, a *patologia da saúde perfeita*⁴¹.

Como resposta a essas proposições sobre a vida, as descobertas neurocientíficas acentuam um potencial de esperança para cura e tratamento de certas doenças, bem como a possibilidade de aprimorar a saúde, tornando o corpo passível de produzir valor econômico⁴². Afinal, segundo esses princípios, há uma ênfase pela autonomia e autogestão, reforçando a exigência de êxito no trabalho para os adultos e de resultados escolares para crianças.

Percebe-se um estímulo à estigmatização⁴³ daqueles que não têm as rédeas da própria vontade: os dependentes (drogas, sexo, jogos, ...), os desregulados (bulimia, fobias, síndrome do pânico, ...), os inibidos (apáticos, estressados, ...), os deformados (obesos, sedentários, envelhecidos, ...). todos esses tipos comuns no mundo contemporâneo partiram em maior ou menor grau um uso mal controlado da vontade e de uma defasagem em relação ao imperativo de procurar atingir sempre o melhor de si segundo o que nos dita a crença na saúde perfeita⁴⁴.

Compreendemos, então, que a dimensão social deve ser entendida como um aspecto diretamente ligado aos processos de saúde. A biossocialidade⁴⁵ é um modo de agrupamento de pessoas por meio de critérios de

⁴⁰ CANGUILHEM, 2012; ORTEGA E ZARZANELLI, 2010, COELHO e ALMEIDA FILHO, 1999.

⁴¹ CANGUILHEM, 2012; COELHO e ALMEIDA FILHO, 1999

⁴² ORTEGA e ZORZANELLI, 2010, p.92

⁴³ GOFFMAN, 1988.

⁴⁴ COSTA, 2004 apud ORTEGA e ZORZANELLI, 2010, p. 93.

⁴⁵ RABINOW e NIKOLAS, 2006.

saúde, desempenho físico, doenças específicas, longevidade, em detrimento de outras referências, como status cultural, características psicológicas, padrões de classe, orientação política⁴⁶.

Embora existam campos que desconsiderem esse quesito como algo relevante para o cuidado, aliado às afetividades, subjetividades, sentidos e significados gerados pelas pessoas, o social oferece uma riqueza de elementos teóricos fundamentais para a compreensão dos processos coletivos. Inscreve nos corpos uma marca de sucesso, constituindo o que alguns autores denominam de corpo socialmente informado, ou seja, um corpo que absorve padrões, estilos e influências⁴⁷.

Sfez (1996) atribui a busca pela saúde perfeita também como um meio de transpor a finitude humana, do ponto de vista biológico. A mídia, pelo seu papel no simbólico, potencializa a amplitude social devido ao encantamento mágico de significações coletivizadas sobre processos identitários, de individualizações da dinâmica das representações sociais⁴⁸. O cinema, ao valorizar o herói, a televisão e suas narrativas, em especial na telenovela, reforça a dualidade entre o bem e o mal. E mesmo no jornalismo, há inúmeras relações de poder que emergem de personalidades ("celebridades") que se constituem a partir da imagem de alguém com poderes que não são compartilhados por outros "mortais", a partir do status, como acontece no *showbusiness* ou dos privilégios e salvaguardas que encastelam os políticos ou o poder bélico dos policiais.

Na saúde, alimentam o ideal de um ser humano capaz de viver em equilíbrio físico perfeito, por mais que ele não seja alcançado⁴⁹. A forma como a medicina é retratada pela mídia, em especial nos programas de televisão, também está sujeita a idealizações. Poucos são os programas em que o

⁴⁶ ORTEGA e ZORZANELLI, 2010, p. 79

⁴⁷ WEBER, 2004.

⁴⁸ RIBEIRO 2012, p.98-99.

⁴⁹ RIBEIRO 2012, p.102.

paciente morre, e que nunca aparece falha ou questionamentos sobre as condutas dos profissionais de saúde⁵⁰.

Um dos traços preliminares que constatamos nas primeiras observações nas capas das revistas foi a recorrência no uso de elementos gráficos e textuais que remetem ao *mecanicismo*⁵¹ quando se abordam questões sobre o corpo e sobre a vida.

Luz (2004)⁵² faz uma detalhada análise desse processo resgatando diversos aspectos que configuram a relação do natural e do biológico na constituição de racionalidade científica moderna, que cravou suas bases epistemológicas na ordenação da natureza e do corpo, bem como dos costumes e das regras sociais, dentro de parâmetros que seguiram muito os princípios científicos (métodos).

Um desses métodos foi o mecanicismo, que gera uma metáfora para apreender e se relacionar com o mundo a partir da metáfora da máquina, na qual a natureza e o mundo, e por consequência, o corpo humano, são comparados a engenhos que funcionam com suas peças e mecanismos regulados, cujas leis podem ser expostas, pela razão e pela experiência, preferencialmente em linguagem formal – matemática -, ou seja descritos sobre os critérios rigorosos do método científico.

São imagens e metáforas que trabalham diversos aspectos do corpo e da natureza como "engenho", "máquina", "autômato", cujas peças são expostas, funcionando com seus mecanismos regulados e cujas leis podem ser

⁵⁰ "Os espectadores não têm como saber quantas vezes a ciência falhou, porque os programas ocultam a morte e momentos de ineficácia da prática médica. O imaginário daí resultante fornece referenciais coletivos de entendimento da experiência individual, equaciona interpretações e expectativas e orienta a ação coletiva. Além disso, prestigia e privilegia a ciência médica como prática e conhecimento hegemônicos em meio ao repertório limitado de padrões de ação e de representações coletivas que guiam a ordem social". (RIBEIRO 2012, p.96).

⁵¹ O racionalismo mecanicista clássico elabora uma comovisão banhada no imaginário da modernidade clássica, sobre o mundo e a matéria em que são baseadas em representações dessas categorias em termos de "engenho" ou "máquina", que mergulham suas raízes em imaginário e representações sociais sobre a atividade de produção de maquinismos dos séculos anteriores. Foram as construções de automatismos do homem medieval que deram origem às imagens e metáforas mecânicas dos renascentistas, que por sua vez, estão na origem das concepções filosóficas mecanicistas do século XVII e das teorias científicas dos séculos XVIII e parte do XIX. (LUZ, 2004)

⁵² Os conceitos levantados em "Natural, Racional, Social" (Luz, 2004) contribuíram teórica e conceitualmente para dar forma às reflexões que serviram de base para a análise dos elementos simbólicos das capas analisadas neste trabalho. Descreve valores essenciais para a constituição das Biociências como campo de produção de verdades sobre a saúde e a vida, em termos da racionalidade científica moderna.

enunciadas, a partir das atividades da razão e da experiência, preferencialmente em linguagem formal, isto é, estatístico matemática⁵³.

Um dos exemplos é a apreensão do tempo a partir do relógio. O tempo mecânico passou a influir nas representações sobre o fluir da vida, criando um ponto de referência novo para as noções de passado, presente e, sobretudo, de futuro, impondo aos poucos um ritmo mecânico de passagem do tempo, dividido em unidades mecânicas (horas, minutos, segundos...). Percebe-se claramente que há um imaginário científico mergulhado em representações sociais baseadas no mecanismo, que coloca a razão clássica, como a contemporânea, na posição de se pensar construída à imagem e semelhança das máquinas que inventou, concebendo a natureza como reprodutora desse modelo mecânico⁵⁴.

As disciplinas avançadas como física, química, astronomia, e até da biologia, já não levam tão a sério as metáfora mecanicistas da racionalidade moderna, como a de imaginar os seres orgânicos e inorgânicos como máquinas. Porém, há uma tendência metodológica das disciplinas das ciências mais próximas da vida humana, como a Biologia e a Medicina, de decompor o objeto⁵⁵, no caso o corpo biológico, em elementos, comparando por uma operação analítica, esses elementos entre si, ordenando-os numa hierarquia recomposta racionalmente⁵⁶.

Desse imaginário nasceram as grandes verdades das disciplinas científicas (conceitos, teorias, descobertas), bem como materialidades (instrumentos, ferramentas, máquinas), que modelam o mundo tecnológico e constituem o poder simbólico na racionalidade contemporânea. São conjuntos de valores sujeitos à razão tecnocientífica que constituem um contrato social e

⁵³ LUZ, 2004.

⁵⁴ Idem.

⁵⁵ Na Fisiologia, por exemplo, Harvey descreve no século XVII a circulação do sangue baseado em imagens mecânicas como bombas, válvulas, canais, seguindo muito da engenharia hidráulica da época. O sangue é visto como canais (veias, artérias), num circuito fechado em que o coração é uma bomba vital (LUZ, 2004).

⁵⁶ LUZ, 2004.

que se retroalimentam no imaginário social sobre modos de abordar e ordenar a vida, a saúde e a doença⁵⁷.

As Biociências, como parte dessa racionalidade, figuram no cenário social - não como antídoto para o adoecimento e degradação moral, mas como um dos principais (re)produtores de padrões de sugestionamentos e aprisionamento social, ao promover a dependência à medicalização e aos procedimentos biotecnológicos como meios de preservar e maximizar a vida e a saúde⁵⁸.

Uma das preocupações no campo da Saúde Coletiva é a crescente homogeneização do discurso sobre a saúde e a vida, alavancada pela tendência de aceitar o que é divulgado sobre a atividade científica sem questionamentos. Consequência da imagem de "isenção" e "objetividade" conquistada historicamente pela Ciência como fonte factual inquestionável a partir de suas metodologias. Há uma tensão social constante pelo fato de o modelo biocientífico interferir na ordem da vida - postura que se estende à totalidade dos conhecimentos gerados pelo conhecimento tecnocientífico, como racionalidade objetiva do pensar, intervir e planejar a vida ambiental, individual e social⁵⁹.

Como aponta Foucault⁶⁰, o poder não está localizado em nenhum ponto específico da estrutura social - ninguém é seu titular, pois existindo poder ele se exercerá. Dessa forma, o saber hegemônico normatizador biocientífico impõe regras e modelos de comportamentos e se constitui no imaginário, ganhando materialidade social por meio de representações e práticas.

Posição que reverbera fortemente numa sociedade embasada por ideais de tecnologia, imediatividade e instantaneidade, bem como o individualismo e pela busca do poder de uns sobre outros. São categorias sobre o

⁵⁷ LUZ, 2004; LUZ, et al, 2013.

⁵⁸ LUZ, 2013.

⁵⁹ LUZ, 2008; LUZ, SABINO e MATTOS, 2013.

⁶⁰ FOUCAULT, 2000.

agir e viver humanos que interferem objetivamente em diversas dimensões da vida social como a política, a ética e a cultura⁶¹.

A racionalidade científica ocidental ganhou muita força sobre imaginário contemporâneo. Significados e sentidos sociais são constantemente invadidos e "formatados" por imagens, representações e modos de sentir racionalizados transmitidos pelos saberes científicos, suas concepções e ideologias⁶². Os valores compartilhados coletivamente e inseridos no imaginário replicam-se nas instituições, como as de saúde (ensino e serviços). Com isso, há uma normalização das noções de saúde-doença a partir de conhecimentos biológicos, estatísticos ou até mesmo sociológicos em detrimento de um olhar mais abrangente sobre os fins, os resultados das intervenções e das práticas sanitárias⁶³. Apreender o que está sendo lançado ao imaginário coletivo é uma forma também de contribuir para a sobrevivência de outras formas de produção do cuidado que não necessariamente as do saber biomédico.

Quando falamos em saúde e em vida, sob o olhar da Saúde Coletiva, não estamos apenas tratando do adoecer e do morrer, mas dos mais diferentes momentos da vida, e não apenas a vida biológica⁶⁴. Como bem sintetizam Akerman e Feuerwerker (2012), saúde é "um produto da história, da cultura, da organização social e envolve as condições de vida e trabalho"⁶⁵. Também está relacionada ao espaço onde as pessoas moram, se alimentam, bem como expressam suas subjetividades, valores e relações afetivas.

A Saúde Coletiva, devido a sua amplitude de atuação, se insere na reflexão e produção de práticas sociais de saúde⁶⁶. Busca inserir as pessoas e

⁶¹ PINHEIRO e MATTOS, 2007.

⁶² LUZ, SABINO e MATTOS, 2013, p. 241.

⁶³ CAMPOS et al.,1994 apud PINHEIRO e MATTOS, 2007.

⁶⁴ Em muitos momentos, a Saúde Coletiva se posiciona no intuito de promover perspectivas que levem em consideração as dimensões socio-humanas, rompendo com a imagem do hospital como único espaço de cuidado em saúde (FOUCAULT, 2000), no qual apenas a figura dos profissionais de saúde, em especial o médico, são reconhecidos como detentores exclusivos do saber sobre a vida e a saúde.

⁶⁵ AKERMAN e FEUERWERKER,2012, p. 172.

⁶⁶ Por isso, muitas vezes, a atuação da Saúde Coletiva também se faz no ativismo e na militância para defender valores e garantir que os avanços conquistados pelo movimento sanitário de criação do Sistema Único

os grupos sociais como protagonistas nas mais diferentes instâncias do sistema e dos serviços de saúde⁶⁷. Enquanto campo científico constitui-se como núcleo de saberes e práticas sociais a partir da contribuição de diversos campos disciplinares articulados com o intuito de trabalhar o conjunto das necessidades sociais de saúde⁶⁸. Procura aproximar outros campos de conhecimento num mosaico complexo, capaz de compreender melhor os problemas e proposta de práticas de cuidado que ultrapassam os limites de cada campo disciplinar⁶⁹.

Ao abordar conceitos como utopia, retórica, imaginário - estudados pelas Ciências Humanas e Sociais – queremos contribuir para o debate da Saúde Coletiva para a melhoria do cuidado e das gestões no sistema de saúde. Exatamente por entendê-la como um espaço multi e interdisciplinar é que podemos identificar possibilidades a serem exploradas a partir dos cruzamentos desses campos de conhecimentos, tendo a Comunicação e a Sociologia como suportes para estudar os modos como o saber biocientífico é compartilhado com o público leigo por meio da mídia.

A Comunicação desempenha o papel não apenas de transmissora de ideias e informações, mas de construtora de sentidos e representações sobre o mundo, no intuito de proporcionar o entendimento entre as pessoas. A comunicação é, ao mesmo tempo, causa e consequência do desenvolvimento histórico e social da ciência, uma vez que ela objetiva tornar acessível a toda sociedade fatos cotidianos dela consequentes⁷⁰.

Por essa responsabilidade, temos um papel pedagógico nas práticas midiáticas na prevenção de doenças e na promoção da saúde, na medida

de Saúde no Brasil, na Constituição de 1988, não seja descontinuado pelo olhar biocientífico embasado apenas no cuidado focado na patologia e em interesses que não resguardam o usuário na complexidade de suas dimensões de atenção.

⁶⁷ AKERMAN e FEUERWERKER, 2012, p.173.

⁶⁸ DONNANGELO, 1983 apud AKERMAN e FEUERWERKER., 2012, p.171.

⁶⁹ NUNES, 2006.

⁷⁰ MELO, 2010.

em que proporciona uma mudança no comportamento dos indivíduos, alterando a estrutura cognitiva e desencadeando ações de cuidado⁷¹.

Por outro lado, há que se observar que, ao repetirem continuamente imagens e narrativas, instituem juízos e modos de reagir a dilemas morais na sociedade contemporânea, influenciando na eventual adoção pública de medidas supostamente protetoras, sem garantias de real eficácia⁷².

A ambiguidade que provoca efeitos na sua audiência também se reflete nas promessas de previsibilidade e controle - numa representação otimista dos avanços biotecnológicos, mas que ao mesmo tempo também promove 'más notícias' quanto a perigos originários de descobertas apresentados por periódicos biomédicos e epidemiológicos⁷³.

Esses fluxos de informações seguem, muito frequentemente, estratégias informacionais de poder, especialmente poder simbólico⁷⁴ e biopoder⁷⁵, estabelecidas a partir do lugar da fala de quem transfere a informação. Nessa perspectiva, constituem-se por meio do próprio discurso, da imagem, do contexto social em um tempo e espaço históricos. Atuam na imposição ou legitimação da informação a partir da perspectiva institucional das organizações e no o sistema de saúde como um todo⁷⁶.

Do ponto de vista histórico, a Comunicação em Saúde tem sido socialmente prerrogativa informacional das instituições, que dela se valeram para apoiar a implantação de suas políticas, divulgando ações e prescrevendo comportamentos⁷⁷. À população, como usuária, não foram facultados meios

⁷¹ MORAES, 2008.

⁷² CASTIEL, 2003.

⁷³ Idem.

⁷⁴ BOURDIEU, 2010.

⁷⁵ "As relações de poder teriam uma funcionamento positivo cuja obrigação principal seria a incitação à produção de formas de relação consigo mesmo por meio de um controle minucioso dos gestos, do corpo do espaço e do tempo. Vemos aí se formar uma concepção produtiva do poder de um afastamento de sua concepção jurídica - mais do que reprimir o poder se exerceria pela objetivação da realidade, isto é, pela criação de modo de se relacionar consigo e com o mundo". (FOUCAULT, 2000, p. 69).

⁷⁶ MORAES, 2008.

⁷⁷ Não estamos interessados neste estudo nas práticas institucionais das assessorias de comunicação ou nos métodos de divulgação pela mídia. Queremos reforçar a importância da Comunicação Social como ferramenta a serviço da Saúde Coletiva na construção de representações sociais sobre a saúde e a vida.

e canais de expressão, como reflexo do foco direcionado para a comunicação em massa - vertical e institucionalizada. Coube ao público somente o lugar de 'receptores' da comunicação institucional⁷⁸.

Observando a produção de discursos e saberes na saúde percebemos seu potencial normativo e gerenciador da vida humana⁷⁹. Na prática cotidiana da saúde, porém, a comunicação não deve se limitar a divulgar dados e valorizar um marca institucional ou noticiar um determinado fato ou saber científico e técnico sobre o cuidado, mesmo que não seja de forma planejada e 'autorizada'⁸⁰. Constitui-se em direito de todos os cidadãos o conhecer os fenômenos do viver, do adoecer, do cuidar-se, e do morrer em benefício de sua autonomia para produzir/conduzir sua própria saúde⁸¹.

Pelo viés de inúmeros protagonistas e participantes do espaço social, não podemos pensar a comunicação como exclusividade de comunicadores - embora seja necessário o conhecimento especializado desses profissionais para melhor comunicabilidade. Há a necessidade de se estimular uma maior participação dos indivíduos no espaço da produção social dos sentidos . Uma redistribuição dessas capacidades de interlocução não significa criar igualdade de competências, mas "criar condições para que a polifonia social seja ouvida e de fato considerada"⁸².

Aproximarmos a Saúde Coletiva em abordagem interdisciplinar com a Comunicação Social e a Sociologia⁸³ provocará reflexões sobre a composição social, sobre mecanismos relevantes de comunicação para o cotidiano do cuidado, das relações de poder na gestão e na educação em saúde, bem como compreender melhor os processos midiáticos que propõem representações e normatividade sobre indivíduos e coletividades⁸⁴.

⁷⁸ ARAÚJO e CARDOSO, 2007, p. 62.

⁷⁹ FOUCAULT, 2000.

⁸⁰ ARAÚJO e CARDOSO, 2007, p.73.

⁸¹ AKERMAN e FEUERWERKER, 2012, p. 175.

⁸² ARAÚJO e CARDOSO, 2007, p.73-82; MACHADO e DA SILVA, 2012.

⁸³ LUZ, SABINO e MATTOS, 2013.

⁸⁴ CECCIM et al., 2008/2009; LUZ, 2013; SFEZ, 1996; FOUCAULT, 1989.

DISCALCULIA

PROBLEMAS NAS OPERAÇÕES MATEMÁTICAS
NÃO SÃO PROBLEMAS MATEMÁTICOS

TONTURA

EFEITO COLATERAL E CAPAZ
DE CAUSAR A MORTE

DEPRESSÃO

DESCOBERTAS CIENTÍFICAS AJUDAM
A COMPREENDER O DISTÚRBO

SCIENTIFIC AMERICAN

mente ¹⁰ cerebro

psicologia • psiquiatria • neurociência

ESPECIAL
PSICOLOGIA DA
DIVERSIDADE



DE CÉREBRO PARA

CÉREBRO

O que há pouco tempo
era ficção científica pode
acontecer na realidade: é
possível comunicar-se
pelo pensamento

CAPÍTULO 2





**Retórica no imaginário da
divulgação científica:
representações na
produção de verdades**

A vitrine das bancas se destaca no espaço urbano da sociedade contemporânea como uma difusora de mensagens da produção voltada para comunicação de massa, difundindo publicações que alimentam e consolidam o imaginário social. Nesse cenário, a capa das revistas é reconhecida no campo da Comunicação Social como um espaço nobre para criar um convite enfático (e eficaz) à leitura. Permeada de estratégia de retórica, de 'sedução', busca estabelecer o convencimento do leitor para a efetivação de sua relação com o produto revista e sua aquisição, seja pela compra do exemplar no ato ou pela fidelização por meio de assinatura a longo prazo⁸⁵.

A mídia⁸⁶ adquiriu na sociedade contemporânea um papel fundamental no processo de construção e circulação de repertórios imaginários, sendo fluente entre o público, por conseguinte, influenciando o cotidiano das pessoas. Os acontecimentos, informações e descobertas ganham uma visibilidade sem precedentes ao ganharem o espaço midiático⁸⁷. Como salientara Luz (1986), os jornais são veículos de socialização dos fatos, das normas, do suceder na sociedade e, ao mesmo tempo, um agente institucional organizador do espaço social⁸⁸.

Por mídia, também compreendemos uma dimensão contextual – temporal e espacial – na medida em que esses produtos são "fenômenos sociais com aspectos técnicos e comunicativos e propriedades estruturadas e estruturantes"⁸⁹. Contribui, portanto, para a solidificação e a divulgação de um tipo específico de identidade; esta promove um primeiro contato motivador

⁸⁵ Relatos de vendedores de bancas de revistas de Porto Alegre - entrevistados informalmente pelo projeto que dá origem a este presente estudo ("A Ciência como Cultura no Mundo Contemporâneo: Divulgação Midiática de Saberes Científicos e Construção do Imaginário Social ", desenvolvido no PPGCOL/UFRGS), constataram que muitas pessoas, ao cruzarem pela banca, acabam atraídas por alguma capa em especial, param e compram um exemplar. Em contraponto, os comerciantes apontaram ser menos frequente a efetivação da compra por aqueles que entram na banca à procura de alguma edição específica (LUZ et al., 2013).

⁸⁶ O espaço midiático se constitui em canal de informação, caracterizado por ser constituído por textos e imagens publicados em jornais, revistas ou livros (MEDRADO, 2000).

⁸⁷ MEDRADO, 2000.

⁸⁸ LUZ, 1986.

⁸⁹ THOMPSON apud MEDRADO, 2000.

de um tema, tendências, avanços científicos e tecnológicos, com o público leitor⁹⁰.

A relação, no entanto, não se limita às trocas de mercado. Exposta em forma de cartaz, as vitrines das bancas formam um mosaico de capas de revistas, carregadas de imagens e palavras de comando que induzem a determinados comportamentos e tendências de vida. Nessa plethora de mensagens⁹¹ há uma oferta significativa de sentidos e normas sobre a vida e o viver, produzidas e reafirmadas no imaginário coletivo. O simbólico é reforçado a cada mês com a chegada de novas edições, num 'diálogo' constante e cotidiano com outras enunciações no espaço social⁹².

A mídia, desse modo, se constitui num sistema cultural complexo, predominantemente simbólico. O nível simbólico *estruturante da cultura* constitui-se de *sentidos, signos e significados*, discursivos ou não, socialmente produzidos e partilhados, referentes ao conjunto de significantes culturais universalmente presentes. Embora portadoras de sentidos, as mensagens resultantes nem sempre são constituídas de palavras⁹³.

Segundo Bourdieu (2010), o poder simbólico é o poder de constituir o dado pela enunciação, "de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão do mundo e, deste modo, a ação sobre o mundo"⁹⁴. Um poder quase mágico, que permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força (física ou econômica), graças ao efeito específico de mobilização, só se exerce se for reconhecido, quer dizer, ignorado como arbitrário.

⁹⁰ FREITAS, 1999.

⁹¹ LUZ, SABINO E MATTOS, 2013; LUZ et al; 2013.

⁹² Bourdieu (2010) define *espaço social* como local de representação multidimensional e relacional da estrutura da sociedade, de acordo com o volume e estrutura do capital (econômico, cultural) em posse das diferentes classes sociais em conflito. Ultrapassa as concepções naturalizantes do conceito de mundo social, que tendem a coisificar entidades ou oposições conceituais - que para Bourdieu são apenas projeções dos valores e categorias dominantes do momento (classes, possuidores/despossuídos, povo...). Essas coisificação favorece a ignorância da verdadeira lógica da dinâmica social.

⁹³ LUZ, et. al, 2013; LÉVI-STRAUSS, 2003, EPSTEIN, 1985, BARTHES, 2007, JOLY, 1994; MOLES, 2004.

⁹⁴ Bourdieu (2010) também fala do poder simbólico como um poder de construção da realidade que tende a estabelecer uma ordem *gnoseológica*: o sentido imediato do mundo (em particular do mundo social), uma concepção homogênea do tempo, do espaço, do número, da causa, que torna possível a concordância entre as inteligências, dialogando com Durkheim.

Os símbolos, ainda segundo Bourdieu (2010), são instrumentos por excelência da 'integração social': enquanto instrumentos de conhecimento e de comunicação, eles tornam possível o *consensus* acerca do sentido do mundo social que contribui fundamentalmente para a reprodução da ordem social: a integração lógica é a condição da integração moral.

"O poder simbólico, poder subordinado, é uma forma transformada, quer dizer, irreconhecível, transfigurada e legitimada, das outras formas de poder: só se pode passar para além da alternativa dos modelos energéticos que descrevem as relações sociais como relações de força e dos modelos cibernéticos que fazem delas relações de transformação que regem a transmutação das diferentes espécies de capital em capital simbólico, e em especial, o trabalho de dissimulação de transformação (numa palavra de eufemização) que garante uma verdadeira transubstancialização das relações de força fazendo ignorar-reconhecer a violência que elas encerram objetivamente e transformando-as assim em poder simbólico, capaz de produzir efeitos reais sem dispêndio aparente de energia" (BOURDIEU, 2010, p.15).

Nesse compartilhar de imagens e textos, são reforçadas representações sociais que difundem esquemas mentais coletivos e individuais, elaborados a partir das relações sociais vigentes, segundo Luz (1998). Condiçionam, desta forma, padrões de atitudes, sentimentos, ações e interações. Essas representações sociais são vividas pelos sujeitos humanos, o que implica necessariamente num aspecto subjetivo, isto é, de absorção, interiorização e elaboração pelos sujeitos nas mais diversas situações de vida. São também vividas por grupos, adquirindo também um aspecto objetivo, isto é, de natureza social coletiva, portanto, cultural, sujeito a historicidade da mudança.

Spink (1996) afirma que as *representações sociais* cobrem toda a gama dos domínios do agir, do pensar e do sentir, intercomunicando os planos psíquico e social dos sujeitos, criando laços estáveis. Numa teia simbólica, forma um conjunto de regras sociais estabelecidas, na sua diversidade e nas suas contradições. Não há univocidade de sentido nem homogeneidade de intenções e significados nesse conjunto de representações sociais em uma cultura dada⁹⁵.

"Uma certa ambiguidade de imagens e sentidos permite, pelo contrário, o consentimento e a permanência em um número maior de membros da socie-

⁹⁵ LUZ, 1998.

dade desta matéria-prima da coesão social que são as representações sociais. Além disso, as representações nunca se apresentam isoladas, tendo a se associarem, formando corpo, isto é, constituindo gestalts simbólicas que tendem, por sua vez, a se transformar em concepções que se ancoram e solidificam nos diversos grupos e classes sociais, constituindo-se em verdadeiros sentidos comuns estáveis, de difícil transformação histórica" (LUZ, 1998).

O imaginário social constitui, pelo simbólico, uma dimensão real da sociedade que mobiliza de maneira afetiva as ações humanas e legitima coletivamente essas ações. Durand (1993) define imaginário⁹⁶ como um conjunto de imagens e relações de imagens que constitui o capital pensado do *homo sapiens* pela simbolização⁹⁷. Já Maffesoli afirma que o imaginário se constitui pela ideia de fazer parte de algo, de partilhar uma filosofia de vida, uma linguagem, uma atmosfera, uma ideia de mundo, uma visão das coisas, na encruzilhada do racional e do não-racional. É também um estado de espírito de grupo⁹⁸, de uma comunidade, promovendo um vínculo - um cimento social⁹⁹.

Nesse contexto em que o mundo contemporâneo dá um valor considerável para o *universo simbólico* em suas relações, o ideal de saúde e vida ganhou uma potência que se alia à busca incessante pela máxima eficiência biológica e pela felicidade plena a todo o instante. Consolida-se por meio de representações sociais pós-modernas que reforçam a crença em uma utopia que vislumbra a saúde perfeita¹⁰⁰. O imaginário sobre as Biociências tende, então, a constituir-se em um conjunto complexamente sistemati-

⁹⁶ O imaginário de que falamos não é o oposto do real, algo fantasioso ou imaginativo, mas sim o imaginário que está no âmbito das ideias, como introjeção do real, processando a aceitação inconsciente, ou quase, de um modo de ser compartilhado pelos outros. Diferente do imaginado - projeção irreal que poderá se tornar real -, o imaginário emana do real, estrutura-se como ideal e retorna ao real como elemento propulsor (SILVA, 2006).

⁹⁷ DURAND, 1993; SILVA, 2012, p.134.

⁹⁸ "...o grupo, na concepção de Maffesoli, é tomado como um indivíduo de múltiplas cabeças, um ente polissêmico, fraturado, mas de vontade praticamente única. (...) ... o imaginário, tribal, retira o indivíduo da solidão para inseri-lo numa atmosfera de partilha. Assim, ao produzir sentido grupal, o imaginário só poderia ser a negação do indivíduo pela sua assimilação num todo aconchegante e orientador. A autonomia individual, porém, não desaparece, pois o imaginário não é um determinismo" (SILVA, 2006, p. 11-12).

⁹⁹ MAFFESOLI, 2001.

¹⁰⁰ SFEZ, 1996.

zado e híbrido de imagens, representações, palavras e ações construídos e socialmente partilhados¹⁰¹.

No entanto, é da *imagem* que muito do universo simbólico com o qual convivemos nos dias atuais está constituído. A fotografia, o jornal, o cartaz, o cinema e a televisão, sem mencionar a tela da internet, entre outros, constituem, pela imagem, uma nova forma de mundo exterior ao sujeito. Trata-se de um mundo totalmente artificial, embora construído pelo homem contemporâneo à nossa volta e que constitui a cultura¹⁰².

Joly (2005) define *imagem*¹⁰³ como um instrumento de comunicação - signo - que "exprime ideias" por um processo dinâmico de indução e de interpretação. Caracteriza-se pelo seu mecanismo - a analogia com o representado e seus diferentes aspectos - mais do que pela sua materialidade. Lembra que o uso corrente da palavra "imagem", remete prioritariamente para imagens visuais (televisão, pintura, cinema, fotografia, desenho, imagens digitais)¹⁰⁴. Serve também para falar da "imagem de si", de "imagem de marca" e até "imagens mentais". Podemos compreender a imagem não por sua materialidade comum, mas por um modo de funcionamento comum, que consiste em retomar ou em fabricar como se retomássemos as qualidades do objeto ou associá-los ao objeto.

A imagem dirige nossa percepção, e as legendas (palavras) associadas a elas reforçam o que (1994) chama de "valor de exposição". Para Pierce¹⁰⁵, a imagem é o sinal icônico que estabelece uma semelhança qualita-

¹⁰¹ FOUCAULT, 1999; WEBER, 2004; MERTON, 1973; BOURDIEU, 2010; 2004; LUZ, SABINO e MATTOS, 2013; DURAND, 1993.

¹⁰² MOLES, 2004, p.15.

¹⁰³ Na Antiguidade, Platão, se referia a imagem como "imitação medíocre da realidade, sombra imperfeita", Aristóteles como "imitação pela arte, pelo prazer, pela verdade". As religiões cristãs chamam de "ícones" às imagens religiosas independentemente da sua técnica. Imagens pintadas de Cristo, Virgem Maria, dos anjos e santos são objeto de culto. No Islamismo, a arte contém, a par da arte caligráfica e geométrica, imagens figurativas representando em abundância a natureza e seres animados, animais ou personagens (JOLY, 2005).

¹⁰⁴ A fotografia, na modernidade, e posteriormente as imagens digitais geradas por computação gráfica, assim como o filme película, o vídeo e todo o tipo de imagem resultante de um registro direto, são considerados, desde o século XIX, como "imitações perfeitas da realidade", devido suas técnicas de processamento mecânico e objetiva da imagem. Diferente da arte, pode ser reproduzida, perdendo a unicidade constitutiva da obra de arte (BENJAMIN, 1994).

¹⁰⁵ in JOLY, 2005, p. 49.

tiva entre o significante e o referente. Ela imita ou retoma um certo número de qualidade do objeto: forma, proporções, cores, textura, etc.

Em diversos momentos da produção midiática, a *retórica*¹⁰⁶ aparece como dispositivo de convencimento que interfere na distribuição dos elementos, sejam textuais ou visuais, no intuito de potencializar *sugestionamentos* e *disparar comandos*¹⁰⁷. Possui um caráter indutor de atitudes, opiniões e comportamentos que nos direciona para o que nos convém ler e proceder¹⁰⁸. Luz et al. (2013) apontam três momentos em que o convencimento do público comprador acontece:

"[...] 1° pela "captura visual", em que o olhar do futuro leitor é atraído para a imagem; 2° pela "sedução pelo olhar", em que o leitor se volta para o conjunto palavra/imagem e dela "toma conhecimento"; 3° o convencimento retórico através da mensagem visual: o leitor acredita no que vê e quer se informar" (LUZ et. al., 2013).

O objetivo da retórica é produzir, na pessoa a quem se dirige o discurso, um conjunto de convicções que induzirá certas condutas. A força argumentativa está no convencimento, independentemente do compromisso com a verdade ou com o dizer verdadeiro¹⁰⁹, na perspectiva de Foucault (2000). A retórica é um discurso eficaz que busca constranger o outro, para que esse seja levado na direção do que o interlocutor propõe em sua narrativa e performance discursiva.

O poder de convencimento da palavra é reforçado pela imagem, ao mesmo tempo em que a impressão causada pela imagem é fortalecida pe-

¹⁰⁶ A retórica era definida e praticada na Antiguidade como uma técnica/arte que concerne à maneira de dizer as coisas. Um conjunto de procedimentos que permitem, a quem fala, dizer alguma coisa que não seja necessariamente verdadeiro ou nem mesmo aquilo que ele pensa. A retórica segundo Aristóteles (1998) tem três finalidades principais: 1) influenciar a escolha; 2) influenciar o julgamento; 3) comover. (LUZ et al., 2013).

¹⁰⁷ Deleuze e Guattari (1995) chamam palavras de ordem não uma categoria particular de enunciados explícitos (por exemplo, no imperativo), mas a relação de qualquer palavra ou de qualquer enunciado com pressupostos implícitos, ou seja, com atos de fala que se realizam no enunciado, e que podem se realizar apenas nele. As palavras de ordem não remetem, então, somente aos comandos, mas a todos os atos que estão ligados aos enunciados por uma "obrigação social".

¹⁰⁸ WELLER e BASSALO, 2011.

¹⁰⁹ Metodologicamente, nos interessa muito mais o "tom convincente" do discurso que a veracidade de seu conteúdo, seja em termos informativos, comunicativos ou ideológicos. Tampouco estamos interessados em fazer uma análise linguística estrutural clássica, ou fazer uso de recursos da semiótica. Interessa-nos compreender como a simbiose imagem/palavra sobre vida, saúde e doença exerce convencimento sobre os sujeitos, originado da retórica das revistas de divulgação científica (LUZ et al., 2013).

lo texto, especialmente pelo “tom” da palavra. Deste modo, a *simbiose imagem/palavra* é a chave para construir e veicular a mensagem que deve convencer o público de sua importância, e levá-lo a adquirir o produto que orientará suas ações em face da vida e da saúde. Este processo discursivo de convencimento foi denominado por Luz et al. (2013) como *retórica das imagens*, considerando o conjunto *imagem/palavra* como um *todo retórico*, isto é, em simbiose simbólica, em uma comunicação específica de mensagens, no contexto de transmissão de sentidos¹¹⁰.

O poder simbólico gerado nas chamadas de capa das revistas induz o *convencimento*, pelo qual o que está sendo dito e mostrado ao possível leitor é digno de crédito e deve ser *obedecido* pelo mesmo enquanto consumidor¹¹¹. Um exemplo é a forma como as revistas são distribuídas espacialmente nas prateleiras e expositores das bancas, formando um painel, ou “cartaz”, compondo uma vitrine que busca cativar o olhar do leitor/comprador¹¹². Um dos recursos usados é o de aproximar temas e gêneros de leitura similares, além de aumentar a visibilidade das capas¹¹³.

Uma característica que diferencia as revistas dos jornais é o fato de que as capas das revistas não necessitam exclusivamente de notícias quentes e exclusivas, não devendo estar apoiada no imediatismo. A editoria precisa desenvolver a sensibilidade para enxergar as possibilidades que se pode encontrar em uma pauta de forma convidativa. Além disso, deve explorar a criatividade e a composição visual, a partir das fotografias, que convidam o leitor a participar do conteúdo da revista¹¹⁴.

As capas das revistas impressas, através das imagens e legendas nelas impressas, assumem, por sua disposição e estilo de fotos e palavras-chave,

¹¹⁰ LUZ et al, 2013; MOLES, 2004.

¹¹¹ SFEZ, 1996; BOURDIEU, 2010; LUZ et al., 2013.

¹¹² Na tentativa de atenderem às expectativas dos leitores, e de se anteciparem às concorrentes, as editoras procuram despertar uma curiosidade, no leitor, que pode, então, querer ou não comprar a revista. Podemos observar que as escolhas de imagens por jornalistas irão ilustrar as informações ali contidas, exercendo um efeito de evidência poderoso no qual o discurso parece designar uma realidade indiscutível. Produto de um trabalho mais ou menos explícito de seleção e construção. (LUZ et al., 2013).

¹¹³ LUZ et al, 2013; MOLES, 2004.

¹¹⁴ MELLO, 2010.

um caráter indutor de representações, atitudes, opiniões e comportamentos, constituindo-se em um construto simbólico que nos induz ao que nos convém ler e proceder¹¹⁵.

Isso nos remete à análise da retórica das imagens das capas que, juntamente com as expressões utilizadas nas chamadas, fazem menção direta ao tema de convencimento da matéria publicada no interior do periódico. Podemos perceber que certas imagens associadas a palavras de ordem, estampadas nas capas, funcionam no sentido de sugerir e estimular, no leitor, a compra da revista, apesar de ninguém poder “obrigá-lo” a tal. A lógica da persuasão se impõe, sem que percebamos, como um mecanismo para atender às necessidades que operam no mercado e são dominantes na sociedade atual.

A mídia entra como uma grande produtora de sentidos no espaço simbólico do imaginário, envolvendo práticas sociais de caráter discursivo, constituídas por grupos específicos, responsáveis pelo processo de construção e circulação de significados. Como domínio de saber, a produção midiática segue regras formais – normatizadas por manuais ou aprendidas sob forma de *habitus* no cotidiano da prática profissional. Nesse processo, os conteúdos acabam sofrendo interferência nos sentidos pela reconfiguração gerada pelas estratégias da retórica midiática¹¹⁶.

Sentidos que, muitas vezes, são tomados como verdadeiros pelo público em virtude de uma correspondência, no senso comum, entre representação e verdade¹¹⁷. Na prática desses profissionais, há uma preocupação pela validação dos dados repassados pelas fontes, como garantia de credibilidade e de respaldo à veracidade da informação. Isso leva, no entanto, os repórteres e editores dar ampla importância a dados técnicos e estatísticos¹¹⁸.

¹¹⁵ WELLER e BASSALO, 2011; LUZ et. al., 2013.

¹¹⁶ MEDRADO, 2000.

¹¹⁷ LUZ et al, 2013.

¹¹⁸ MACHADO e COSTA, 2012.

A prática jornalística tem supervalorizado as interpretações técnicas e especializadas, como se a precisão científica e matemática fosse a única forma de abordagem dos assuntos. A questão é que, firmar-se unicamente no referencial biocientífico pode encerrar a possibilidade de contato com outras perspectivas. Percebe-se, então, a necessidade de rever inclusive a inserção de outras fontes na produção midiática sobre a saúde, no intuito de questionar a (re)produção de imagens pré-concebidas por parte dos jornalistas, elencadas a partir do imaginário sobre o tema.

A ciência¹¹⁹, tomada como *dispositivo de produção de verdades*¹²⁰, também considera sua produção como “pura” do ponto-de-vista da verdade, em princípio só têm peso epistemológico e gera convencimento após o processo de experimentação/demonstração. Ao mesmo tempo, esta mesma ciência - influenciada por suas *crenças, dogmas e ideologias* enraizadas em princípios doutrinários - pode alimentar ainda seus processos de convencimento pela via discursiva da *retórica*¹²¹. Diminui-se assim o valor simbólico da *demonstração científica*, tida como fundamental pela tradição racionalista cartesiana, aproximando o caráter epistêmico da ciência ao da crença e da ideologia¹²².

Em meio a todo esse contexto de compartilhamento do conhecimento e do saber acadêmico, há a *divulgação científica*. Este gênero insere no cenário editorial das bancas de revista o que há de mais nobre no conheci-

¹¹⁹ Caracterizamos, neste estudo, o conjunto de dispositivos de produção de verdades por ciência, ideologia e crença, todos atuando como processadores estruturais da matéria-prima simbólica, constituída tanto por elementos de linguagem (texto verbal e não-verbal, enunciados e imagem/palavra) e semióticos (signos, significantes e símbolos). Sugerimos, que a matéria-prima simbólica, ao ser processada pelos diferentes dispositivos, assume diferentes configurações, que pode ser colocada no lugar de *produção da verdade*: episteme, parresia e tecne; ou, no plano de *produção da doxa*: retórica e tecnociência. (LUZ et al, 2013; LUZ et al., 2015 (artigo submetido à Revista Interface, produzido a partir do relatório de pesquisa, finalizado em dezembro de 2014).

¹²⁰ Segundo Foucault (2000), o dispositivo de produção de verdades atua como um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Para Foucault, o dito e o não-dito são elementos básicos do dispositivo simbólico. O dispositivo é a rede que se pode tecer entre estes elementos. (LUZ, et al., 2013).

¹²¹ A força dos dispositivos *ideologia e crença* pode, no entanto, gerar também convencimento com uma magnitude igual ou até mesmo maior que a ciência enquanto processo de convencimento. (LUZ, et al., 2013)

¹²² LUZ, et al., 2013.

mento científico produzido nas universidades - não apenas pelas Biociências. Voltadas a leitores leigos, em geral de educação superior¹²³, que dominam os mesmos conceitos e jargões técnicos, convivem nos mesmos espaços sociais ou acessam veículos especializados (congressos ou revistas científicas, por exemplo) ¹²⁴.

Por divulgação científica entendemos a informação de ciência e tecnologia (C&T) produzida e publicada por cientistas/especialistas, no espaço da mídia, por meio de revistas. Tem como meta – às vezes explícita - a educação científica a partir do compartilhamento do conhecimento. No Brasil¹²⁵, a divulgação científica vem ganhando espaço principalmente pela criação de sociedades e grupos de fomento à pesquisa, que encontraram nas editoras um espaço importante para publicação especializada¹²⁶.

Vale diferenciar a *divulgação científica* da difusão científica (ou ainda comunicação científica) - que também não é objeto deste estudo. A *difusão científica* compartilha a produção acadêmica em periódicos dedicados a pequenos grupos de pares (*peer groups*), que partilham objetos de pesquisa¹²⁷. São publicações voltadas para especialistas familiarizados com os temas, os conceitos e o próprio processo de produção em ciência¹²⁸. É pela difusão científica que a produção dos pesquisadores é tomada como matéria-prima para o desenvolvimento científico, e segue rigores e ritos característicos do modelo acadêmico.

¹²³ Não há dados estatísticos na primeira fase da pesquisa quanto ao público-leitor (pesquisa de recepção), porém podemos observar que as revistas trazem conceitos e autores sem uma contextualização ao público não-iniciado no tema abordado. Além disso, são oferecidas leituras complementares que aprofundam ainda mais o conteúdo - sem intenção de aproximar os leitores não-universitários, como se propõe as revistas de comunicação de massa (LUZ et al. 2013).

¹²⁴ BUENO, 2010; MELLO, 2010.

¹²⁵ As revistas de divulgação em ciência e tecnologia de maior prestígio no Brasil foram criadas a partir da década de 1980, como a *Ciência Hoje*, a *Superinteressante*, a *Galileu*, a Revista *Pesquisa FAPESP*, a edição brasileira da *Scientific American* e o relançamento da *Ciência e Cultura*, da SBPC. Diferem dos periódicos de difusão científica que apresentam resultados de pesquisas entre os pares (BUENO, 2009).

¹²⁶ BUENO, 2010.

¹²⁷ LUZ et al, 2011.

¹²⁸ BUENO, 2010.

Há também o jornalismo científico¹²⁹, este produzido por jornalistas a partir de informações coletadas de fontes do campo científico (cientista, pesquisador ou, de maneira geral, um centro de produção de C&T – universidades, empresas e institutos de pesquisa)¹³⁰. Incorpora novos elementos jornalísticos ao processo de circulação de massa das informações científicas e tecnológicas¹³¹.

A mediação pelos jornalistas costuma aumentar o nível de ruídos com os cientistas, tornando o processo de jornalismo científico um ambiente tenso¹³². Cientistas acusam os comunicadores, de maneira geral, de imprecisão e de incapacidade de decodificar a informação com o mesmo rigor usado nas ciências, especialmente pelo uso de estratégias de linguagem como metáforas¹³³ e analogias. Também consideram que a mídia privilegia a espetacularização da notícia em prol de melhores índices de audiência em detrimento da completude da informação. Com frequência, afirmam “não ter declarado” aquilo que aparece na mídia por entenderem que essas adaptações no discurso podem levar a erros e simplificações pela descontextualização dos processos desenvolvidos nas pesquisas¹³⁴.

Há, por outro lado, uma crítica por parte dos jornalistas quanto a dificuldade da comunidade científica em se comunicar com o público leigo,

¹²⁹ O jornalismo científico teve suas primeiras experiências ainda nos séculos XVI e XVII, porém o crescimento dos espaços dedicados às publicações de artigos científicos, em jornais, aconteceu paralelamente ao aumento do número de periódicos e revistas ligados ao assunto, principalmente, no período das duas grandes guerras do século XX, quando os jornalistas passaram a concentrar grande parte de seus relatos sobre ciências nas novas formas de tecnologias (BUENO, 2010).

¹³⁰ BUENO, 2010.

¹³¹ A quase totalidade dos periódicos jornalísticos especializados (agropecuária, informática, biotecnologia etc.) também foi lançada nos últimos 20 anos, como a *Globo Rural*. Muitos cadernos/editoriais de Ciência e Tecnologia dos nossos jornais também são posteriores à década de 1980. Ainda aparecem os programas de televisão, nesse mesmo período como o *Globo Rural*, *Globo Ciência*, e posteriormente, em especial nos anos 2000 com canais dedicados ao tema como *Discovery* e *NatGeo (National Geographic)*, entre outros, na TV por assinatura (BUENO, 2009).

¹³² BUENO, 2010.

¹³³ Pierce percebeu que "a metáfora não como uma figura verbal mas com um mecanismo, como um processo de substituição, pondo em relação uma proposta explícita - ou revelada - posta em concordância com uma proposta implícita - ou não revelada - e mantendo com aquela relações de paralelismo qualificativo, ou de comparação implícita;; um processo que trabalha de novo para a analogia qualitativa (como a imagem) mas desta vez de maneira implícita e comparativa" (in JOLY, 2005, p.51)

¹³⁴ BUENO, 2010; MELO, 2010.

porque isto implica a necessidade de alterar o nível do discurso e simplificar certos processos ou conceitos, o que nem sempre os cientistas concordam. Uma linguagem mais complexa, pode inclusive a levar a uma "não-comunicação" ¹³⁵.

Independentemente da tensão entre cientistas e jornalistas, constata-se que há um crescente espaço para as Ciências na produção midiática. A participação da comunidade científica não está mais limitada ao agenciamento da pauta ou como avalizadora de informações. Nos deparamos com uma mudança significativa na composição dos expedientes¹³⁶ dessas publicações e na autoria dos artigos: a presença de conceituados pesquisadores acadêmicos na produção de conteúdo de revistas comerciais, espaço antes ocupado apenas por jornalistas¹³⁷.

Não se trata de pesquisadores iniciantes ou com fraca inserção no meio acadêmico. Pelo que Luz et al. (2013) puderam constatar - ainda que preliminarmente em suas atividades de campo - muitos dos nomes que figuram na divulgação científica são bem conceituados no mundo científico, inclusive alguns ganhadores do prêmio Nobel, ápice da honraria neste segmento. São pesquisadores que passaram a produzir artigos diretamente para o público leigo, num movimento contrário ao produtivismo verificado nas universidades - como meio de elevar pontuação nas instâncias acadêmicas inclusive pelas inserções nas revistas de difusão científica, bem como a participação em congressos e atividades acadêmicas.

Esse movimento mostra que há outras intenções e usos que merecem ser melhor observados - pode indicar simplesmente a abertura de um novo campo de publicação ou mesmo um ato de resistência para forçar com que o conhecimento científico seja compartilhado também fora da Universidade.

¹³⁵ BUENO, 2010.

¹³⁶ O expediente é o espaço de uma publicação onde é nominada a equipe de profissionais que produziram o periódico (pelo menos a direção, as chefias e as editorias), dados sobre a estrutura organizacional e dados de circulação, bem como faz referências a outras publicações do mesmo grupo editorial, endereços e telefones para contato, assinaturas, números atrasados etc. (MELLO, 2010).

¹³⁷ LUZ et al, 2013.

SCIENTIFIC AMERICAN

mente cérebro

psicologia | psicanálise | neurociência



CHOCOLATE
Por que é tão
difícil resistir



O que de fato funciona para

CAPÍTULO 3

Algumas técnicas de estudo ajudam a aprender mais rápido, enquanto outras só nos fazem perder tempo. Como diferenciá-las? Uma revisão inédita de estudos mapeou detalhadamente os melhores caminhos para adquirir conhecimento

ALZHEIMER E PARKINSON

Novas estratégias para levar
medicação ao cérebro

ALUCINÓGENOS

Os efeitos inusitados
do LSD e outras drogas

JOYCE MCDUGALL

O teatro do corpo pelo
olhar da psicanálise



O cérebro na divulgação científica: o caso da Revista Mente e Cérebro

As neurociências surgiram como disciplina há cerca de quarenta anos, a partir das experiências de psicólogos experimentais e neurocientistas. Hoje, compreendem diversas áreas, como a neurociência cognitiva, a neurogênese, a neurociência molecular, a genética psiquiátrica, o imageamento cerebral, neurotecnologia, entre outros¹³⁸. Caracterizam-se por explorar as estruturas e funcionamentos do sistema nervoso¹³⁹.

Como campo de conhecimento, ganham espaço cada vez mais significativo na pauta das revistas, programas de televisão e nas reportagens de jornais, fruto do investimento pesado em pesquisas no campo científico-acadêmico, com fortes financiamentos para estudos nessa área. Também se caracterizam pela expansão da cultura somática, o desenvolvimento das neuroimagens¹⁴⁰ e pela perspectiva de tratar o cérebro como o órgão definidor da identidade, como metáfora, o "lugar" da "alma"¹⁴¹.

O cérebro, no entanto, não ganhou protagonismo apenas pelo seu papel nas funções neuronais ou mesmo mentais. Vem se destacando nos debates sobre a maximização da vida e figura como esperança na aposta da imortalidade humana, através de técnicas que visam a gerar um "cérebro externo" ou pela "criogenia" - o congelamento do corpo - para prolongar a vida biológica¹⁴².

Além disso, pela explosão da *tecnociência*, da medicalização intensiva e das técnicas para otimização do desempenho biológico, o cérebro responde cada vez mais por tudo aquilo que outrora nos acostumamos a atribuir à pessoa, ao indivíduo, ao sujeito. Há pesquisas que procuram desen-

¹³⁸ KICKHÖFEL, 2014; ORTEGA e ZARZONELLI, 2010.

¹³⁹ O sistema nervoso é a parte que coordena e integra impulsos sensoriais entre as diferentes partes do corpo e produz comportamentos. É dividido em sistema nervoso periférico (SNP), que consistem nos nervos e gânglios, e sistema nervoso central (SNC), responsável pelas funções de percepção e sensação, predição e entendimento da linguagem, entre outras (KICKHÖFEL, 2014, p. 30-31).

¹⁴⁰ ORTEGA E ZARZONELLI, 2010.

¹⁴¹ HAGNER, 1987 apud ORTEGA e ZARZONELLI, 2010.

¹⁴² ORTEGA, 2009.

volver as técnicas de neuroimagens para decifrar não somente doenças com Alzheimer e Parkinson, mas também a natureza das nossas escolhas sexuais nossos gostos e nossas características pessoais¹⁴³.

Em nossa cultura há um avanço significativo das tecnologias neurocientíficas (mais especificamente, de *imageamento cerebral*, através de exames como a ressonância magnética), ou mesmo à importância do cérebro na localização de processos cognitivos e emocionais¹⁴⁴.

O imageamento do cérebro começou nas décadas de 1950 e 1960 em pesquisas com o uso de scans por tomografia computadorizada. No final dos anos 1970, a tecnologia passou a ser incorporada no uso clínico. Antes disso um dos principais métodos para estudar a conexão entre cérebro e comportamento era indireto, pelo exame de cérebros individualizados para avaliar como as lesões afetam a performance diária¹⁴⁵.

Os métodos de visualização se baseiam na crença de que o objeto representado está sendo diretamente acessado com ele realmente é. Então se o especialista vê um padrão de ativação sanguínea alterado no exame funcional do cérebro, trata-o como um achado inquestionável que pode ser associado com alguma patologia específica. Pouco é questionado sobre o contexto científico e cultural em que são produzidas essas imagens. Mais do que mostrar um modo supostamente realístico do nosso interior, essas tecnologias afetaram nossas visões sobre os corpos, os modos como desenvolvemos os processos de saúde e de doença e a ideia que fazemos do que deve ser a intervenção terapêutica¹⁴⁶.

A *ressonância magnética* funcional tornou possível acompanhar, praticamente em tempo real, a ativação cerebral, ou seja, para que área o sangue se desloca. O conceito de base é que uma mudança no fluxo sanguíneo regional pode refletir uma atividade neural específicas em áreas do cérebro caracterizadas por desempenhar determinada função ou tarefa.

¹⁴³ ORTEGA e ZARZONELLI, 2010, p.77.

¹⁴⁴ HAGNER e BORCK 2001 apud ORTEGA, 2008.

¹⁴⁵ ORTEGA e ZARZONELLI, 2010, p.49.

¹⁴⁶ ORTEGA E ZARZONELLI, 2010.

Com isso supõe-se que essas áreas estejam diretamente implicadas na tarefa executada¹⁴⁷.

Essa abordagem fortalece o "*mito da transparência do corpo*"¹⁴⁸, na qual ele seria acessado internamente, de forma quase realística, através de exames por imagens. Esta, no entanto, não é uma atividade inocente e sem consequências. A cada novo instrumento que produz quadros mais preciso das patologias que estão abaixo da pele, o ideal de domínio sobre o corpo vai sendo consolidado como convenção social e se reflete nas noções de progresso e racionalidade sustentados por aspirações biomédicas. Além disso, o corpo desvelado por essas tecnologias se torna ainda mais complexo - e por isso menos acessível: "quanto mais se vê por meio de lentes e parâmetros avaliados mais complicado se torna a informação visual alcançada e o próprio objeto visto"¹⁴⁹.

Também vem se observando pesquisas que buscam estabelecer correlações dos estados mentais¹⁵⁰ como resultado exclusivo das estruturas neuronais¹⁵¹, o chamado *localizacionismo cerebral*¹⁵², que pressupõe, de forma genérica, que certas áreas do cérebro são responsáveis por determinadas funções, o que vem sendo questionado devida a capacidade distributiva do cérebro, que se reorganiza após uma lesão, por exemplo.

Há também uma busca por mapear as funções cerebrais responsáveis pelas emoções numa tentativa de transformar características subjetivas em objeto de conhecimento visualmente presente quantificável, controlável e

¹⁴⁷ Idem, p.50

¹⁴⁸ Idem, p.18.

¹⁴⁹ Idem, p.19.

¹⁵⁰ ORTEGA, 2008; 2010.

¹⁵¹ Essa correlação entre os aspectos subjetivos com as funções orgânicas cerebrais, sem levar em consideração os componentes cognitivos e sociais, era algo que já havia sido questionado por Freud, ainda na sua fase como neurologista, no final do século XIX (FREUD, 1987 apud GARCIA-ROZA, 1991).

¹⁵² Uma das expressões mais famosas dos primórdios do localizacionismo é a frenologia, que se baseava no estudo da estrutura do crânio de modo a determinar o caráter das pessoas e sua capacidade mental, tendo Franz Joseph Gall e Johann Spurzheim como principais expoentes. Uma das diversas questões polêmicas relacionadas a estes estudos, estava sobre uso desses parâmetros para reforçar o argumento do determinismo biológico para corroborar a ideia de hierarquia étnica (ORTEGA e ZORZANELLI, 2010, p.100-102).

racional. Alguns pesquisadores¹⁵³ relacionam, por exemplo, secreções de suor, pressão sanguínea ou uma mudança no PH da urina como um "retrato" dos fenômenos subjetivos¹⁵⁴.

Há também os que defendem que o processo de *cerebralização dos comportamentos* tem desdobramentos fora dos campos filosóficos, na articulação das neurociências com as ciências humanas, que as reformulam à luz do conhecimento sobre cérebro como a neuropsicanálise, neuroeducação¹⁵⁵, a neuroteologia, a neuroética, entre outras ¹⁵⁶.

O termo *sujeito cerebral*¹⁵⁷ resume a crença de que o cérebro é a parte do corpo necessária para sermos nós mesmos, seria a "essência do ser humano, ou seja, a identidade pessoal entendida como identidade cerebral"¹⁵⁸. Reúne nessa categoria manifestações (teóricas, práticas e visuais) que permitem colocar o cérebro como uma visão do ser humano que perpassa temas como a definição de morte cerebral, o uso de *scans* cerebrais para estabelecimento de correlatos neurais de experiências, comportamentos e doenças, entre outros¹⁵⁹.

Nas bancas, o cérebro é figura de destaque em muitas capas de publicações, como se pode apurar num trabalho de campo prévio¹⁶⁰. Entre os

¹⁵³ Há no campo das Neurociências, diversos pesquisadores que defendem claramente a redução da linguagem e do conhecimento a funções neuronais como Smith Churchland, que sugere uma epistemologia baseada no conexionismo, que propõe descrever as funções cognitivas humanas como conexões de redes neurais. Até filósofos como Daniel Dennett propõem que "a filosofia seja uma espécie de serva das ciências, que agora aceita as descobertas das ciências para mostrar a progressiva relevância das ciências sobre as 'especulações' (sic) da filosofia tradicional. (KICKHÖFEL, 2014).

¹⁵⁴ ORTEGA E ZORZANELLI, 2010, p. 36.

¹⁵⁵ Conhecimentos neurocientíficos utilizados para aperfeiçoar métodos pedagógicos e corrigir limitações na aquisição de conteúdos.

¹⁵⁶ KICKHÖFEL, 2014; ORTEGA E ZORZANELLI, 2010.

¹⁵⁷ ORTEGA, 2008.

¹⁵⁸ Cabe salientar que a proposição de Ortega (2008) sobre o sujeito cerebral com base no funcionamento desse órgão tomado em sua dimensão biológica entra em dissonância com o que se entende por sujeito nas diversas disciplinas das ciências sociais e humanas (mente), instância onde são processadas as subjetividades (emoções, pensamentos, comportamento...).

¹⁵⁹ ORTEGA & VIDAL, 2007; ORTEGA e ZORZANELLI, 2010.

¹⁶⁰ Resultado da primeira etapa da pesquisa-mãe deste projeto, onde foram visitadas e fotografadas bancas de revistas em Porto Alegre, Rio de Janeiro e Duque de Caxias, além da visita ao site da revista para busca de dados (LUZ et al., 2013).

diversos periódicos que abordam o tema com regularidade se destaca a Revista *Mente e Cérebro*¹⁶¹ (MC), que assim como as demais revistas do conglomerado editorial *Scientific American*, é caracterizada dentro do gênero das revistas de divulgação científica¹⁶², objeto de análise deste estudo.

No espaço destinado à aquisição de novas assinaturas na internet, MC se autoapresenta como uma publicação que traz "artigos assinados por renomados especialistas das áreas de neurociências, psicologia e de outras disciplinas dedicadas ao conhecimento da mente e do comportamento humanos". Acrescentam-se aí referências à psiquiatria, psicanálise e conhecimento. Em seu portal na internet, a *Mente e Cérebro* é referida como uma revista que "aborda com seriedade e comprometimento ético assuntos como saúde, educação dos filhos, sexualidade, relacionamento afetivo e relações do trabalho"¹⁶³

A revista ainda produz edições bimestrais temáticas, com diferentes abordagens sobre saúde mental nas áreas de psicologia, psicanálise, psicoterapia, psicossomática e neurociências. Além disso, também criou uma coleção de livros denominada "*Doenças do Cérebro*", com seis volumes que apresenta quadros e sintomas, dados epidemiológicos nacionais e internacionais, perspectivas de tratamento e principais pesquisas em andamento referentes a cada um dos transtornos abordados, a partir de textos produzidos por psiquiatras, neurologistas, psicólogos e neurocientistas¹⁶⁴.

Mello¹⁶⁵ identificou nas reportagens da coleção informações trabalhadas de forma hierárquica: primeiro os conceitos tácitos, incorporando-os ao cotidiano até chegar às novas perspectivas da ciência. Os autores utilizam figuras de linguagem como antonímia, metáfora e eufemismo, ainda que a

¹⁶¹ A revista de publicação mensal, publicada pela *Ediouro Duetto Editorial Ltda*¹⁶¹, com conteúdo estrangeiro fornecido pela revista alemã *Gehirn&Geist*, sob licença de *Scientific American*¹⁶¹, tem um número de páginas padronizado: 84 páginas, com o formato 20,2 cm x 26,6 cm¹⁶¹.

¹⁶² LUZ et. al, 2013.

¹⁶³ Portal da Revista *Mente e Cérebro* na internet, acessado em junho de 2013.

¹⁶⁴ MELLO, 2010.

¹⁶⁵ Idem.

autora tenha identificado uma linguagem que não se aproxima de uma conversação comum.

Elementos importantes na constituição dos textos também foram elencados por Mello (2010): sintomas recorrentes, a causalidade, o diagnóstico, os prognósticos foram recursos usados pelos autores, bem como o uso de testemunhos, como acontece nas reportagens jornalísticas. Esses recursos são essenciais na produção da notícia científica, pois aproximam e envolvem o leitor ao texto, sensibilizando-o e incentivando-o a buscar mais informações sobre o tema¹⁶⁶.

É uma revista que, num primeiro momento, prima pelas questões ligadas às neurociências e às subjetividades pelo olhar da psicanálise. Ainda assim, por uma rápida recorrida às capas, percebe-se que o cérebro e suas questões fisiológicas - como organizadoras dos atributos psíquicos e subjetivos da mente - aparecem com maior evidência nas capas.

De todo modo, há que se considerar que a publicação, por conta da inserção dos pesquisadores em sua produção editorial, pelo espaço que ocupa nas bancas populares, se posiciona como um objeto importante de análise do imaginário sobre a saúde e a vida na sociedade contemporânea e o papel do cérebro nesse contexto.

¹⁶⁶ BERTOLLI FILHO, 2006 apud MELLO, 2010.

SCIENTIFIC AMERICAN

mente cêrebro

psicologia | psicanálise | neurociência

SEXUALIDADE
A SIMBOLOGIA
DO PÊNIS



NO 818
7 235
5 11.90
4.90



Criatividade

É possível exercitar a
capacidade de ter
boas ideias e
encontrar soluções

CAPÍTULO 4

Sono e obesidade
Dormir mal dificulta
a perda de peso

História

O nazismo
sob o olhar
da psiquiatria

Animal

Você se parece com seu
bicho de estimação?

SCIENTIFIC AMERICAN

mente cérebro

psicologia | psicanálise | neurociência

ALZHEIMER • PARKINSON
ANSIEDADE • ESTRESSE
DEPRESSÃO • TOC
TRANSTORNO BIPOLAR

ESPECIAL



QUANDO O CÉREBRO E A MENTE ADDOECEM

DOSSIÊ | Síndromes raras e curiosas que
parecem saídas de um filme de ficção

ISSN 1513-90 4,50



Retórica da imagem:
trajeto metodológico para
análise das capas de revistas

O processo de obtenção de dados desenvolvido no projeto ao qual este trabalho, como subprojeto, está vinculado¹⁶⁷ levou-nos à constatação da exigência de abordagem e tratamento metodológico específicos para análise dos dados coletados nas capas. Estes foram aplicados à revista selecionada para este estudo no sentido de apreender elementos simbólicos emergentes da retórica da imagem, presentes na simbiose imagem/palavra. Ao cabo da análise pretendeu-se que eles pudessem indicar padrões de repetições que para nós se confirmam como representações sociais propostas ao seu público consumidor como sugestionamento.

As capas das revistas impressas, com suas imagens e legendas, assumem, como já descrevemos, um caráter indutor, sugerindo a leitura e a compra do exemplar do periódico¹⁶⁸. Constitui-se em um conjunto de *signos* que nos sugere o que devemos ler, fazendo uso de expressões textuais e elementos gráficos utilizados nas suas chamadas, em conjunto com as fotos estampadas, fazendo menção direta ao núcleo do tema central do artigo no interior da revista, atuando na captação do interesse do leitor¹⁶⁹.

Propusemos, então, que a interpretação desta retórica buscasse um procedimento metodológico no qual a questão da *veracidade* do conteúdo discursivo da mensagem¹⁷⁰, isto é, sua “verdade” ou “inverdade” não fosse o objetivo da análise, cientes que as análises clássicas de conteúdo não

¹⁶⁷ Projeto "A Ciência como Cultura no Mundo Contemporâneo: Divulgação Midiática de Saberes Científicos e Construção do Imaginário Social", realizada no Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva (PPGCol) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

¹⁶⁸ Ressaltamos que a opção de concentrar as análises nas capas é reforçada pelo consenso estabelecido no campo da Comunicação Social que o público em geral decide-se a comprar as publicações em função do interesse despertado pelo que é sugerido nas chamadas (MEDRADO, 2000). De fato, durante o campo realizado para o referido projeto pode-se observar que os temas escolhidos quando bem trabalhados em sua apresentação gráfica mobilizam a escolha do cliente conforme relato de proprietários de bancas visitadas (LUZ et al., 2013).

¹⁶⁹ LUZ et. al., 2013.

¹⁷⁰ MEDRADO, 2000.

respondem às questões de *análise de retórica* levantadas pelo projeto a partir de 2012¹⁷¹ e desenvolvidas no artigo publicado em 2013¹⁷².

Entendemos que não são apenas as palavras que direcionam a aproximação com os temas propostos em cada edição. As imagens estampadas, juntamente com as palavras que as reforçam, criam um processo de afirmação do poder simbólico que induz o *convencimento* do leitor. É essa *simbiose* que reforça no possível leitor que, o quê está sendo dito e mostrado, é digno de crédito e deve ser *obedecido*¹⁷³ pelo mesmo enquanto consumidor¹⁷⁴. Este processo discursivo carrega de modo desapercibido um processo constante de convencimento que denominamos *retórica de imagens*, vendo o todo *imagem/palavra* em simbiose simbólica.

Dessa forma, este estudo trabalha com a abordagem qualitativa referente a estudos de sentidos, significados, analogias, cujas unidades básicas de análise são certas *representações sociais* dominantes no imaginário cultural contemporâneo, representações referentes prioritariamente – mas não exclusivamente – à influência das biociências, e sua (re)produção discursiva no imaginário concernente à vida e saúde¹⁷⁵.

O monitoramento e a categorização desses elementos simbólicos e retóricos ajudaram-nos a identificar *padrões e repetições*, testando assim as hipóteses levantadas¹⁷⁶. Esse tipo de abordagem qualitativa é usado no campo da Saúde Coletiva para tratar de temas como: adesão a tratamentos, estigma, cuidado, relações entre profissionais de saúde, familiares e pacientes no sistema de atenção. Diferentemente da pesquisa quantitativa, não busca generalizar ou formular princípios ou leis aplicáveis a outros casos. Ao contrário, a abordagem qualitativa entende cada fenômeno como uma

¹⁷¹ LUZ, SABINO e MATTOS, 2013.

¹⁷² LUZ et al, 2013.

¹⁷³ BOURDIEU, 2010; LUZ et al., 2013.

¹⁷⁴ Importante destacar que este não segue esses ordenamentos de forma irrestrita, já que se trata de um sugestionamento sutil, buscando subversões e resistências (FOUCAULT, 2000; BOURDIEU, 2010).

¹⁷⁵ BOURDIEU, 2010; LUZ et al., 2013.

¹⁷⁶ LÜDKE E ANDRÉ, 1996 apud NOGUEIRA MARTINS E BOGUS, 2004, p. 48.

compreensão particular, merecedora de tratamento específico, mostrando-se eficaz nas situações com variáveis relevantes onde os efeitos não são aparentes ou quando o número de sujeitos e/ou dados obtidos não são adequados ou suficientes para uma análise estatística¹⁷⁷.

Reforçamos que o que nos interessa é a interpretação gerada a partir da observação do fenômeno, no caso, a representação social do cérebro presente nas capas. Para entender melhor as estratégias de convencimento geradas a partir da retórica empregada na divulgação científica, observamos como é constituída a materialidade da composição imagem e palavra das capas da revista selecionada para o estudo, identificando as mensagens retóricas disparadas pelo simbólico no imaginário.

¹⁷⁷ NOGUEIRA MARTINS E BOGUS, 2004, p. 48.



Figura 1

Algumas fotos coletadas ao longo do projeto (figuras 1 a 4) ilustram a presença das revistas de divulgação tematizando o cérebro no espaço das bancas, bem como da Revista Mente e Cérebro¹⁷⁸.



Figura 2



Figura 3



Figura 4

¹⁷⁸ O trabalho de LUZ et al., 2013 e o relatório de dezembro de 2014 (Porto Alegre, 20p.), do projeto explicitam em detalhe a descrição das bancas e a inserção das revistas de divulgação científica no espaço das bancas.

Trajetória metodológica

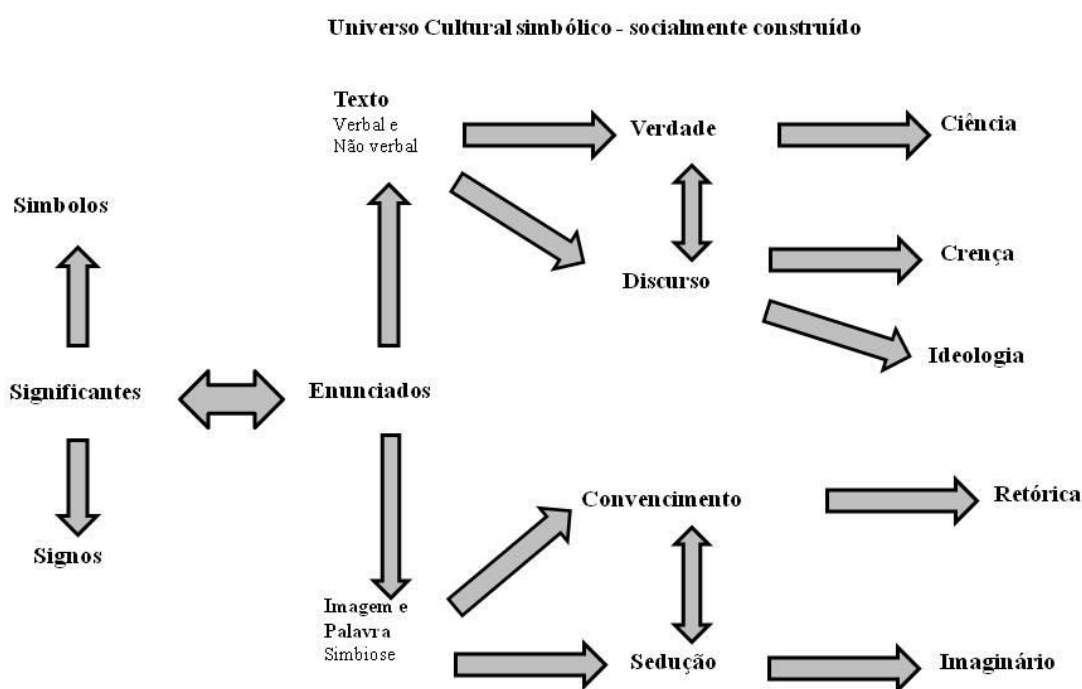
As *imagens*, núcleo de nossa análise, podem denotar referência a signos culturais importantes, aliando-se a palavras que funcionam com certos sentidos, em mútuo reforço de mensagens, objetivando ser um discurso convincente sobre o viver¹⁷⁹, isto é, de ser uma *retórica discursiva da vida*. Neste estudo, caracterizamos o conjunto de *dispositivos de produção de verdades*¹⁸⁰ em três instâncias determinadas: *ciência, ideologia e crença*. Esses dispositivos atuam como processadores estruturais da matéria-prima simbólica¹⁸¹, constituída tanto por elementos de linguagem (texto verbal e não-verbal, enunciados e imagem/palavra) e semióticos (signos, significantes e símbolos), com o propósito de se constituir como instâncias privilegiadas de informação (valor de verdade), constituídos e valorados a partir de seu capital/poder simbólico no campo discursivo¹⁸². Essa estrutura básica foi explicitada num primeiro esboço, conforme a figura 5.

¹⁷⁹ BARTHES, 2007; MOLES, 2004.

¹⁸⁰ Segundo Foucault (2000), os dispositivos de produção de verdade atuam como um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, para Foucault o dito e o não-dito são elementos básicos do dispositivo simbólico. O dispositivo é *a rede que se pode tecer* entre estes elementos.

¹⁸¹ Socialmente produzidos e partilhados, *sentidos, signos e significados* são referentes ao conjunto de significantes culturais universalmente presentes, sobretudo em culturas complexas como a contemporânea, em que há pletora de mensagens veiculadas sob forma de informações. Embora portadoras de sentidos, essas mensagens nem sempre são constituídas de palavras (BARTHES, 2007).

¹⁸² Lévi-Strauss, 2003, Epstein, 1985, Barthes, 2007, Moles, 2004.

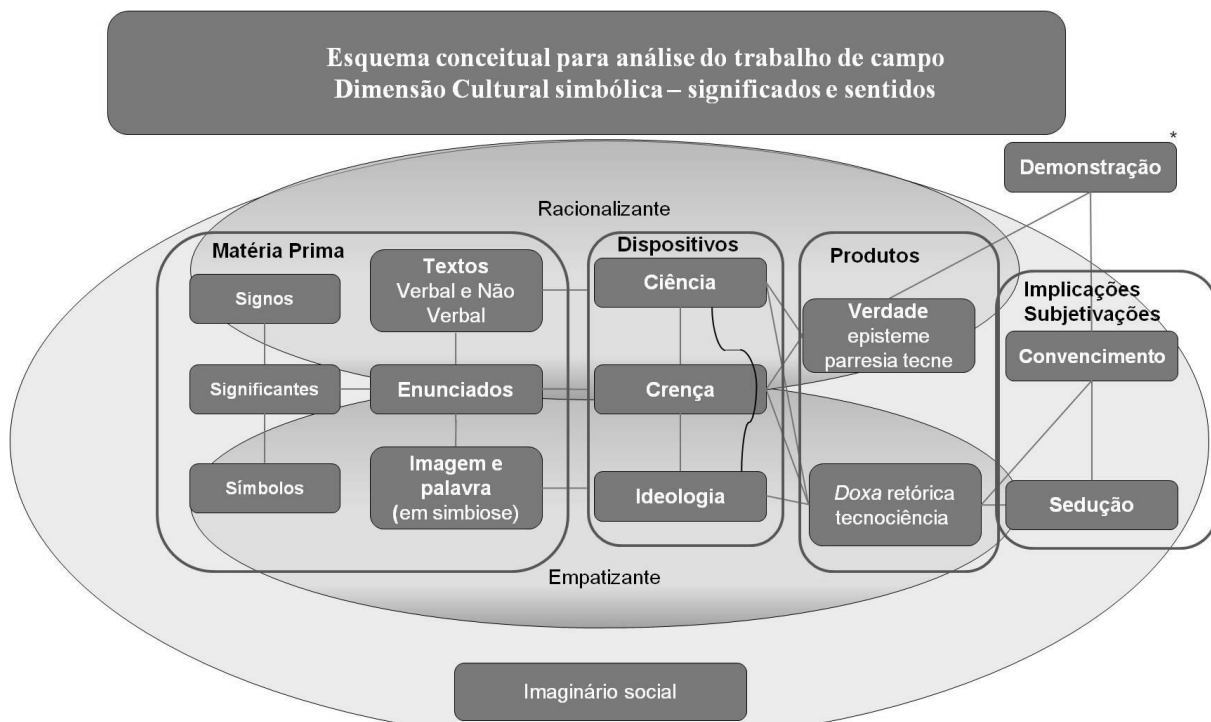
Figura 5 - ESQUEMA CONCEITUAL DE ANÁLISE DO OBJETO¹⁸³

Esquema elaborado por Madel T. Luz e Anderson Machado.
 Fontes: BARTHES, 2007; LUZ et al, 2013; LUZ, MATTOS & SABINO, 2013; SILVA, 2006.

Sugerimos, num segundo movimento, que a matéria-prima simbólica, ao ser processada pelos diferentes dispositivos, assume diferentes configurações quanto ao seu lugar de *produção da verdade*: *episteme*, *parresia* e *tecne*; ou, no plano de *produção da doxa*: *retórica* e *tecnociência*, tal como explicitado na figura 6.

¹⁸³ LUZ et al., 2013.

Figura 6 - ESQUEMA CONCEITUAL DE ANÁLISE DA DIMENSÃO SIMBÓLICA¹⁸⁴



Esquema elaborado por Madel T. Luz, Anderson Machado, Rafael Dall'Alba e Mayna de Ávila.
Fontes: BARTHES, 2007; LUZ et al, 2013; LUZ, SABINO & MATTOS, 2013; SILVA, 2006; SFEZ 1996, MOLES 2005; ARISTÓTELES 1998; JOLY 2007; EPSTEIN 1985.

Concentrando o foco na ciência, percebemos o quanto os produtos científicos vistos como “puros” do ponto-de-vista da verdade. Isso, em princípio, só tem peso epistemológico e gera convencimento após o processo de experimentação/demonstração¹⁸⁵. Porém a força da *ideologia* e da *crença* pode da mesma forma gerar convencimento com uma magnitude igual ou mesmo mais intensa e firme que a ciência enquanto processo de produção de verdades.

Cabe ressaltar que a ciência como saber, também é influenciada por crenças, dogmas e ideologias - enraizadas em princípios doutrinários. Dessa forma esses valores também podem alimentar a via discursiva pela *retórica*, e seus processos de convencimento, diminuindo assim o valor simbólico da *demonstração científica*, tida como fundamental pela tradição racionalista

¹⁸⁴ Esquema inserido em LUZ, et al, 2015, artigo inédito submetido à Revista Interface.

¹⁸⁵ LUZ, et al, 2015 – artigo inédito resultante da análise do projeto, submetido à Revista Interface.

cartesiana¹⁸⁶. Aproxima-se assim, o caráter epistêmico da ciência ao da crença e da ideologia, que conduz ao *convencimento*, através da dinâmica discursiva pela *retórica*¹⁸⁷.

A partir da observação das imagens e textos relacionados ao cérebro nas capas, coletamos a matéria-prima da análise, constituída por elementos textuais (verbais e não-verbais, enunciados) e por elementos simbólicos (signos, significantes, símbolos). Reconhecemos a simbiose imagem/palavra como geradora de mensagens carregadas de recursos retóricos. Estes, usados como estratégia na divulgação científica, servem como dispositivo produtor de verdades. Procuramos identificar, então, se essa estratégia de convencimento, sedução ou empatia, superaram a necessidade de comprovação/demonstração científica.

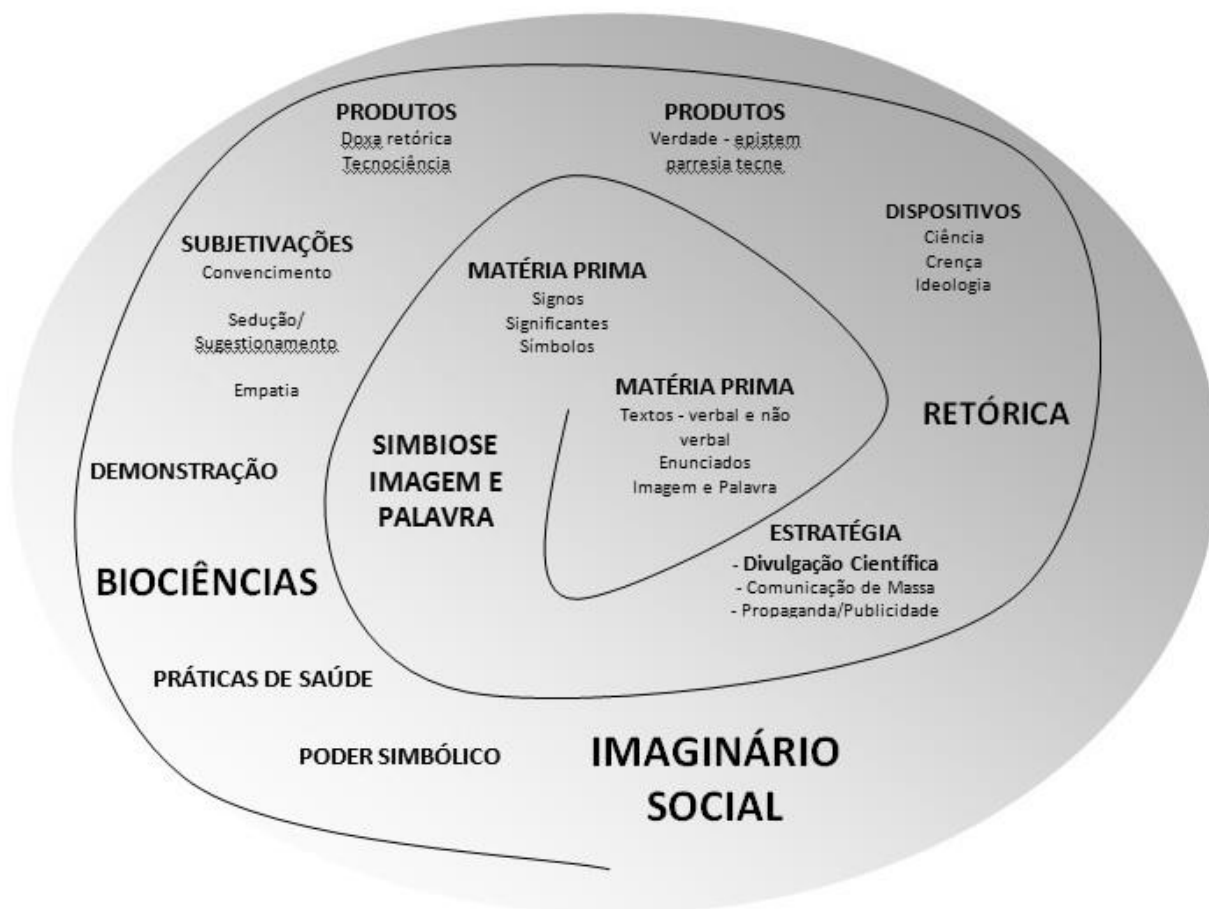
Esses elementos são sugestivos, do nosso ponto de vista, dos modos de ver, interpretar e intervir por parte das Biociências quanto à saúde e à vida, intensificando o poder simbólico desse campo sobre o imaginário social ao consolidar e destacar representações sociais típicas.

Diante disso, considerando os elementos que foram incluídos na revisão bibliográfica e nas coletas de campo no projeto a qual este subprojeto está vinculado, elaboramos para o mesmo uma figura ilustrativa do trajeto metodológico que compõe nosso processo de análise, conforme a figura 7.

¹⁸⁶ Idem.

¹⁸⁷ Luz et al., 2013.

Figura 7 - CAMINHO METODOLÓGICO DA COLETA E ANÁLISE DAS PALAVRAS-IMAGENS-CHAVE À IDENTIFICAÇÃO DA RETÓRICA DAS BIOCÊNCIAS NO IMAGINÁRIO SOCIAL¹⁸⁸



Esquema montado por Anderson Machado. Fontes: LUZ, et al., 2013; LUZ, 2004; LUZ, SABINO e MATTOS, 2013; BARTHES, 2007; SFEZ, 1996.

Para melhor compreensão, vamos descrever esse trajeto metodológico, agregando as proposições levantadas nos esquemas anteriores (figuras 5 e 6) e outras etapas agregadas (figura 7).

A análise passa pela coleta e observação da matéria-prima simbólica, no que tange aos elementos verbais e não-verbais (enunciados, imagem e palavra), bem como elementos semióticos (signos, significantes, símbolos), constituindo assim uma mensagem que chamamos de simbiose imagem e palavra. Dessa simbiose, pretende-se observar as estratégias de divulgação (científica, comunicacional, propaganda).

¹⁸⁸ Esquema inserido em LUZ, et al, 2015, artigo inédito submetido à Revista Interface.

Tomamos então a retórica como forma de mobilização ao convencimento. Esse modo discursivo se constitui como capital simbólico que consolida os dispositivos de produção de verdade (ciência, crença e ideologia). Os produtos que podem ser gerados desses dispositivos estão a verdade (epistem, paresia, tecne), bem como a doxa (retórica, tecnociência). A partir desses elementos discursivos, passamos a identificar também quais são as subjetivações derivadas dessa produção de verdades, tendo o convencimento, a sedução, sugestionamento e empatia como possibilidades de mobilização geradas a partir da ação retórica. No caso das ciências, a demonstração entra como um elemento importante para consolidar o valor de verdade da informação produzida, consolidando o papel da racionalidade científica como instância reconhecida como fonte privilegiada do conhecimento estruturado.

Feito esse contexto, cabe analisar o papel das Biociências e suas características como campo de conhecimento que possui um modo próprio de produção de saberes e práticas sobre a saúde, tendo o corpo biológico e suas estruturas como elemento base para suas condutas e abordagens. Essa produção está diretamente ligada à produção de práticas de saúde. Por fim, podemos chegar ao ponto de avaliar o poder simbólico dessa mensagem e o sua força para construir e consolidar representações sociais no imaginário social e dessa forma, demonstrar as características dessa produção de sentidos como forma de convencimento pela retórica das imagens.

Percorrendo essas etapas na análise, pode-se estabelecer a proposição de análise que possa descrever as diferentes dimensões na qual os elementos simbólicos da capa podem agir em conjunto para a produção de sentidos que disparem mensagens de sugestionamento de modos de conduzir a vida e o viver.

Instrumento de Análise da Retórica nas Capas das Revistas

Tomando o universo simbólico das capas da Revista *Mente e Cérebro* coletamos os dados recorrentes sobre elementos gráficos e textuais da manchete principal referentes ao cérebro, compreendida pelo título de maior destaque, seu complemento em texto e a imagem que ilustra a capa. A partir dos dados elencados foram observados os elementos simbólicos recorrentes nas capas da publicação no período de quatro anos. A partir de um formulário construído com diversas questões que foram identificadas nas bancas como itens relevantes para a observação do imaginário das Biociências nas revistas de divulgação científica.

Foram coletadas mensagens que emergiram dos elementos simbólicos, considerados importantes para a análise e agrupadas de acordo com o paradigmas biomédico (abrangendo as ciências da saúde, em especial neste estudo as neurociências) ou das humanas (áreas das ciências sociais e humanas, às psi - psicologia e psicanálise).

A partir dos posicionamentos teóricos a respeito do tema e do levantamento bibliográfico, constatamos a necessidade de elaborar um instrumento específico para a coleta de dados das capas das revistas, que contemplasse diferentes categorias e mensagens presentes nos textos e imagens. O formulário questionava itens como:

1. DADOS DA REVISTA COLETADA (editora, ano, edição...)
2. DESCRIÇÃO DA MANCHETE PRINCIPAL e complemento da manchete¹⁸⁹

¹⁸⁹ Chamamos de “complemento da manchete” o texto de apoio ao título principal. Geralmente em destaque menor em recursos gráficos, esse trecho traz informações complementares ao tema. Também costuma contextualizar a temática e remeter a outros assuntos correlatos que também serão abordados no interior do artigo e/ou textos anexos.

3. ELEMENTOS VISUAIS DA CAPA (Descrição da foto/figura tema da capa; Tipo de ilustração)

4. REPRESENTAÇÃO IMAGÉTICA - descrever se a imagem denota aspectos de uma construção maquínica ou tecnológica, ou fora do natural. (há ideia de alteração da naturalidade?)

- Formas: (Cores predominantes; Volume e profundidade sugeridas; Brilho/ intensidade)

5. RELAÇÃO IMAGEM/PALAVRA - Simbiose imagem e palavra, analisar simultaneamente:

- Palavras e imagens-chave destacadas no tema central da capa. Esse campo foi o elemento central da análise pois dele derivou as mensagens retóricas destacadas.

6. INFERÊNCIAS DE SUGESTÕES / QUALIFICAÇÕES DA CAPA - Posicionamentos presentes ou não na construção da capa

- Presença ou não de qualificação sugerida do tema - avaliação positiva ou negativa de como é apresentado o tema – julgamentos
- Adjetivos e advérbios denotando intensidade

7. SUGESTÕES DE COMANDO OU EMPATIA

- Expressões verbais de comando (que remetem a ordens) do título
- Estratégias de empatia (imagens/palavras sugestivas - identificação) - Elementos do imaginário disparados no intuito de criar empatia com o tema - elementos imagéticos

8. INTERPRETAÇÃO A PARTIR DA RETÓRICA

- Intensidade da mensagem retórica: palavras/imagem-chave - Como a retórica é empregada na capa, que mensagem é sugerida.
- Afirmações/concepções emergentes da mensagem retórica. - Uma frase afirmativa que pode ser expressa a partir da análise da retórica. Mensagem final que pode ser inferida como resultante da estratégia retórica.

9. COMPLEMENTOS SOBRE A EDIÇÃO - outros elementos relevantes na capa ou no interior da revista que merecem ser registrados

- Destaques das manchetes secundárias - temas que aparecem nas manchetes secundárias¹⁹⁰
- Palavras e imagens-chave nas manchetes SECUNDÁRIAS¹⁹¹

¹⁹⁰ Como “manchetes secundárias” chamamos as chamadas para outros assuntos citados com menor destaque na capa. Em geral, não utilizam imagens de apoio, apenas uma retranca (espécie de palavra-chave que direciona ao tema ou seção da revista) e uma frase sintetizando o assunto.

10. COMPLEMENTAR - Outras observações importantes

- - Registrar se é edição especial, se análise foi feita virtualmente, se há encartes suplementares, diferenças de tratamento de imagens na capa e na reportagem principal ou outras informações relevantes.

O formulário e os resultados estão inseridos como anexos (anexo 3 e 5, respectivamente).

¹⁹¹ As manchetes secundárias não foram utilizadas para a análise de dados, porém serviram de subsídio para a compreensão global da diversidade de abordagens e temas. Os dados podem ser observados nos dados coletados (anexo).

ESPECIAL

SCIENTIFIC AMERICAN

mente

cérebro

psicologia / psicologia / neurociência

it

www.ita.com.br

Como as drogas agem no cérebro

Crack, Maconha, Cocaína,
Oxi, Cigarro, Alcool,
Ayahuasca, LSD e outros
alucinógenos

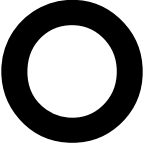
CAPÍTULO 5

químicas influen
na personalidade;
prós e contras
da internação
compulsória;
a escolha
de usar drogas





Resultados da Observação e Análise das Revistas Coletadas

 instrumento metodológico utilizado possibilitou descrever elementos importantes para análise das mensagens sobre cérebro, observados a partir do cruzamento de informações apontados nas diferentes capas, possibilitando-nos apreender a retórica presente no conjunto simbólico imagem/palavra¹⁹². Além das mensagens identificadas, também foram registradas questões como a estratégia de empatia, observadas no intuito de compreender como o assunto foi trabalhado textual e graficamente na capa, tornando a temática ainda mais atraente ao público.

Como primeira fase da análise, realizamos um levantamento inicial das 48 capas da Revista Mente e Cérebro dos últimos quatro anos (junho 2011-maio 2015). Para isso, foi aplicada a técnica de observação da retórica pela simbiose imagem e palavra, buscando-se classificar de maneira rápida a abordagem com a qual o cérebro (bem como o corpo e a mente como comparativo) foi enquadrado quando destaque principal de capa.

Inicialmente consideramos relevante a observação da temática principal presente nas capas pela relevância do assunto escolhido como destaque em relação aos demais que compõem a edição. A ilustração e a dedicação de espaço para esse assunto marca a característica geral da edição, sendo uma estratégia para a conquista do leitor diante das demais publicações. Além disso, revela o que está em voga na produção científica no momento.

Ao final da coleta, no entanto, a classificação da lista de revistas dos últimos quatro anos tornou-se acessória, não entrando no núcleo de análise

¹⁹² Alguns itens presentes no instrumento de coleta de dados das capas de revistas não se mostraram significativos no conjunto das edições pesquisadas, tais como diagramação, volume, a sugestões de qualificação do tema e o uso de adjetivos. Como observaram Luz et al., 2013, as revistas de comunicação e publicidade, mais afastadas da informação gerada pela ciência em relação às revistas de divulgação científica, dependem de recursos de propaganda tais como enfatizar a presença de especialistas nas redação dos textos e recorrer constantemente ao valor científico das pesquisas que estão na origem dos artigos que publicam como forma de tornar as informações relevantes ao público. As revistas de divulgação científica e institucionais das universidades, por estarem mais próximas do nicho de difusão científica. Costumam avançar diretamente nos temas divulgados, reflexo do capital simbólico como dispositivo de produção de verdades (Bourdieu, 2010; Foucault, 2000).

proposta. A listagem, porém, dá um panorama da diversidade de tema e a recorrência do cérebro como destaque principal nas capas da revista *Mente e Cérebro*, bem como a comparação com abordagem que estão ligadas ao corpo e à mente. A lista de revistas está nos anexo 2 deste trabalho.

Apresentação da Análise das Revistas

No formulário de coleta de dados das capas das revistas, o espaço de interpretação da retórica foi criado para registrar a impressão sobre a estratégia de convencimento retórica das imagens a partir da observação da simbiose imagem/palavra. O item “Concepções emergentes da mensagem retórica” buscou apreender o que ao cabo ficou como mensagem final a partir da retórica, como efeito da estratégia de convencimento.

Para a análise propriamente dita das capas da Revista *Mente e Cérebro* foram escolhidas 12 edições do período de 2011 a 2015, na qual o cérebro figurava como mensagem. A título de comparação foram acrescentadas outras quatro capas de MC relacionadas a outras temáticas relacionadas à mente. Além disso, também foram apresentadas mais cinco capas de outros periódicos de diferentes gêneros, totalizando 21 edições. O resultado complementar também está em anexo.

Vamos começar a análise trazendo uma seleção de três capas que demonstra um aspecto muito recorrente na forma como o cérebro é representado em diversas capas no período selecionado para o estudo: o mecanismo¹⁹³. Demonstra como o aspecto natural humano foi subsumido pela visão biomédica com o mecanismo característico da ciência, presente no pa-

¹⁹³ LUZ, 2004.

radigma científico desde o início da modernidade, mas radicalizada na pós-modernidade.

Mente e Cérebro, ed. 236, setembro 2012

A edição 236, de setembro de 2012, mostra a relação dessa ideia ao abordar um aspecto subjetivo como o pensamento. A manchete é: **“A ciência a um passo de ler pensamentos: Num futuro próximo, as pessoas poderão se comunicar apenas por meio da mente”** (figura 8).

O vermelho no fundo compõe o fundo da capa cujo destaque é o desenho de uma cabeça estilizada, de perfil, em cor preta com um grande olho branco. O que se destaca nessa cabeça são tubos, engrenagens, relógios e outros mecanismos, em tons cinza, no interior da cabeça, ocupando o espaço proporcional ao cérebro. A composição dessas peças, tanto em seus formatos quanto na disposição na qual foram organizadas lembra muito as rugosidades da superfície do cérebro.

Quanto aos elementos gráficos do texto, a manchete principal aparece em letras amarelas, em caixa alta e tamanho pequeno, com destaque para a expressão "ler pensamentos", pouco maior que o restante da manchete. O complemento, em letras brancas, ocupa o espaço do pescoço dessa figura. Há uma ideia de luminosidade, nas peças que compõem o cérebro, reforçando essa característica comum às peças metálicas que compõem mecanismos. Foram destacadas como palavras e imagens-chave



Figura 8 – Capa Mente e Cérebro - Edição 236

desta capa: **cérebro, mente, pensamento, ciência/científico, máquina/tecnologia, futuro, comunicação.**

Como qualificação do tema, percebemos que a edição se propõe a colocar em debate a possibilidade de se ler pensamentos em breve, algo que seduz as pessoas. É uma forma de empatia com o público ao trazer a ideia de um cérebro com peças que podem ajudar nessa comunicação remetendo à ideia de *transmissão*.

Diante disso, identificamos como mensagem retórica a ideia de que o cérebro é um receptor/emissor de sinais que pode estabelecer a transmissão de dados. Percebemos que nessa capa há uma prerrogativa de colocar a ciência como 'avalizadora' desse modelo, em que o pensamento é fruto de uma organização biomecânica, portanto passível de intervenção e que pode ser modalizado tal qual um aparato eletrônico de comunicação.

Reforça-se aqui, pensamos, a ideia do cérebro como entidade *maquínica*, que interfere – ou mesmo gera - algo tão imaterial quanto o pensamento, isolando totalmente os aspectos subjetivos do humano, fazendo emergir apenas componentes biomecânicos. Ao cabo, demarca de modo sutil a presença do cérebro ("órgão") como centro onde o pensamento (abstrato) é processado, ressaltando a hipótese de relevância do órgão sobre outras formas de apreender a vida.

Cabe observar que essa reflexão não teria sentido se a análise fosse apenas textual, pois não há referência ao cérebro na manchete e seu complemento. Na imagem, por sua vez, não há uma correlação imediata com os elementos imateriais (pensamentos). É na simbiose de palavra e imagem que foi possível perceber a mensagem retórica que apreende a temática às neurociências.

Mente e Cérebro, 221, junho 2011

Em “**Cérebro Turbinado: Medicamentos podem ajudar pessoas saudáveis a obter melhor desempenho?**” (ed. 221), o órgão é tratado a partir da proposta de medicamentos que podem potencializar sua performance (figura 9). Graficamente, a figura não remete mais à massa cinzenta encefálica, como é constituída naturalmente. No lugar de veias e sangue, as rugosidades são preenchidas por cores lembrando os exames de tomografia computadorizada, referindo a diferentes regiões do cérebro sendo ativadas. O próprio contorno do órgão é circundado por linhas brancas que insinuam fios/circuitos eletrônicos, sugerindo uma intensa atividade neuronal, reforçado por áreas mais largas onde esse movimento elétrico seria mais forte.

O termo "turbinado" já mostra uma qualificação quanto ao desempenho do cérebro, confirmando a analogia com componentes eletrônicos em busca por melhor desempenho. O cérebro pode ter, portanto, sua atividade qualificada pelos medicamentos, como aditivo para uma máquina que conquista uma reconhecida força ao se equiparar aos superpoderes das máquinas. Das palavras/imagens-chaves, são destacáveis a presença central do **cérebro**, de **medicamentos/drogas**, da **tecnologia/máquina**, do **desempenho/sucesso**.

Podemos considerar, neste caso, que a mensagem retórica busca nos sugerir a respeito da capacidade do cérebro de ser “aditivado” como uma máquina, no sentido de “render mais”. Nesta capa, especificamente, per-



Figura 9 - Capa Mente e Cérebro – Edição 221

cebemos o quanto a linguagem do imageamento cerebral¹⁹⁴, através sobretudo da tomografia, reforça a importância da tecnologia como modo privilegiado de visualizar o mundo e o funcionamento do corpo humano.

O que pode se inferir da análise das capas em geral é que não se vê um órgão “natural” operando, mas imagens computadorizadas que deixam esse corpo nu, não mais expondo suas fragilidades, mas destacando sua força e seu desempenho, similares aos de uma máquina. E mais uma vez, o cérebro aparece como um protagonista desse modo de vida mecanicamente otimizado.

Vale ressaltar que o texto fala de pessoas saudáveis, portanto não se fala em doenças ou fragilidades, mas numa maximização do funcionamento natural do órgão, aditivado por medicamentos e outras drogas. Aqui, como nas máquinas, se intui que esse cérebro não depende de uma prévia programação mas de seus componentes e de seus aditivos.

Mente e Cérebro, 265, fevereiro 2015

Com efeito, na edição 265, de fevereiro de 2015, a capa da Revista Mente e Cérebro também traz elementos que remetem ao mecanismo. A manchete é “**De Cérebro para Cérebro: O que há pouco tempo era ficção científica pode acontecer na realidade: é possível comunicar-se pelo pensamento**” (figura 10).

¹⁹⁴ KICKHÖFEL, 2014; ORTEGA e ZARZONELLI, 2010.

Em uma capa de fundo amarelo, aparece o desenho de duas cabeças nas quais os cérebros estão destacados e interligados por um fio. Em um dos cérebros, esta linha é cor branca com traços retos; no outro, linhas azuis, em curvas. Essas linhas se encontram em uma linha reta unificadora no alto das duas cabeças, indicando comunicação/ligação entre eles, apesar de terem formas de processamentos específicos, indicado pela diferença no traço das linhas internas dos cérebros. As cabeças não tem boca, o que sugere que a comunicação aqui referida não se dá de modo tradicional pela fala. Destacamos como palavras e imagens-chave desta capa: **cérebro, mente, inconsciente, pensamento, ciência/científico, máquina/tecnologia.**



Figura 10 – Capa Mente e Cérebro - Edição 265

A capa, de imediato, não provoca um julgamento sobre o tema, apenas sugere constatação de que pode existir “comunicação” pelo pensamento, apesar de o senso comum acreditar ser algo de ficção científica, sem viabilidade atual. Porém percebe-se que essa é uma estratégia para garantir empatia, pois é evidente a intenção de resgatar esse propósito, especialmente pela relação imagética de ilustrar a possibilidade de comunicação entre os seres tal qual ocorre com os meios eletrônicos.

Diante disso, percebemos que a mensagem retórica nos indica uma sugestão de que a efetivação da comunicação entre os cérebros é possível por meios “virtuais” de conexão, tal como é realizada pelos computadores em rede. Os cérebros, então, podem ser entendidos, a partir dessa concep-

ção emergente pela retórica imagética, como aparatos biomecânicos capazes de conexão entre eles.



Figura 11 - Capa Mente e Cérebro – Edição 235

Mente e Cérebro, 235, agosto 2012

O próximo exemplo poderia ser enquadrado aparentemente, do ponto de vista do texto, pelas ciências humanas. A edição 235 (agosto/2012) teve como tema: **“Criatividade: É possível exercitar o potencial para ter boas ideias e encontrar soluções com mais facilidade”** (figura 11). Um detalhe na imagem, no entanto, coloca essa capa na lista das capas analisadas: o cérebro alado, saindo da cabeça do personagem masculino

que ilustra a figura em fundo branco.

Esse homem, vestido de terno, tem a

cabeça em forma de caixa, com uma expressão de preocupação. A “tampa” da cabeça está aberta e dela sai um cérebro desenhado, na cor branca/linhas pretas, com asas roseadas.

Na manchete principal, a palavra “Criatividade” está em caixa baixa, com letras de cor azul. O complemento está em letras pretas. Nas manchetes secundárias, os títulos estão em laranja e os textos em preto. A logomarca, no alto da página, à esquerda, está em cores laranja. As palavras/imagens-chave destacadas desta capa foram: **criatividade, cérebro, desempenho, exercitar, ideias, soluções.**

A empatia identificada foi na abordagem da criatividade como habilidade para aumentar desempenho. A concepção emergente da mensagem retórica é de ver o problema de crise na produção de boas ideias co-

mo uma “fuga” do cérebro, como que o órgão saísse da caixa (expressão popular usada para a criatividade, “pensar fora da caixa”), levando embora o cérebro junto.

Mais uma vez é associada a temática subjetiva à analogia do localismo, como se o cérebro fosse o centro do pensamento e das habilidades cognitivas. O desenho materializa a ideia de que a criatividade está no cérebro e sem ele, essa habilidade não pode ser executada. Vale observar a fisionomia do personagem que lembra um robô, um ser construído, resultado de algo organizado e como tal, sem capacidade de reação própria. Essa expressão reforça a ideia do sujeito como refém do estado de funcionamento de seu cérebro para realizar tarefas como criar.

Mente e Cérebro, Edição Especial 38

Na edição especial 38, o tema é **“Como a mente cura o corpo: E também o faz adoecer: Processos mentais que influenciam na capacidade de manter e reestabelecer a saúde”** (figura 12). A capa em fundo preto é preenchida basicamente por palavras em diferentes tamanhos e cores. Há uma figura de tamanho pequeno estilizado, formado por fitas coloridas que se transpassam, apresentando leves transições de cores e de luminosidade. No restante, não há variação de luminosidade.

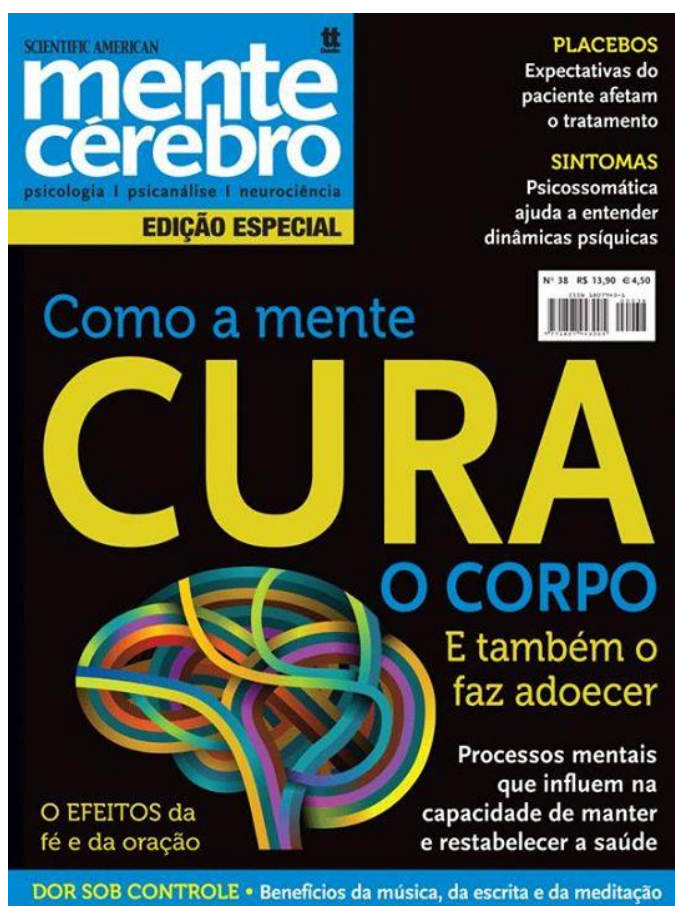


Figura 12 - Capa Mente e Cérebro – Edição Especial 38

No título principal, as letras menores estão em azul ou amarelo com destaque para palavra CURA, em caixa alta, na cor amarela no centro da página. O complemento da manchete está na cor branca, em letras menores. Para as manchetes secundárias há o uso de letras brancas e amarelas, além do uso de uma faixa em azul claro, no rodapé da página.

Na abordagem do tema na capa identificamos a ideia de processos mentais atuam como fatores de interferência na saúde do corpo. O destaque para a palavra "cura", em letras gigantes, chama a atenção para o cuidado com a saúde como uma estratégia de empatia com o público. A ideia do cérebro colorido por fitas também localiza essa cura no campo do cérebro. As palavras e imagens-chave destacadas foram: **cérebro, mente/inconsciente, corpo, saúde, doença/patologia, cura, desempenho.**

Embora o enfoque textual seja todo para a mente, o desenho do cérebro como representação material dos processos mentais reforça a concepção biomédica contemporânea de centrar o controle da vida nesse órgão. Ainda que pelo conteúdo a mente seja o preponderante na temática da capa, a retórica de um cérebro capaz de conduzir o corpo para a saúde biológica tem uma força considerável como mensagem. No mínimo reforça concepções de que o biológico é a centralidade do humano, mesmo quando se fala da dimensão real mais abstrata do humano, a mente.

Vamos a outros exemplos de abordagens.

Mente e Cérebro ed.250, Novembro 2013.

Na edição 250, de novembro de 2013, a relação do cérebro com o aprendizagem é direta a partir da ilustração, embora isoladamente não tenha esse direcionamento para a centralidade do órgão.

A manchete textual é: “**O que de fato funciona para aprender: Algumas técnicas de estudo ajudam a aprender mais rápido, enquanto outras só nos fazem perder tempo. Como diferenciá-las? Uma revisão inédita de estudos mapeou detalhadamente os melhores caminhos para adquirir conhecimento**” (figura 13).

O grande destaque na capa de fundo amarelo é o desenho de um lápis estilizado, também amarelo. O contorno desse lápis está expandido no centro remetendo ao formato e as rugosidades de um cérebro. O lápis representa imageticamente o cérebro e sua relação com o aprendizado e a educação.

Abaixo, a manchete com a palavra "aprender" em caixa alta e na cor verde petróleo. A expressão "de fato", está em manuscrito, também em verde petróleo, reforçando a ideia de eficácia e comprovação no que está a ser apresentado pelo artigo que ela apresenta. O restante das palavras do título está em letras pretas. O complemento da manchete está em letras pretas e letras bem menores, abaixo do título.

Há uma manchete secundária no alto sobre chocolate, complementada por uma imagem da guloseima. Abaixo, no pé de página, há uma faixa horizontal preta, onde aparecem três outras manchetes secundárias. Como palavras/imagens-chave foram destacadas: **cérebro, pesquisas/cientistas, máquina/tecnologia, inovação, aprendizagem, desempenho,**



Figura 13 - Capa Mente e Cérebro – Edição 250

inteligência, funcionamento, técnicas, estudo, tempo, revisão, mapear, conhecimento.

O que podemos inferir como qualificação do tema é que a capa sugere que há novidades importantes para acelerar aprendizado e que elas passam pela melhor instrumentalização do cérebro. A mensagem retórica nos permite inferir que o cérebro apresenta-se nessa capa como uma ferramenta utilizada para o aprendizado. Indo um pouco mais além nas possibilidades de analogia, podemos correlacionar a sugestão de que o o cérebro pode ser "apontado" para desempenhar suas funções, isto é, receber aprimoramento tal qual o lápis quebrado tem sua função recuperada ao ser submetido a um apontador. O órgão, neste caso, é visto como um instrumento que pode ampliar a velocidade de aprendizado.

Mente e Cérebro, especial 46, 2015

Outra capa que aborda textualmente a temática pelas ciências sociais e humanas do ponto de vista do texto, mas que pela ilustração dispara toda uma concepção que dialoga com as Biociências. Na edição especial nº 46, publicada em 2015, a temática foi "**Consciência: O que a psicologia, a psicanálise e a neurociência têm a dizer sobre a fascinante capacidade de perceber o mundo e a si mesmo**" (figura 14).



Figura 14 - Capa Mente e Cérebro – Edição Especial 46

A capa tem como fundo uma ilustração cujas bordas parecem escuras e desbotadas. No centro, aparece a imagem de um campo, com céu com nuvens e em destaque a figura de um "ser/autômato" com pernas e sapatilhas de bailarina e corpo constituído por engrenagens que lembram o formato de um cérebro. Na ponta de uma antena, há um olho.

Mais acima, a palavra "consciência", manchete principal, aparece em destaque em caixa alta e letras amarelas, ocupando toda linha. O complemento está no alto, em letras brancas menores, em caixa baixa, alinhado à direita.

As manchetes secundárias, que são relacionadas ao tema principal, são títulos, em letras brancas, em caixa alta. A logomarca está no alto num pentágono amarelo, escrito em letras vermelhas, com a expressão "edição especial" em letras pretas no alto. No pé de página, à direita, está o selo de "10 anos", com traços brancos. Como palavras/imagens-chave foram destacadas: **cérebro, mente, consciência, ciência, corpo, medicamento/drogas, olho, mundo, social, controle, psicologia, psicanálise, neurociência, capacidade, percepção, consciência, sonhos, anestesia, fisiologia, foco, técnica, mensagens, subliminares, realidade.**

Como estratégia de empatia identificamos a figura da bailarina trazendo leveza ao autômato, à dureza de suas engrenagens. O campo, ao fundo, lembra o sonho e ganha movimento com esse autômato.

A concepção emergente da mensagem retórica é quanto às diversas formas para o cérebro adquirir consciência de si e do mundo, representando o cérebro como uma máquina capaz de perceber a si e o mundo, capaz também de atuar em campos imateriais como os sonhos, a percepção, o foco...



Figura 15 - Capa Mente e Cérebro – Edição Especial 31

Mente e Cérebro, especial 31

Em uma edição especial mais antiga, a 31, o destaque é: “**Como as drogas agem no cérebro: Crack, Maconha, Cocaína, Oxi, Cigarro, Álcool, Ayahuasca, LSD e outros alucinógenos**” (figura 15). A capa em fundo preto liso, com a foto de uma pessoa expelindo fumaça branca azulada pela boca. No alto, onde essa fumaça concentra-se, formando a figura de um cérebro branco, vazado, que segue nessa fumaça se desfazendo.

A manchete principal e o complemento estão em letras brancas e caixa baixa. O destaque é para a palavra "drogas" na cor verde e em tamanho maior. Como manchetes secundárias, estão no canto inferior direito, ao lado do rosto, em letras brancas, em tamanho menor. Para destacar, há uma pequena faixa com a expressão "e mais". A logomarca ocupa a parte central do topo da página, com letras verdes. Sobre ela, no canto esquerdo superior, aparece uma tarja vermelha com a palavra "especial", em letras brancas e caixa alta. As palavras/imagens-chave destacadas foram: **cérebro/neurônios, medicamento/drogas, riscos/medos, benefícios/vantagens, alucinógenos, escolha, internação.**

O que podemos apreender da mensagem retórica é que a imagem ilustra uma situação ruim provocada pelas drogas, o cérebro sendo afetado negativamente, mostrando-o se desfazendo com o uso de drogas, evaporando-se na fumaça. O fundo preto remete a algo "oculto", depressivo. So-

bre a mensagem retórica que pode ser apreendida temos a representação do cérebro virando fumaça pelo uso das drogas, se desfazendo. Temos aí mais um reforço à ideia da relevância do órgão na concepção da vida e do adoecimento, neste caso, quando influenciado pelas drogas.

Mente e Cérebro, 264, janeiro 2015

Mais um caso emblemático foi o da capa de Mente e Cérebro de janeiro de 2015 (ed. 264 – “**Psicologia ajuda a você a mudar hábitos e alcançar objetivos: Lidar com a ansiedade e aproveitar melhor o tempo aumenta chances de realizar seus desejos**” – figura 16). A capa em fundo vermelho, destaca a manchete principal, em letras amarelas em tom pastel, com destaque para os termos "psicologia" e "mudar hábitos" e "objetivos". Mas, ao fundo, como uma sombra, aparece a silhueta de um cérebro, em um tom mais escuro de vermelho ao fundo.



Figura 16 - Capa Mente e Cérebro – Edição 264

Abaixo nas mesmas cores de letra, uma manchete secundária sobre um especial sobre crianças e inteligência. No alto, a logomarca em branco. No alto da página, uma faixa branca com as manchetes secundárias. (hospital, egoísmo e esquizofrenia). Como palavras/ imagens-chave destacadas temos: **psicologia, cérebro, desempenho/vencer, aprender/aprendizagem, ansiedade, mudança, hábito, foco/objetivos, alcançar, tempo, desejos.**

Apesar de o texto apresentar claramente que a abordagem se faça pelo viés das ciências humanas, a imagem de um cérebro vermelho, ao fundo, joga no nosso imaginário a temática para a perspectiva das biociên-

cias, reconhecendo o cérebro como referência para a vida humana, em contraponto aos aspectos subjetivos e sociais¹⁹⁵.

Como qualificação do tema, percebemos que a capa sugere a psicologia como forma de ajudar a mudar hábitos e aumentar a chances de realizar desejos, relacionando-os com o cérebro. A concepção que emerge da mensagem retórica é de que o cérebro pode ser modificado para estabelecer novos hábitos e alcançar objetivos e que pode ser o centro onde podem ser formatados os recursos para alcançar desejos, tal como apresentado pelo texto da manchete. Ao final, não localiza o objeto da psicologia na mente ou nas questões humanas e sociais, mas no cérebro, como resultado de sua funcionalidade.

Mente e Cérebro, edição especial 44

Na capa da edição especial 44 "**Cérebro em movimento 1: Por que exercitar o corpo faz tão bem para a mente**" (figura 17), o destaque é para a relação do órgão com a atividade física. A capa com fundo um laranja escuro (cor de tijolo) traz a palavra "Cérebro" em amarelo e caixa alta, em grande destaque no centro da página. Abaixo da palavra, em letras cursivas pretas, está a expressão "em movimento", com o número 1, em branco, ao lado das duas linhas de

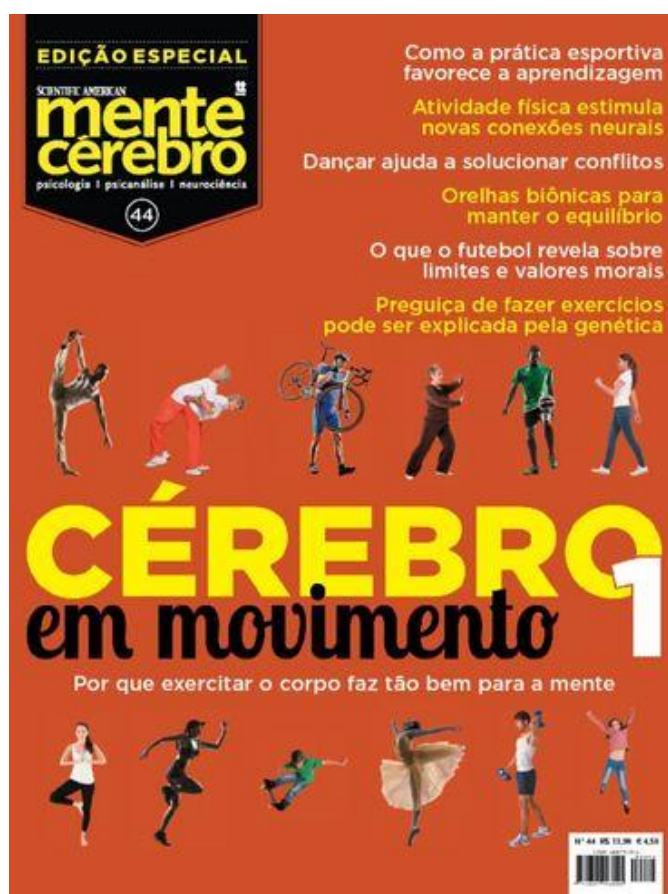


Figura 17 - Capa Mente e Cérebro – Edição Especial 44

¹⁹⁵ Este é um bom exemplo para justificar mais uma vez porque em nossa seleção para análise não nos concentramos nos textos. É justamente no encontro entre imagem e palavra que surgem os elementos simbólicos que vão induzir o convencimento a respeito do viés pela qual a vida e a saúde estão sendo tratadas, e não apenas no que foi expresso pontualmente no texto da manchete.

palavras. Abaixo e acima desse título, há figura de pessoas praticando atividades físicas como dança, yoga, ciclismo, caminhada, musculação skate e brincadeiras infantis. No alto da página, à esquerda, a logomarca em preto e amarelo. As manchetes secundárias, também relacionadas ao tema, estão no alto, à direita, em letras brancas e amarelas. Não há uso da luminosidade para realçar os elementos.

As palavras e imagens-chave destacadas foram: **cérebro, mente/inconsciente, corpo, saúde, máquina/tecnologia, exercício físico, desempenho/vantagens.**

As manchetes secundárias complementam o tema principal trazendo as variedades com que o assunto foi abordado como associar a prática esportiva com a aprendizagem, com estímulo de novas conexões neurais. Também sugere que dançar ajuda a solucionar conflitos, e a relação do futebol com limites e valores morais, além de associar preguiça de fazer exercícios com a genética.

Identificamos a proposta do exercício físico como benéfico para o cérebro, de que o órgão em movimento apresenta-se como garantia de saúde. A mensagem retórica que emerge da capa é que o cérebro precisa estar em movimento como um órgão que pode ser exercitado como os músculos no exercício físico.

Mente e Cérebro, ed. 247, Agosto 2013

Na edição 247, de Agosto de 2013, que traz o cérebro figurando o centro de uma dor. A manchete "**Alívio para a Enxaqueca: Pesquisas brasileiras com o hormônio do sono abrem caminho para compreender e tratar a dor que aflige mais de 20 milhões de pessoas no país. O desafio é lidar com seu principal gatilho: o estresse**" (figura 18).

A capa em fundo escuro com um cérebro colorido ao centro. Dele saem raios, luzes, na cor amarelo escuro. Esse cérebro está dividido em partes coloridas e suas linhas são reforçadas por traços luminosos, com cores neon (azul, verde, amarelo e rosa). A manchete principal tem a palavra "enxaqueca", em destaque, na cor amarela. A primeira parte, bem como o complemento, estão em letras brancas. As manchetes secundárias vêm com o título em caixa alta com letras amarelas e complementos em letras brancas. A logomarca

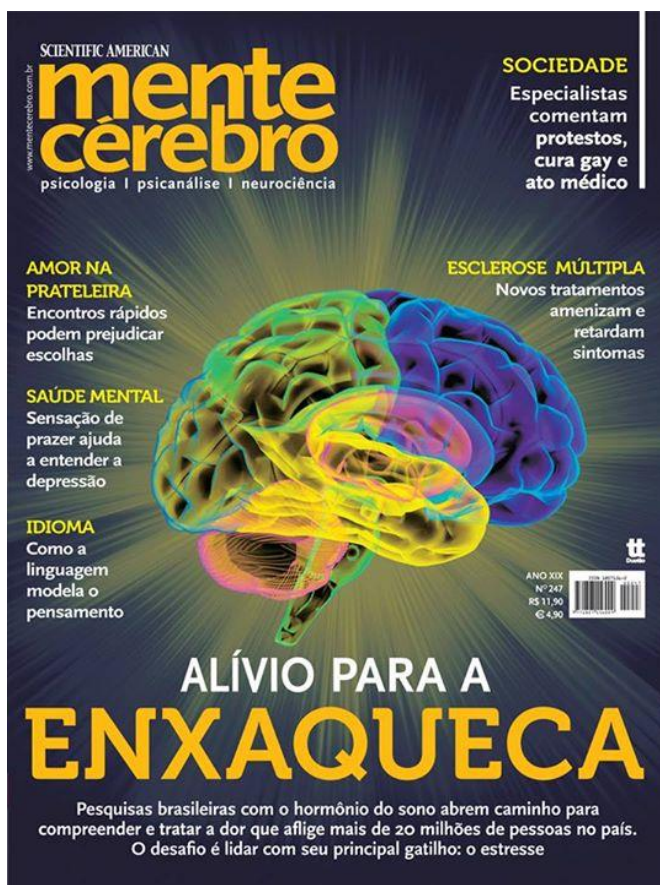


Figura 8 - Capa Mente e Cérebro – Edição 247

está no alto, à esquerda, em letras amarelas com complementos em letras brancas. O uso de raios e linhas coloridas remetem a ideia de luzes e raios que saem de um cérebro em alta troca de energia. As palavras e imagens-chave destacadas são: **pesquisas/cientistas, cérebro/ neurônios, cura, dor, estresse, enxaqueca, hormônio, sono, gatilho, desafio. raio, energia.**

A busca por alívio para o problema da enxaqueca é reforçada como meio para estabelecer empatia com o leitor, fazendo analogia de um cérebro energizado, em alta tensão, chamando atenção para a enxaqueca, uma dor comum e que imobiliza muitos pacientes.

A mensagem retórica que emerge é do cérebro como centro da enxaqueca, como um mecanismo em altas descargas elétricas que geram a enxaqueca. O cérebro é ilustrado como um terminal nervoso de energia onde se desencadeia essa doença.

Mente e Cérebro, ed. 257, Junho 2014

Mas o cérebro também é tratado por outras formas, como na edição 257, de Junho de 2014. Uma grande célula é o destaque em **“O cérebro regenerado: O que pesquisas sobre células-tronco trazem de novo para tratar Parkinson, esclerose, demência, lesões da medula e câncer”** (figura 19).

Na capa escura, com fundo preto, uma grande luminosidade sai de dentro de uma grande célula-tronco ampliada em microscópios potentes. Essa estrutura esférica possui cores fosforescentes (verde e amarelo e azul), com uma luz interior. Como descrita no interior da revista, "a célula-tronco ostenta um núcleo verde de incandescência". O título está em branco, com a palavra "cérebro" em destaque, seguido de "regenerado", abaixo, em verde cítrico, com letras mais finas. A logomarca está em verde cítrico no alto da página. Palavras/imagens-chave destacadas: **cérebro/neurônios, doença/patologia, inovação, célula-tronco, câncer, parkinson, esclerose, pesquisas.**

A célula-tronco, como descrita, apresenta uma parte central pulsante, com uma luz intensa. Na parte externa, a luminosidade se apresenta na parte superior. Nisso, reconhecemos que o tema remete à ideia do cérebro regenerado, como algo que foi requalificado com as novidades descobertas nas pesquisas sobre o assunto. O cérebro aparece então como algo que foi reconquistado, trazendo a figura da célula-tronco a ser explorada.

O que emerge dessa composição simbólica é algo que ainda precisa ser explorado quanto aos



Figura 19 - Capa Mente e Cérebro – Edição 257

genes e às células-tronco para maior potencialidade do cérebro e eliminação das patologias diretamente ligadas a esse órgão. O cérebro pode ser reconstruído a partir da força da célula-tronco, capaz de regenerar algo que não tinha cura ou tratamento até então como Parkinson, esclerose, câncer... Os danos no cérebro não são mais irreversíveis.

Como forma de ilustração, vamos apresentar em anexo quatro capas da *Mente e Cérebro* que não tratam do cérebro como destaque, para demonstrar que as mesmas características que emergem das mensagens retóricas identificadas na representação do cérebro não são reproduzidas em outras temáticas com a mesma força. Um dos aspectos que vamos destacar é a abordagem de temáticas relacionadas às relações sociais e aspectos subjetivos da mente sem a vinculação com o funcionamento do corpo e mesmo sua dependência com a imagem do cérebro, como verificamos nos exemplos analisados anteriormente.

Nos exemplos que serão apresentados em anexo, temos como ilustração a foto de jovens felizes para representar a felicidade, figura de uma corda rompida para fazer uma analogia com o estresse e a ideia de uma porta que se abre na cabeça para falar do inconsciente.

A descrição e análise dessas edições estão no anexo 4.

Observação de outras revistas referentes ao cérebro

Como entendemos que seria necessário observar se o cérebro era tratado da mesma forma em outras revistas de divulgação científica, separamos seis capas de diferentes publicações, de variados gêneros, para avaliar se o órgão também sofre semelhante abordagem retórica quanto à sua apresentação. De maneira geral, constatamos formas análogas de retratar o cérebro tanto nas formas e cores no seu aspecto plástico, quanto na descrição textual.

Galileu, ed 241, Agosto 2013

Como na edição 241 da revista *Galileu* (editora Globo). Em **“Turbine sua Memória: Novos estudos descobrem como lembrar de tudo. Funciona - e é mais simples do que você pensa”** (figura 20). Nessa capa, há uma figura construída de um cérebro-máquina, metalizado e com um cano de descarga, saindo fumaça. Palavras e imagens-chave destacadas: **turbine; memória; máquina; cano de descarga; funciona; cérebro; veículo automotor; novos estudos científicos.**



Figura 20 - Capa Galileu – Edição 241

Foi constatada a referência a novos estudos sobre o tema, reforçando o argumento pelo científico (ciência, estudos). A mensagem retórica dá conta do cérebro como uma máquina que pode ser envenenada, turbinada. A edição apresenta um guia de exercícios como forma de seduzir para interagir com o leitor com atividades práticas que podem reforçar esse órgão para que atinja o máximo de sua potência para registro de memória. O cérebro é visto, portanto, como uma máquina que pode ser aditivada e sujeita a melhoramentos para maximizar sua potência como exercícios e outros recursos.



Figura 21 – Capa Psiquê – Edição 96

Psiquê, ed. 96, Dezembro 2013

Pela abordagem das ciências sociais e humanas, temos como exemplo a revista *Psiquê*. Na edição 96, de Dezembro 2013, temos a manchete **“Uma questão de saúde pública: Como o profissional de saúde mental atua além do hospital e do ambulatório, com especial atenção para a área educacional e as intervenções em crianças, adolescentes e professores adoecidos”** (figura 21).

Nessa capa, aparece o desenho estilizado num fundo azul, com traços em giz de cabeça humana, tendo no centro um cérebro com curativos estilo *band-aid* cor da pele. A mensagem da manchete está dentro da própria cabeça, em letras brancas. Palavras e imagens-chave destacadas: **cérebro; saúde pública; saúde mental; hospital; ambulatório; educação; intervenção profissional.**

A avaliação negativa do estado da Saúde Mental é sugerida através dos curativos aplicados na cabeça desenhada em giz. O curativo aparece como um paliativo da crise, reforçando que o sistema está enfermo, do que necessita de cuidado. A referência ao cérebro como símbolo para saúde mental remete a discussão levando em consideração o paradigma das biociências e das neurociências como foco da discussão da saúde mental. O texto não chega a fixar a temática nas Biociências, embora reforce aspectos defendidos por esse paradigma como a ênfase na hospitalização e na defesa da intervenção normativa como processo eficaz para resolver a questão. É na imagem que a normatividade e a relevância da visão biocientífica são demarcadas na análise da crise na saúde mental, remetendo o imaginário para o cérebro adoecido como metáfora para o que se passa na área da saúde mental.

Scientific American, ed. 146, Julho 2014

Outra revista que constantemente traz assuntos ligados às neurociências e que estampa o cérebro recorrentemente é a revista *Scientific American*. A edição brasileira traz, em diversos momentos, assuntos das neurociências como destaques em suas abordagens sobre divulgação científica. Um exemplo é a edição 146, de Julho de 2014, com o tema: **“A Fascinante Neurociência do Hábito: Cientistas identificam circuitos cerebrais capazes de**



Figura 22 – Capa Scientific American – Edição 146

facilitar formação de hábitos positivos e evitar os indesejáveis" (figura 22).

A capa mostra a cabeça de um humanoide (homem estilizado), com conexões em formato de luz, lembrando a atividade neuronal. O fundo da imagem é sólido, em azul em tons semelhantes ao da figura humana em destaque. Os títulos estão em cor laranja e os textos em cor branca. A logo-marca está no mesmo laranja com letras pretas. A luz destaca a silhueta da cabeça humana. Palavras e imagens-chave destacadas: **cérebro/neurônios, riscos/medos, pesquisas/cientistas, neurociência, hábitos, circuitos, indesejável.**

Percebeu-se uma relação positiva insinuada entre a neurociência e hábito, enfatizada pela expressão "fascinante". A ideia de um cérebro como máquina que pode ser programada. Hábitos são comparados como comando que pode ser programados (a partir da imagem de circuitos neurais que lembram os circuitos eletrônicos), reforçada pela palavra "circuitos". A neurociência é sugerida como capaz de apontar meios de reprogramar o cérebro e gerar novos hábitos. A falta de expressão do personagem também reforça a ideia de um ser autômato que demonstra-se centrado, retomando a analogia do "robô" que é programado para a perfeição em sua constituição e existência¹⁹⁶.

Superinteressante, ed. 325, Nov. 2013

Na revista Superinteressante, temos na edição 325, em Novembro de 2013, temos um tema sempre polêmico para a ciência: a fé. Observamos, porém, que a abordagem está centrada no cérebro, a partir da imagem, embora textualmente não se faça essa conexão.

A manchete "**Fé faz bem: É a ciência que está dizendo: quem crê em algo acima de si vive mais, ganha melhor e é mais feliz. Saiba como se beneficiar disso, com religião ou não**" (figura 23).

¹⁹⁶ SFEZ, 1996.

A capa emoldurada pela cor vermelha, característica da Superinteressante, apresenta uma ilustração de fundo escuro e com pontos brancos indicando um céu estrelado. No centro, a figura de uma pessoa, representada por um boneco criado por computação gráfica, com feições humanas, na cor preta do fundo, mas com silhuetas em branco, indicando luz e brilho. A pessoa está em posição de oração, olhos fechados e mãos justapostas na altura do pescoço. A expressão dessa pessoa é muito serena, embora pareça um boneco, por ser uma figura criada em computador. No alto da cabeça há um cérebro com um uma forte luz em formato de cruz, no centro desse cérebro que parece estar em chamas. Desse cérebro saem raios e faixas em formato de imantação magnética em linhas curvas em diferentes direções. Essas linhas extrapolam a parte central e passam sobre a logomarca da revista.



Figura 23 – Capa Superinteressante – Edição 325

No alto da cabeça há um cérebro com um uma forte luz em formato de cruz, no centro desse cérebro que parece estar em chamas. Desse cérebro saem raios e faixas em formato de imantação magnética em linhas curvas em diferentes direções. Essas linhas extrapolam a parte central e passam sobre a logomarca da revista.

A manchete principal está na altura das mãos justapostas, em letras brancas e caixa alta. Bem abaixo, em letras muito menores, está o complemento, também em letras brancas, mas em caixa baixa. Palavras e imagens-chave destacadas: **ciência / científico, cérebro / neurônios, máquina / tecnologia, desempenho, crença, religião, salário, felicidade.**

Observando a capa, notamos que há um reforço no brilho que destaca a silhueta da pessoa, o que dá um ar de algo feito de vidro, com brilhos e reflexos acentuados. Este ser, que aparenta ser límpido e centrado, tem sua

atividade centrada no cérebro, a partir da ênfase gráfica de cores e intensidade registrada nesta parte. A analogia da cruz com o cérebro sugere uma aproximação da temática pelas neurociências, aliando a fé como algo positivo aos olhos da ciência, sugerindo que quem cultiva sua fé ganha melhor e vive mais.

A resposta retórica, reforçada pela imagem, é jogada para o cérebro: este órgão é apresentado como o centro da crença e dos aspectos disparados pela fé e pela religiosidade. Mais que isso, o cérebro é vivificado pela fé, está a serviço da sua funcionalidade, rompendo com a ideia de fé e crença da forma como são trabalhados pelas religiões. O que está em foco na abordagem proposta pela capa é na qualidade de vida gerada pelo exercício da fé que direciona o cérebro para estar conectado com algo maior. Ainda assim, há um sugestionamento forte de que os benefícios do cultivo da fé passam pelo cérebro.



Figura 24 – Capa Veja – Edição 2314

Veja, ed. 2314, Março 2013

Para encerrar, um exemplo de uma revista semanal de jornalismo geral, a revista que abordou o tema na edição 2314, em Março de 2013. O destaque foi **“O cérebro: As imagens que revelam a origem biológica do pensamento e das emoções e vão revolucionar o tratamento das doenças mentais”** (figura 24).

A capa em fundo azul apresenta a cabeça

de uma figura humana translúcida, em que aparece destacado o cérebro, fosco, com tonalidades coloridas como pintadas com tinta, como num quadro artístico. A palavra "Cérebro", está em destaque, em letras brancas, em caixa alta. Palavras e imagens-chave destacadas: **cérebro / neurônios, doença / crônica / patologia, máquina / tecnologia, imagens, biológico, pensamento, emoções, revolução, tratamento.**

A constatação é que a revista semanal apostou na reprodução de um cérebro exposto a partir das imagens de exames clínicos. A beleza com a qual as atividades neuronais é tratada se reflete na ênfase para sua plasticidade a partir das cores e formatos retratados a partir de pinceladas, o que sugere uma aproximação entre a funcionalidade da atividade cerebral com a vivacidade das artes plásticas. O cérebro colorido é sugerido como algo que tem vida, que as imagens podem ser artísticas e também funcionais.

A mensagem retórica sugerida é de que as imagens podem revelar muito do cérebro, que pode ser apreciado como algo vivo, pulsante e belo. Neste caso, a relação entre arte (pinceladas) e o cérebro (apresentado por imagens de exames), reforça a relação de protagonismo desse órgão na abordagem do tema, levando em consideração a relevância da abordagem por uma revista semanal, que tem um amplo leque de assuntos em sua pauta, como a política, a economia e a cultura, entre outros.

Interpretação Analítica das Revistas

Ao final do processo de análise percebemos, de pronto, o fato de termos conseguido identificar um aparente descompasso de intenção retórica entre *texto* e *imagem* quando tomados em separado, confirmando nossa hipótese de que é na simbiose entre eles que o processo de convencimento ganha potência. Como vimos em alguns dos exemplos analisados, o texto remetia a uma abordagem pelas ciências humanas, mas a imagem “amarrava” a temática sob a perspectiva das bio-ciências, trazendo o cérebro-máquina como centro da abordagem, elevando-o para um patamar relevante na representação social da saúde, da vida e do viver na proposta com a qual o tema era tratado na edição.

A simbiose, portanto, não se mostrou, dentro do conjunto de capas pesquisadas, ocasional, pois embora pareçam caminhar para sentidos opostos quanto aos elementos que deles emergem em cada capa (imagem e texto), as mensagens comuns a muitas delas seguem em direção a um mesmo conjunto de sentidos, sendo renovadas em outras capas com a mesma proposta retórica.

Se tomarmos como critério analítico uma única capa, como é frequente na tradicional análise de conteúdo, pelo texto, ou pela semiótica, pela imagem, o efeito retórico não aparece. Ele só se constitui quando percebemos que essas mensagens retóricas estão num constante tensionamento ao longo de diferentes edições, trazendo à tona a mesma intenção de mensagem que dispara o convencimento quanto a uma determinada normatividade sobre a vida.

Ainda que travestida de diferentes combinações textuais e semióticas, a retórica se constitui como presença simbólica que se coloca a serviço do convencimento, embasada pela imagem, não apenas a gráfica, mas a

imagem mental que se constitui no imaginário social. É na repetição periódica e na constituição simbólica de temas através da forma e cores das imagens e das expressões que direcionam mensagem de comando pelo texto que a retórica ganha intensidade no cenário social. Esse padrão de abordagem se repete em diversos momentos, caracterizando um movimento constante que gera um convencimento sobre um modo específico de abordar a vida. No objeto selecionado para este estudo, temos o cérebro como elemento central para reforçar esse padrão de abordagem.

Vimos que, mesmo quando o assunto é abordado pelo campo das ciências sociais e humanas, em especial às disciplinas *psi* no enfoque da mente, podemos perceber a relação direta com o cérebro. Ao trazer a figura desse órgão para a imagem, é reforçada a sugestão do papel do cérebro como centro por onde passa a normatividade sobre como deve ser conduzida a vida e a saúde. Mesmo que essa relação não esteja explícita, a proposição do cérebro como protagonista da vida é reforçada no imaginário quando ele é destacado em diferentes momentos como responsável por funções relevantes no funcionamento do corpo humano e como centro de pensamentos, sentimentos, vontades e ações que seriam atribuídas à mente estudada pelas disciplinas *psi*.

Conforme percebemos no projeto principal, e agora renovado aqui através do enfoque num objeto específico, constatamos que a repetição dessas características reforçam uma certa representação social desse cérebro que por sua vez reforça características fortes das Biociências enquanto proposição de normatividade sobre a vida e o viver e o que vem a ser a saúde humana. Mais que isso, ele é colocado como *protoganista*, na centralidade dos processos da vida.

A primeira constatação resultante da análise propriamente dita é o reforço na distinção do cérebro e da *mente*. Definitivamente não são encarados como sendo a mesma coisa. Cérebro é o órgão, o *hardware*, o processador biológico; a mente, por sua vez, faria as vezes de *software*, responsável pela programação e fluxo de desenvolvimento dos aspectos imateriais.

O que se observa como fruto da análise é que a mente, em muitos momentos, é abordada como resultado da ação do cérebro, isto é, efeito de sua fisiologia e de sua constituição sistêmica, não sendo considerados outros aspectos, como a subjetividade ou as relações sociais. Mesmo o corpo também muitas vezes é tratado como subjugado em relação ao cérebro, como resultado das estruturas neuronais no comando dos órgãos e como centro onde são originadas diversas patologias pelo seu mau funcionamento.

Outras vezes, tanto o mente como o próprio cérebro, estão sujeitos às condições de normalidade e normatividade que são peculiares às Biociências. Passar por esse centro biológico ancora as temáticas da mente no crivo das ciências da vida, tornando-as passíveis de sua interpretação e interferência direta.

Ao considerar a crescente tendência social de estímulo ao máximo desempenho, ao sucesso e à excelência, procurou-se verificar também se essa iniciativa fortemente praticada pelas áreas de gestão e negócios, de alguma forma está sendo trabalhada nas abordagens do corpo e da vida. De fato, verificou-se um constante incentivo para que as temáticas abordadas nos periódicos ajudem no desenvolvimento e no sucesso dos indivíduos, alcançando sua máxima eficiência. Isso é transferido para o corpo e para a mente, que devem ser desenvolvidos e utilizados em sua capacidade plena. O cérebro, como órgão central, muitas vezes, é tratado como máquina ou computador altamente potente, capaz de resolver as funções vitais do corpo, bem como de agir sobre a mente e suas subjetivações para o pleno desempenho social e produtivo dos indivíduos diante dos desafios do mercado de trabalho contemporâneo.

A relação com a máquina, que inicialmente era uma hipótese, se colocou como um elemento importante na representação do cérebro apresentado pelas biociências. Isso se verificou tanto nessa função de desempenho, quanto na de constituição do órgão, representado tal qual um mecanismo que pode ser aditivado ou ter suas peças trocadas.

Na construção gráfica, em diversos momentos, há uma reprodução de elementos bem característicos dos aparatos tecnológicos que vem ganhando cada vez mais espaço na sociedade contemporânea. Há referência ao cérebro como circuito eletrônico, com descargas elétricas, identificando o seu formato e as redes neuronais às redes de energia ou a chips eletrônicos.

O corpo em muitos casos é transparente, com a aparência de vidro. As feições são de bonecos com proporções perfeitas, sem expressões de sentimento. Tudo está neutralizado, apenas o cérebro brilha e tem sua atividade intensa marcada por cores, luzes e descargas elétricas.

Em contraposição, nas abordagens pelo viés das ciências humanas (apresentadas em anexo), a **mente** está no protagonismo da relação abordada, onde as questões subjetivas e sociais são tratadas como elementos importantes na análise. O corpo e o cérebro quando aparecem são abordados como parte de um sistema complexo integrado e não como o centro da vida. Nas figuras, o comportamento, ação ou sentimento humanos são representados por fotos de pessoas em uma determinada ação, frequentemente expressando alguma reação nos rostos e nos corpos condizente com a temática tratada. Quando a figura é abstrata, há uma referência a representações sociais sobre a temática, como por exemplo, associar a algema à ao ciúme que aprisiona. A centralidade está na *representação social*, mesmo que em clichês, porém há uma relação com o que é compartilhado culturalmente sobre o tema.

A diferença com a abordagem típica das biociências é que indiscutivelmente essa representação está no corpo biológico ou no cérebro, para as biociências. Mesmo questões com perspectivas culturais são referidas com algum protagonismo do cérebro ou do corpo.

Outro ponto que ressalta da análise é uma baixa participação do corpo nas relações relativas ao comportamento (mente) quanto ao funcionamento neuronal (cérebro). O que conecta ao biológico é limitado ao cérebro, sendo muito pouco verificada uma correlação ou interação com outras partes do corpo. Imagetivamente raramente aparece um corpo inteiro, o cérebro entra sempre na perspectiva da cabeça. E essa é retratada apenas

como um suporte, sendo descaracterizada em diversas capas ao ter suas expressões reduzidas ou anuladas em personagens que mais lembram robôs que figuras humanas.

A própria materialidade dessa cabeça por vezes é tornada transparente como um corpo sutil sem significância, diante de um cérebro pulsante e cheio de brilho e vida. E os modelos que carregam o cérebro raramente são pessoas reais, de “carne e osso”, são representações gráficas de manequins que se aproximam de feições robóticas, em contraponto a algumas abordagens da mente que apresentam personagens expressando felicidade ou pânico. Há um jogo claro de uma gama de sentimentos expressos pela mente e pelo humano em fotografias ou desenhos, em contraponto ao plástico e funcional materializado em figuras construídas por computação gráfica.

O próprio cérebro não se apresenta desnudado, sempre está travestido de cores, de formas e alusões que afastam do seu natural, não expondo suas fragilidades. O colorido que vem das imagens de exames, das linhas precisas e do brilho da computação e desenhos que materializam suas funções pode ser tomado como eufemismo para a realidade orgânica do órgão com suas veias, sangue e outros fluídos como a própria massa cinzenta que o constitui, que podem parecer desagradáveis. De uma figura amorfa e repugnante, o cérebro ganha uma representação pulsante, cheia de cores, de luzes e formas que o torna mais compatível com a promessa de habilidades que ele é capaz. Visualmente se aproxima mais do computador com design atualizado, potente, eficiente e preciso, do que um órgão frágil e extremamente sensível, que depende do resto do corpo para contê-lo e mantê-lo vivo.

Cabe salientar que a pesquisa também fez vir a tona a falta de uma perspectiva oposta à vida. A morte não é figurada, nem mencionada. O contrário da vida, como pensou Canguilhem (2012) não é a morte, mas a ausência ou falha da vida em seu funcionamento pleno, aquilo que nos afasta da perfeição, apontada no projeto identificado por Sfez (1996). A relação com a máquina cabe bem a esse propósito pois tal qual na tecnolo-

gia, um corpo sem plenas condições de funcionamento é sucata e merece ser trocado; ele deixa de ser máquina para servir de suplemento de reposição para uma outra máquina, em melhores condições.

Naturalmente, isso não fica explícito, mas é uma mensagem sutil de como a subjetividade do humano não é considerada se avaliarmos o corpo e sua estrutura desacompanhada do sujeito que seria o portador dessa vida. O cérebro passa a ser o objeto eficaz para centralizar essas relações da vida e encarnar as características essenciais para constituir uma mensagem eloquente ao imaginário social sobre o modo de vida e de viver condizentes com a racionalidade biocientífica pós-moderna.

O cérebro que aparece nas capas das revistas analisadas pode, portanto, ser visto como uma representação social pungente de como a vida deve ser conduzida sob a visão das Biociências. Podemos afirmar dentro do universo de edições pesquisadas o quanto essa retórica sutil vai se consolidando no imaginário social pela repetição e pela recorrência de mensagens que, por sua vez, vão consolidando o papel das Biociências no imaginário sobre a saúde, a vida e o viver.

O cérebro que é recorrente nas edições selecionadas da Revista *Mente e Cérebro* constantemente aparece protagonizando uma saúde plena e capaz de diminuir as fragilidades do biológico e se aproximar paulatinamente de uma máquina cada vez mais potente e perfeita. A mente e o corpo são tratados, em contrapartida, como recorrentes coadjuvantes de uma vida capturada por um modo de ser sujeito à normatividade e que desconsidera os aspectos subjetivos e sociais do humano.

Essa mente e corpo (em sua integralidade) não são sustentados como relevantes para o processo da vida diante da fragmentação do corpo, como destacou Luz (2004) e que hoje se consolida com a sedução pelo nanobiológico, que chega a estruturas moleculares, aproximando-se cada vez mais de unidades biológicas menores como as enzimas, DNA e moléculas, identificáveis apenas por poderosos microscópios. Essa forma de identificar a vida biológica fortalece crescentemente o imaginário social de uma saúde perfeita como uma utopia possível de constituição da vida e do viver, como

insinuou Sfez (1996), sustentado por uma representação social relevante sobre o modo de vida e de viver sustentado pela racionalidade científica pós-moderna.

SCIENTIFIC AMERICAN

mente cêrebro

psicologia | psicanálise | neurociência

SOCIEDADE

Especialistas
comentam
protestos,
cura gay e
ato médico

AMOR NA PRATELEIRA

Encontros rápidos
podem prejudicar
escolhas

SAÚDE MENTAL

Sensação de
prazer ajuda
a entender a
depressão

IDIOMA

Como a
linguagem
modela o

ESCLEROSE MÚLTIPLA

Novos tratamentos
amenizam
retardam
sintomas



ANO XXI
Nº 247



CAPÍTULO 6

ALÍVIO PARA A

ENXAQUECA

Pesquisas brasileiras com o hormônio do sono abrem caminho para compreender e tratar a dor que aflige mais de 20 milhões de pessoas no país. O desafio é lidar com seu principal gatilho: o estresse



Considerações Finais

Retomando a imagem inicial da banca de jornais repleta de revistas, nas mais diferentes temáticas, agora com o olhar mais apurado pelas análises realizadas, concluímos que a figura do cérebro envia mensagens simbólicas (sentidos, representações) que estão presentes tanto na revista *Mente e Cérebro*, quanto em outras publicações analisadas. Vimos emergir cérebros coloridos como nos atuais exames de imagens, com efeitos luminosos e com funcionalidades surpreendentes. A sedução do funcionamento mecânico projetou sobre esse órgão as características essenciais das mais potentes máquinas.

A representação divulgada do cérebro, compartilhada em muitas edições de MC, não é constituída por um elemento único, destrinchável pela semiótica ou pela análise do texto. É pela recorrência da dupla imagem/palavra presente nas diferentes capas que se descobre o perfil desse órgão, personagem escolhido para protagonizar a trama que faz emergir a mensagem retórica e sedutora das Biociências em torno de um modo característico de conduzir a saúde, a vida e o viver.

A sedução emanada desse cérebro imaginado como potente e vigoroso se constrói retoricamente, gerando artifícios que tenta nos convencer de que nesse órgão não apenas acontecem os processos neuronais, como nele estão centradas as questões subjetivas e sociais, e mesmo o comando do funcionamento biológico do restante do corpo.

Um órgão que, muitas vezes, aparece isolado, recortado e destacado em cores, luzes e formatos, tomando o lugar do corpo, e mesmo do sujeito individual, sustentado apenas por uma cabeça transparente, que serve mais de suporte desse núcleo onde ocorre a vida do que como meio de expressão de suas ações. Esse cérebro ágil, potente e decidido, aparece como capaz de manter em sua constituição as raízes e comandos que justificam todos os jogos simbólicos da mente, justificando-se em sua constituição cada vez mais os aspectos imateriais – embora não pessoais - dessa mente.

Esta constatação da força retórica dos sentidos gerados pelo simbólico não seria possível se nos detivéssemos apenas na análise isolada de cada

capa, em seus elementos gráficos e textuais. Não perceberíamos a sutileza desse contínuo e repetitivo compartilhar de mensagens indutoras sobre o modo de conduzir a vida. Só quando elevamos as capas a elementos a serem submetidos à análise da retórica das imagens é que conseguimos reconhecer o papel das biociências como dispositivo de produção/reprodução de verdades.

Esse cérebro, isolado numa única capa, é ostensivo, propõem-nos uma forma de visualizá-lo, específica do contexto no qual a capa foi concebida, seja pela escolha do tema pela equipe de redação, pela relevância do achado científico sustentado no artigo, pela escolha do ilustrador ou mesmo em função do contexto do cenário editorial daquele período de imagens já exibidas nos últimos meses no espaço das bancas. Essa escolha, racionalmente programada, demarca um determinado aspecto que é fortemente sugerido ao leitor, ainda que inconsciente ou sem intenção deliberada.

A diferença sutil disparada pela sugestão é verificada em longo prazo, no conta-gotas que vem sendo alimentado ao longo das edições, na repetição da mensagem retórica nas bases do simbólico. Aquilo que foi proposto como a visão do cérebro numa edição, é travestido de outro elemento, também simbólico, que dialoga e reforça esse convencimento. É nesse vai-e-vem de sentidos e significados que a mensagem retórica se constitui e gera convencimento, muito mais por sedução continuada do consumidor-leitor do que por imposição, e ganha sentidos cada vez mais consolidados em meio à pleora de mensagens que fluem constantemente nas bancas de revistas.

A representação social que emerge do cérebro se constitui como sedutora por traduzir, em doses homeopáticas, uma imagem/representação do cérebro como órgão por onde passam as questões mais relevantes para a vida e a saúde. Seu efeito, ainda que não perceptível numa única exposição, isto é, numa capa específica, pode ser verificado ao longo de uma série histórica e por seu cruzamento com outras abordagens em diferentes publicações. Constitui-se, assim, como um modo socialmente compartilhado

de atribuir sentidos a esse órgão, ajudando a fixar o imaginário específico sobre o mesmo.

O que queremos demonstrar é que, mesmo sem se ater a uma única capa, quando chegamos a uma banca, a mensagem que salta da vitrine nos leva a modos bem específicos de perceber e representar saúde. Escolher o cérebro para verificar a possibilidade de identificar representações sociais da vida e do viver possibilitou-nos não apenas verificar a força retórica das Biociências como reforçou a importância de considerar a relevância do papel das revistas de divulgação científica como difusoras do pensamento científico, em especial das Biociências e das Neurociências, especificamente.

Precisamos demarcar com ênfase que não estamos dizendo que ocorre um convencimento total, primeiro porque a retórica não se propõe a constranger ou intimidar o leitor/espectador, mas a sensibilizá-lo, racionalmente e emocionalmente, para que este se convença da veracidade da mensagem compartilhada pelo interlocutor. Segundo, que esse leitor não consegue absorver integralmente o comando disparado pelas mensagens, criando tensionamentos e resistências como resposta ao poder impositivo dos dispositivos de verdades¹⁹⁷. De qualquer forma, mesmo que se oponha ao sugestionamento, compartilha do mesmo repertório de mensagens que são comuns na sociedade em que está inserido, compartilhando de elementos simbólicos que alimentam o imaginário social dos grupos em que está inserido.

Deparamo-nos aqui com um espaço simbólico rico a ser explorado tanto pela Comunicação Social e pela Sociologia quanto pela Saúde Coletiva, como fonte de disseminação de normatividade em saúde, e as estratégias retóricas usadas para minimizar ou excluir outras formas de conduzir a vida. Notamos no processo de observação que a prerrogativa de divulgadora de dispositivos de produção de verdades da ciência eleva as revistas de divulgação científica a um patamar de convencimento que socializa sabe-

¹⁹⁷ FOUCAULT, 2000; BOURDIEU, 2010.

res e práticas oriundos da produção acadêmica, mas também torna a divulgação científica capaz de gerar e reproduzir sentidos e significados que alimentam o imaginário social, atuando de modo afirmativo no universo simbólico.

Percebemos, no entanto, que a potência de convencimento dessa produção de significados não ocorre de modo pontual, embora cada capa contenha em si mesma uma força considerável de convencimento. O que de fato vai permitir uma alimentação considerável do imaginário é o gradativo ordenamento dos elementos simbólicos em mensagens, que se constitui através da retórica da imagem, que levam ao convencimento e à interiorização das mesmas.

Podemos observar, então, com essa análise, o fortalecimento da representação do cérebro para a sociedade como o órgão da vida, a partir do reforço da imagem que o apresenta como capaz de resolver quase todos os aspectos da constituição e do funcionamento do corpo humano, estando esse órgão sujeito à medicalização contínua, predominando sobre os outros órgãos e funções biológicas, em detrimento de abordagens alternativas do corpo e de suas funções vitais biológicas ou psicológicas.

Nossa análise da retórica da imagem, exercitada na representação social do cérebro como estudo de caso, não se esgota aqui, servindo para ilustrar as possibilidades de interpretação dos dados referentes às representações imagéticas geradas a partir da simbiose imagem/palavra, buscando o convencimento na retórica. Reforçamos que não nos interessou a quantidade de capas, mas a descrição de uma seleção suficiente destas para a análise dos elementos simbólicos capazes de promover o convencimento através de normatividades da vida e do viver.

Por mais que as imagens sejam escolhidas aleatoriamente pelas equipes de redação das revistas, pelas mais diferentes razões editoriais, ainda assim elas se constituem em elementos importantes para a apreensão do imaginário a respeito da saúde e de como o cérebro é repercutido em termos de representação social.

É nesse compartilhar constante e tácito que essas mensagens vão ganhando força no imaginário, tornando-se base para a tomada de decisões na clínica, na gestão e nas práticas de saúde. É preciso, então, analisar com cuidado a produção e o conteúdo dessas mensagens simbólicas para estimular diferentes formas de abordagem da vida, não tão somente limitadas a uma perspectiva, mas considerando outras dimensões do viver.

O cérebro que nos foi apresentado em sua descrição pela retórica das capas, amarrado às representações sociais decalcadas da visão biomédica, não condiz com toda a dimensão que o cérebro humano pode nos oferecer, de acordo com as ciências humanas, sobretudo, as denominadas ciências “psi”. Sobretudo quando dele é dissociada a mente, e resumido a um aparato biológico mecânico.

Entendemos que é possível ampliar essa análise para outros elementos simbólicos que possam descrever os modos de produção de “imagens” da saúde e da vida na sociedade contemporânea. As mensagens disseminadas são sutis, com carga retórica constante, porém contundentes. Nos seduzem, tal como identificamos nesse cérebro da MC, como achados incontestáveis da produção de cuidado pelas Biociências que ignoram, ou mesmo excluem, perspectivas alternativas de compreensão e de atenção decorrentes.

EDIÇÃO ESPECIAL

DE

mente
cérebro

psicologia | psicanálise | neurociência

46

O que a psicologia,
a psicanálise e a
neurociência
têm a dizer sobre a
fascinante capacidade
de perceber o mundo
e a si mesmo



CONSCIÊNCIA

SONHOS LÚCIDOS

MISTÉRIO
DA ANESTESIA

PSICOLOGIA DA PERCEÇÃO



ANEXOS

ENSAGENS SUBLIMINARES

RECRIANDO A REALIDADE



ANEXO 1 – Lista de figuras

FIGURA 1.....	65
FIGURA 2.....	65
FIGURA 3.....	65
FIGURA 4.....	65
FIGURA 5 - ESQUEMA CONCEITUAL DE ANÁLISE DO OBJETO.....	67
FIGURA 6 - ESQUEMA CONCEITUAL DE ANÁLISE DA DIMENSÃO SIMBÓLICA.....	68
FIGURA 7 - CAMINHO METODOLÓGICO DA COLETA E ANÁLISE DAS PALAVRAS-IMAGENS-CHAVE À IDENTIFICAÇÃO DA RETÓRICA DAS BIOCÊNCIAS NO IMAGINÁRIO SOCIAL	70
FIGURA 8 – CAPA MENTE E CÉREBRO - EDIÇÃO 236.....	79
FIGURA 9 - CAPA MENTE E CÉREBRO – EDIÇÃO 221.....	81
FIGURA 10 – CAPA MENTE E CÉREBRO - EDIÇÃO 265.....	83
FIGURA 11 - CAPA MENTE E CÉREBRO – EDIÇÃO 235.....	84
FIGURA 12 - CAPA MENTE E CÉREBRO – EDIÇÃO ESPECIAL 38.....	85
FIGURA 13 - CAPA MENTE E CÉREBRO – EDIÇÃO 250.....	87
FIGURA 14 - CAPA MENTE E CÉREBRO – EDIÇÃO ESPECIAL 46.....	88
FIGURA 15 - CAPA MENTE E CÉREBRO – EDIÇÃO ESPECIAL 31.....	90
FIGURA 16 - CAPA MENTE E CÉREBRO – EDIÇÃO 264.....	91
FIGURA 17 - CAPA MENTE E CÉREBRO – EDIÇÃO ESPECIAL 44.....	92
FIGURA 11 - CAPA MENTE E CÉREBRO – EDIÇÃO 247.....	94
FIGURA 19 - CAPA MENTE E CÉREBRO – EDIÇÃO 257.....	95
FIGURA 20 - CAPA GALILEU – EDIÇÃO 241.....	97
FIGURA 21 – CAPA PSIQÜÊ – EDIÇÃO 96.....	98
FIGURA 22 – CAPA SCIENTIFIC AMERICAN – EDIÇÃO 146.....	99
FIGURA 23 – CAPA SUPERINTERESSANTE – EDIÇÃO 325.....	101
FIGURA 24 – CAPA VEJA – EDIÇÃO 2314.....	102
FIGURA 25 - CAPA MENTE E CÉREBRO – EDIÇÃO 239.....	131
FIGURA 26 - CAPA MENTE E CÉREBRO – EDIÇÃO 267.....	133
FIGURA 27 - CAPA MENTE E CÉREBRO – EDIÇÃO 249.....	134
FIGURA 28 CAPA MENTE E CÉREBRO – EDIÇÃO 245.....	136

ANEXO 2 - Classificação das capas da Revista Mente e Cérebro 2011-2015

Edição	ano	Tema da capa	Categoria	Campo
jun/11	2011	Em busca da cura	corpo	Biociências
jul/11	2011	Cérebro turbinado	cérebro	Neurociências
ago/11	2011	Dieta e personalidade: você tem fome de quê?	corpo	Neurociências
set/11	2011	Maconha: para ajudar a entender	corpo	Neurociências
out/11	2011	As duas faces do estresse	mente	Humanas
nov/11	2011	Antidepressivos funcionam mesmo?	corpo	Biociências
dez/11	2011	O poder dos bebês	cérebro	Neurociências
jan/12	2012	O tempo a favor do seu cérebro	corpo	Neurociências
fev/12	2012	As boas ideias que vêm dos sonhos	mente	Humanas
mar/12	2012	Entre o bem e o mal	mente	Humanas
abr/12	2012	Amor e sexo nos tempos da internet	mente	Humanas
mai/12	2012	A delicada relação entre dinheiro e felicidade	mente	Humanas
jun/12	2012	Elogio à timidez	mente	Humanas
jul/12	2012	Quando o estresse nos faz adoecer	cérebro	Biociências
ago/12	2012	Criatividade (imagem do cérebro saindo da cabeça)	cérebro	Neurociências
set/12	2012	A ciência a um passo de ler pensamentos	cérebro	Neurociências
out/12	2012	Alívio para a dor	corpo	Biociências
nov/12	2012	Alimentos alteram o humor	corpo	Biociências
dez/12	2012	A felicidade é contagiosa	mente	Humanas
jan/13	2013	Você é normal?	cérebro	Biociências
fev/13	2013	Como o ciúme distorce a realidade	cérebro	Neurociências

Edição	ano	Tema da capa	Categoria	Campo
mar/13	2013	Em busca do equilíbrio	mente	Humanas
abr/13	2013	7 novidades para combater a depressão	cérebro	Biociências
mai/13	2013	Sob o signo da insatisfação	mente	Humanas
jun/13	2013	Inconsciente, o estranho que vive em você	mente	Humanas
jul/13	2013	10 maneiras comprovadas para melhorar sua memória	cérebro	Biociências
ago/13	2013	Alívio para a enxaqueca	corpo	Neurociências
set/13	2013	Superação: alguns enfrentam perdas e tragédias melhor que outros?	mente	Humanas
out/13	2013	Transtorno de pânico	cérebro	Biociências
nov/13	2013	O que de fato funciona para aprender	cérebro	Neurociências
dez/13	2013	Dieta da inteligência e do bom humor	corpo	Biociências
jan/14	2014	Como a ciência ajuda você a realizar seus planos	cérebro	Biociências
fev/14	2014	Sob o peso da culpa	mente	Humanas
mar/14	2014	O mito da autoestima	mente	Humanas
abr/14	2014	Inveja: como o cérebro processa a cobiça	cérebro	Biociências
mai/14	2014	Sonhos para Prever o Futuro	cérebro	Biociências
jun/14	2014	O Cérebro Regenerado	cérebro	Neurociências
jul/14	2014	Atenção, concentração!	cérebro	Biociências
ago/14	2014	O que a neurociência tem a dizer sobre a maconha	cérebro	Biociências
set/14	2014	5 Passos para ter uma grande ideia	cérebro	Neurociências
out/14	2014	Ansiedade	cérebro	Biociências
nov/14	2014	De que é feito o pensamento?	mente	Humanas
dez/14	2014	A Cura pela Natureza	cérebro	Neurociências
jan/15	2015	Psicologia ajuda a você a mudar hábitos	cérebro	Biociências
fev/15	2015	De cérebro para cérebro	cérebro	Neurociências
mar/15	2015	Dormir Bem, Comer Melhor e Mexer o Corpo para Aprender Mais	cérebro	Neurociências
abr/15	2015	No Limite do Estresse	corpo	Biociências
mai/15	2015	Formas Mais Inteligentes de Lidar com a Raiva	mente	Humanas

ANEXO 3 - Instrumento de coleta de dados das capas

PROJETO IMAGINÁRIO E RETÓRICA - Instrumento de Análise das Revistas

CATEGORIAS PARA ANÁLISE DO UNIVERSO SIMBÓLICO PRESENTE NAS CAPAS DAS REVISTAS COLETADAS

*Obrigatório

DADOS DA REVISTA COLETADA

Preencha os dados de identificação da revista que está sendo analisada.

1. **Pesquisador Responsável pela Análise ***

Marcar apenas uma oval.

- Anderson
- Grupo - coletivo
- Outro:

2. **Nome da Revista Coletada ***

Marque uma delas ou acrescente em "outros"

Marcar apenas uma oval.

- Scientific American
- Superinteressante
- Mente e Cérebro
- Cult
- Galileu
- Sociologia
- Psiquê
- Aula Aberta - Scientific American
- Filosofia
- Faperj
- Fapesp
- Ciência Hoje/SBPC
- História Viva
- História
- Planeta
- Super Saudável
- Medicando
- Outro:

3. Editora

Marque uma delas ou acrescente em "outros"
Marcar apenas uma oval.

- Duetto
- Abril
- Globo
- Escala
- Outro:

4. Número da Edição *

.....

5. Ano da Edição

período de existência da revista (em
romanos)

.....

6. Mês da publicação

Escolha na lista
Marcar apenas uma oval.

- Janeiro
- Fevereiro
- Março
- Abril
- Maio
- Junho
- Julho
- Agosto
- Setembro
- Outubro
- Novembro
- Dezembro

7. Ano de publicação

Escolha na lista ou acrescente em "outros" se necessário
Marcar apenas uma oval.

- 2015
- 2014
- 2013
- 2012
- Outro:

DESCRIÇÃO DA MANCHETE PRINCIPAL

8. **Manchete Principal ***

.....

9. **Complemento da Manchete**

texto de apoio à manchete

.....

.....

.....

.....

.....

ELEMENTOS VISUAIS DA CAPA

10. **Descrição da foto/figura tema da capa ***

.....

.....

.....

.....

.....

11. **Tipo de ilustração**

selecione o tipo de ilustração da capa

Marcar apenas uma oval.

Foto

Desenho

Fotomontagem

Ilustração gráfica

Apenas texto sobre fundo sólido (cor)

Outro:

12. **REPRESENTAÇÃO IMAGÉTICA**

descrever se a imagem denota aspectos de uma construção maquínica ou tecnológica, ou fora do natural. (há ideia de alteração da naturalidade?)

.....

.....

.....

.....

.....

13. Cores predominantes

selecione as cores predominantes
Marque todas que se aplicam.

- Preto
- Branco
- Vermelho
- Amarelo
- Azul
- Verde
- Prata
- Cinza
- Outro:

14. Volume e profundidade sugeridas

descrever volume e profundidade quando presentes na ilustração

.....

.....

.....

.....

.....

15. Brilho / intensidade

descrever recursos de brilho e intensidade de cores e luz

.....

.....

.....

.....

.....

RELAÇÃO IMAGEM/PALAVRA

Simbiose imagem e palavra, analisar os dois elementos simultaneamente

16. Palavras e imagens-chave destacadas no tema central da capa *

Marque todas as opções que aparecerem. Pode acrescentar mais em "outros"
Marque todas que se aplicam.

- ciência / científico
- pesquisas / cientistas
- cérebro / neurônios
- mente / inconsciente / subconsciente
- memória
- corpo

- vida
- saúde
- doença / crônica / patologia
- medicamento / remédios / drogas
- máquina / tecnologia
- coração
- olho
- natureza
- inovação
- futuro
- poder
- força
- mundo
- humano / humanidade
- vencer / vencedor
- cura
- social
- alimentação / alimento / dieta
- controle
- física / astrofísica
- exercício físico
- ética
- aprender / aprendizagem / ensinar
- desempenho
- dor
- mitos
- riscos / medos
- benefícios / vantagens
- estresse
- ansiedade
- depressão
- câncer
- parkinson
- esclerose
- demência / loucura
- célula-tronco / medula
- alzheimer
- inteligência
- obesidade
- crença

Outro:

INFERÊNCIAS DE SUGESTÕES / QUALIFICAÇÕES DA CAPA

Posicionamentos presentes ou não na construção da capa

17. Presença ou não de qualificação sugerida do tema

avaliação positiva ou negativa de como é apresentado o tema - julgamentos

.....

.....

.....

.....

.....

18. Adjetivos e advérbios denotando intensidade

Marque todas as opções que aparecem. Pode acrescentar mais em "outros"

Marque todas que se aplicam.

- muito
- pouco
- intenso
- quase
- mínimo
- máximo
- todos / todas / sempre
- nenhum / nenhum / raro
- Não tem / não se aplica esta análise
- Outro:

SUGESTÕES DE COMANDO OU EMPATIA

19. **Expressões verbais de comando (que remetem a ordens) do título**

Marque todas as opções que aparecem. Pode acrescentar mais em "outros"
Marque todas que se aplicam.

- Coma
- Faça
- Aplique
- Descubra
- Conheça
- Perca
- Combata
- Vença
- Lute
- Comande
- Turbine
- Não tem / Não se aplica
- Outro:

20. **Estratégias de empatia (imagens/palavras sugestivas - identificação)**

Elementos do imaginário disparados no intuito de criar empatia com o tema - elementos imagéticos

.....

.....

.....

.....

.....

INTERPRETAÇÃO A PARTIR DA RETÓRICA

21. **Intensidade da mensagem retórica: palavras/imagem-chave ***

Como a retórica é empregada na capa, que mensagem é sugerida

.....

.....

.....

.....

.....

22. **Afirmações/concepções emergentes da mensagem retórica.**

Uma frase afirmativa que pode ser expressada a partir da análise da retórica.
 Mensagem final que pode ser inferida como resultante da estratégia retórica.

.....

COMPLEMENTOS SOBRE A EDIÇÃO

outros elementos relevantes na capa ou no interior da revista que merecem ser registrados

23. Destaques das manchetes secundárias

temas que aparecem nas manchetes secundárias

.....

.....

.....

.....

.....

24. Palavras e imagens-chave destacadas nas manchetes SECUNDÁRIAS

Marque todas as opções que aparecerem. Pode acrescentar mais em "outros"
Marque todas que se aplicam.

- ciência / científico
- pesquisas / cientistas
- cérebro / neurônios
- mente
- memória
- corpo
- vida
- saúde
- doença / crônica / patologia
- medicamento / remédios / drogas
- máquina / tecnologia
- coração
- olho
- natureza
- inovação
- futuro
- poder
- força
- mundo
- humano / humanidade
- vencer / vencedor
- cura
- social
- alimentação / alimento / dieta
- controle
- física / astrofísica

- exercício físico
- ética
- aprender / aprendizagem / ensinar
- desempenho
- dor
- mitos
- riscos / medos
- benefícios / vantagens
- estresse
- ansiedade
- depressão
- câncer
- Parkinson
- esclerose
- demência / loucura
- célula-tronco / medula
- alzheimer
- inteligência
- Outro:

COMPLEMENTAR

Registrar se é edição especial, se análise foi feita virtualmente, se há encartes suplementares, diferenças de tratamento de imagens na capa e na reportagem principal ou outras informações relevantes.

25. Outras observações importantes

.....

.....

.....

.....

.....

ANEXO 4 – Análise de outras capas de Mente e Cérebro

Como forma de ilustração, vamos apresentar quatro capas da Mente e Cérebro que não tratam do cérebro como destaque, para demonstrar que as mesmas características que emergem das mensagens retóricas identificadas na representação do cérebro não são reproduzidas em outras temáticas com a mesma força. Um dos aspectos que vamos destacar é a abordagem de temáticas relacionadas às relações sociais e aspectos subjetivos da mente sem a vinculação com o funcionamento do corpo e mesmo sua dependência com a imagem do cérebro, como verificamos nos exemplos analisados anteriormente.

Mente e Cérebro, ed. 239, Dezembro 2012

Um caso interessante de observar é o da edição 239, de Dezembro de 2012, cujo tema é **“A felicidade é contagiosa: Se os amigos dos seus amigos são satisfeitos e bem-humorados as suas chances de estar de bem com a vida são maiores”** (figura 25).

Quatro jovens compartilham um momento de muita alegria nesta capa que se destaca na cronologia de edições da Mente e Cérebro por sua abordagem mais

humanizada do tema das relações interpessoais. Os personagens, de idade entre 25 e 30 anos, todos brancos de pele e cabelos claros, um sobre o ou-



Figura 25 - Capa Mente e Cérebro – Edição 239

tro, como que carregando nas costas, aparentam uma expressão facial de estarem muito felizes. As roupas também são muito coloridas. as roupas são coloridas. A foto está com fundo predominantemente branco, de um céu com luminosidade estourada.

O complemento está abaixo, em letras bem menores, na cor preta. As manchetes secundárias estão menores, ocupando as porções superiores da foto, correspondente ao céu. Os títulos estão em letras vermelhas e caixa alta e os textos em letras pretas e em caixa baixa. A logomarca está com letras na cor vermelha no alto da página, à esquerda. Palavras e imagens-chave destacadas: **vida, social, benefícios / vantagens, felicidade, contagiosa, bem com a vida.**

Podemos observar que a capa sugere que as chances de encontrar a felicidade são maiores para aqueles tem amigos bem humorados e satisfeitos. A felicidade é reforçada pela imagem de jovens bem alegres, muitas cores. O branco do fundo remete a algo bom. O que podemos apreender da mensagem retórica é que a felicidade pode ser propagada como uma boa qualidade, como um vírus que se propaga, a felicidade também se compartilha. De toda forma, em função da força da imagem sobre o imaginário, notamos que a escolha de uma foto com pessoas reforça o valor das relações sociais quando comparamos com outras capas em que o destaque está no corpo humano ou em suas partes (órgãos, células, etc...).

Mente e Cérebro, ed. 267, Abril 2015

Outro assunto recorrente, o estresse foi abordado com uma analogia, outro recurso de traduzir graficamente (reforçado também pelo verbal no uso de expressões consagradas no senso comum). Na edição 267, de Abril de 2015, o tema foi "**No limite do Estresse: Sensação de exaustão, de impotência e desânimo com a vida profissional são alguns dos sinais da síndrome de burnout - um quadro grave que pode levar à depressão, ansiedade e distúrbios do sono**" (figura 26).



Figura 26 - Capa Mente e Cérebro – Edição 267

(Ilusão e Álcool). No alto da página, uma faixa amarela, com várias frutas e legumes no alto, chamando destaque para o Especial "Alimentação sob outro olhar", com três manchetes secundárias. Bem abaixo da página, outra faixa, em preto, com letras brancas e amarelas, destaque para outra manchete secundária (atividade genética)." Palavras e imagens-chave destacadas: **doença/patologia, estresse, ansiedade, depressão, limite, exaustão, profissional, sono.**

A corda sugere que o estresse deve ser visto como um problema que precisa ser reparado antes que arrebente, que estoure definitivamente. A analogia da corda remete para algo que pode romper, como algo sobre intensa tensão, que está realmente no limite.

A capa sugere que estamos por um fio, o estresse corrompe, tensiona. E que com o modo de vida contemporâneo estamos no limite das forças suportáveis pelo humano. Essa é a mensagem que podemos apreender da retórica apresentada nesta capa, reforçando imagetivamente a tensão já constatada amplamente pela sociedade. Entende-se que o recurso visual reforça uma imagem mental sobre o estresse e toda a tensão por ele provocado. Porém, retomando nossa discussão sobre o cérebro, percebe-se aqui

No centro da capa em fundo marrom (terra), aparece uma corda tensionada que está prestes a se romper, restando apenas com fiozinho que ainda a une. Abaixo, a manchete principal, (em letras parte em branco, parte em preto), com destaque para "estresse", em caixa alta e letras pretas, ocupando toda a linha. Complemento da manchete em letras brancas, abaixo da manchete. No alto, a logomarca em letras pretas e o selo de 10 anos, em amarelo. Ao lado, duas manchetes secundárias, com título em letras pretas e texto em letras brancas

que a discussão não foi alavancada para as questões fisiológicas do funcionamento da mente. Embora se trate da Síndrome de Burnout, as relações humanas estão priorizadas na sugestão da abordagem pela qual o tema está sendo tratado na referida edição. Importante perceber que mesmo que em algum momento os artigos relacionados a este tema na edição possam também fazer menção ao papel do cérebro nesse processo, ainda assim a capa, da maneira como está construída, não amarra a perspectiva de abordagem de maneira tácita sob a visão das Biociências, tal qual percebeu-se nas capas onde o cérebro aparece, ainda que como coadjuvante.

Mente e Cérebro, ed. 249, Outubro 2013

Outra figura que mostra uma abordagem que foge das estruturas do corpo é na edição 249, de Outubro de 2013, quando um tema ligado à saúde mental é o destaque: **"Transtorno de Pânico: Novas intervenções, como técnicas de controle da respiração e de pensamentos, ampliam as opções de tratamento"** (figura 27).

O desenho de uma moça com uma expressão de muito pavor, como que saindo de águas profundas salta de fundo preto, com detalhes em amarelo e vermelho. Seus cabelos refletem a luz, dando a impressão de águas turbulentas. O brilho ajuda a ressaltar a dimensão de "saindo da treva", aumentando ainda mais a sensação de angústia e desespero que se reflete nos olhos dessa jovem, enfatizando a agonia pela qual as pessoas que sofrem desse transtorno passam.

Sobre a figura observa-se sutilmente linhas horizontais de luminosidade, tal como se observa nas imagens televisionadas. Esse recurso aparece em toda a capa.



Figura 27 - Capa Mente e Cérebro – Edição 249

Abaixo a manchete principal, com a palavra "pânico" em caixa alta e em letras amarelas em grande destaque na página. As demais palavras da manchete estão em letras brancas e tamanho menor, em caixa baixa.

Ao lado, manchetes secundárias, que não tem a ver com a manchete principal, estão numa caixa vazada (que se dilui) na cor vermelha. Os títulos dessas manchetes secundárias estão em amarelo e o texto em branco. Acima há uma manchete secundária em tamanho maior, na mesma linha da logomarca, também tendo o título em amarelo e a branco (polêmica: psicanálise é ciência?).

A logomarca, em letras amarelas, está à esquerda. No alto, há uma caixa em cor laranja, com listras horizontais como de uma imagem de tv, com três manchetes secundárias, todas em letras brancas. Bem no pé de página, há uma faixa, em laranja, com letras brancas, indicando "edição especial de aniversário".

Palavras/imagens-chave: **mente / inconsciente / subconsciente, medicamento / remédios / drogas, cura, controle, riscos / medos, técnica, tratamento, medo, pânico, transtorno, pensamento, respiração.**

Identificamos que a capa busca traduzir visualmente a ideia de pavor que o tema remete, abrindo as possibilidades alternativas de tratamento para uma queixa recorrente. A partir da mensagem retórica podemos inferir que o pânico e o pavor retratados no peso das palavras e na força da expressão facial da mulher retratada sugerem que é algo assustador, que aprisiona.

Cabe porém analisar, que esta capa, embora conduza a abordagem para um viés menos centrado no corpo, já que a figura remete à sensação vivida por quem passa pelo transtorno, joga a temática para outro caminho: o reforço da dependência dos processos biomédicos ao indicar que a saída passa por novos tratamentos que incidam sobre o paciente. Ainda que se falem em técnicas alternativas como uso controlado da respiração, a abor-

dagem enfatiza que o transtorno deve ser submetido a intervenção clínica. Neste caso, há um reforço do medo e do risco da doença¹⁹⁸.

Mente e Cérebro, ed 245, Junho 2013

Em **“Inconsciente: o estranho que vive em você. Ele influi em nossas escolhas, organiza memórias, desejos e experiências que preferimos esquecer”**, capa de Junho de 2013, (edição 245 – figura 28), temos um exemplo de abordagem totalmente desprovida de ligação com o corpo, na qual a mente e suas funções estão legitimamente ligadas às disciplinas psi.

A capa em fundo rosa choque, traz a figura de uma cabeça de um homem com um chapéu escuro, que só aparece do olho para cima. O olho está fechado. Neste chapéu, aparece uma porta semiaberta, que mostra a passagem para um outro lugar, claro e difuso, que chama a curiosidade para visualizar, num contraste com o chapéu escuro e a expressão fechada do personagem. A manchete principal: a palavra **“inconsciente”** está em destaque, ocupando toda a linha, com letras brancas, em caixa alta. O restante do título, também está em caixa alta, porém letras menores, com letras amarelas.

As manchetes secundárias tem o título em amarelo e texto em letras brancas, distribuídos em vários pontos da página. No alto, há uma delas com uma imagem de um buda em posição de lótus, acima da chamada **“Especial arte de dominar a mente”**. A logomarca está na cor amarela, no alto, à



Figura 28 Capa Mente e Cérebro – Edição 245

¹⁹⁸ Relembramos aqui o que foi discutido nos capítulos anteriores sobre o risco e medo a partir das leituras de Castiel (2003), Canguilhem (2012), Luz (2004).


esquerda. Como palavras e imagens-chave encontramos: *mente / inconsciente, memória, escolhas, desejos, experiências, esquecimento*.

Temos a ideia de que o inconsciente é uma porta para um outro espaço, por vezes inacessível, diferente do que está manifestado no consciente. A ideia de trabalhar como algo estranho, mas que está ali. O fundo rosa reforça uma realidade diferente do normal, por não ser uma cor usual para descrever o ambiente. O inconsciente nos é sugerido como algo não resolvido, que pode nos parecer estranho, mas está presente.

Nota-se nessa capa que não há uma preocupação em conter a abordagem no biológico e sim nos aspectos subjetivos, como as escolhas, os desejos, as lembranças. Há um reconhecimento dessa dimensão subjetiva do ser humano com algo relevante para análise e abordagem a partir de dinâmicas específicas das disciplinas *psi*, sem a dependência da fisiologia do cérebro como a "casa" da mente, como se observa em outras edições da revista claramente ancoradas nas neurociências.

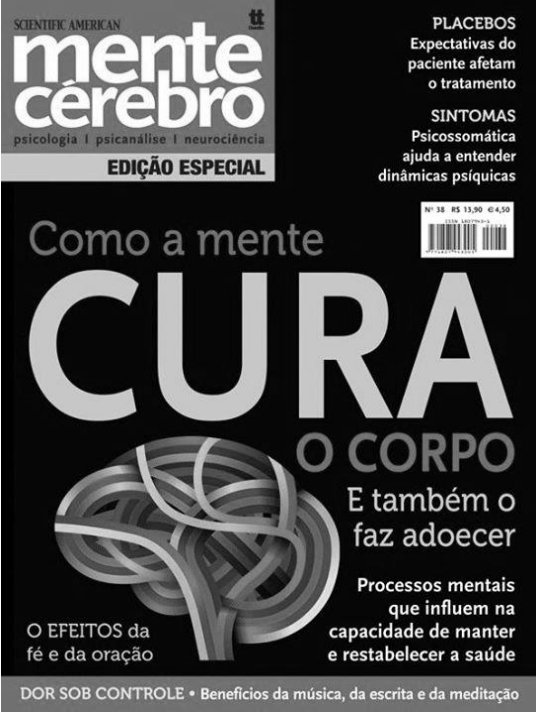
ANEXO 5 - Dados coletados das revistas selecionadas

Revista Coletada	MANCHETE PRINCIPAL Complemento	
Mente e Cérebro, 236, setembro 2012	A ciência a um passo de ler pensamentos: um futuro próximo, as pessoas poderão se comunicar apenas por meio da mente.	
	ELEMENTOS VISUAIS DA CAPA Descrição da figura tema da capa Capa em fundo liso vermelho, com uma cabeça estilizada em cor preta, tomando boa parte da capa. Essa cabeça possui um olho grande, branco. O que se destaca são tubos, engrenagens, relógios e outros mecanismos, em tons cinza, no interior dessa cabeça, ocupando o espaço do cérebro. A manchete principal, em letras pequenas, está em letras amarelas, em caixa alta, com destaque para a expressão "ler pensamentos", pouco maior que o restante da manchete. O complemento, em letras brancas, ocupa o espaço do pescoço dessa figura. As manchetes secundárias estão ao redor, com palavras destacadas em preto e o restante do texto em letras brancas. No pé de página, há uma chamada sobre criatividade, numa faixa preta, com título em amarelo e letras brancas.	Brilho . Há uma ideia de luminosidade, nas peças que compõem o cérebro.
	IMAGEM PALAVRA - Palavras e imagens-chave destacadas ciência / científico, cérebro / neurônios, mente / inconsciente / subconsciente, máquina / tecnologia, futuro, pensamento, comunicar.	
INFERÊNCIAS DE SUGESTÕES Qualificação do tema Coloca a possibilidade de se ler pensamentos em breve.	COMANDO E EMPATIA Comando Não tem / Não se aplica	Estratégias de empatia A possibilidade de ler pensamentos é um tema que atrai. A ideia de um cérebro com peças que podem ajudar nessa comunicação remete à ideia de transmissão.
INTERPRETAÇÃO A PARTIR DA RETÓRICA		
Intensidade da mensagem retórica: O cérebro é um receptor/emissor de sinais capaz de comunicar.	Concepções da mensagem retórica. O cérebro é um aparato de comunicação.	
COMPLEMENTOS SOBRE A EDIÇÃO		
Destaques das manchetes secundárias - Série Criatividade : quando trabalhar sozinho é melhor que em grupo. - a força da loga na luta contra o Câncer - Depressão - Otimismo: superestimamos probabilidades positivas - Mitos que explicam o mundo.	Palavras e imagens-chave SECUNDÁRIAS mente, doença / crônica / patologia, social, desempenho, mitos, depressão, câncer, criatividade, ioga.	


Revista Coletada		MANCHETE PRINCIPAL Complemento	
Mente e Cérebro, 221, junho 2011		Cérebro Turbinado: Medicamentos podem ajudar pessoas saudáveis a obter melhor desempenho?	
		ELEMENTOS VISUAIS DA CAPA	
		Descrição da figura tema da capa	Brilho / intensidade
		Capa em fundo verde cítrico sólido, com cérebro ao centro, cheio de cores como em exames de tomografia computadorizada, circundado por linhas brancas que representam fios / circuitos eletrônicos, mostrando intensa atividade neuronal. O título principal está em letras brancas, as manchetes secundárias em letras pretas e a logomarca e a linha de destaque no pé de página estão em vermelho.	As cores em diferentes partes do cérebro, como nos exames de tomografia, mostram diferentes regiões sendo ativadas. Nas linhas que circundam o cérebro, há regiões mais largas, sugerindo movimento elétrico.
IMAGEM PALAVRA - Palavras e imagens-chave destacadas			
cérebro / neurônios, medicamento / remédios / drogas, máquina / tecnologia, força, desempenho, turbinado			
INFERÊNCIAS DE SUGESTÕES		COMANDO E EMPATIA	
Qualificação sugerida do tema	Adjetivos e advérbios	Expressões de comando	Estratégias de empatia
O termo "turbinado" já mostra uma qualificação quanto ao desempenho do cérebro.	melhor desempenho	Não tem / Não se aplica	O cérebro e a relação com circuitos eletrônicos, o termo turbinado, a busca por melhor desempenho.
INTERPRETAÇÃO A PARTIR DA RETÓRICA			
Intensidade da mensagem retórica:		Concepções emergentes da mensagem retórica.	
O cérebro pode ter sua potência qualificada pelos medicamentos, ele apresenta uma força e uma centralidade na vida, com superpoderes como as máquinas.		O cérebro pode ser aditivado como uma máquina.	
COMPLEMENTOS SOBRE A EDIÇÃO			
Destques das manchetes secundárias		Palavras e imagens-chave nas manchetes SECUNDÁRIAS	
<ul style="list-style-type: none"> - Ilusão do amor: imagens que enganam nossos olhos. - Que saudade: a força terapêutica da nostalgia - Ciúme: Otelo e a doença da desconfiança - Violência: como tragédias mexem com o psiquismo. 		doença / crônica / patologia, violência; tragédias, amor, imagens, terapêutica	

Revista Coletada		MANCHETE PRINCIPAL Complemento	
Mente e Cérebro, 265, fevereiro 2015		De Cérebro para Cérebro O que há pouco tempo era ficção científica pode acontecer na realidade: é possível comunicar-se pelo pensamento.	
		ELEMENTOS VISUAIS DA CAPA	
Descrição da figura tema da capa		Brilho / intens.	
		Não aparece.	
		<p>Capa em fundo amarelo, com duas cabeças em que os cérebros estão destacados e interligados por uma linha. Esses cérebros, possuem linhas, na cor branca e em traços retos. O outro, o cérebro é formado por linhas azuis, curvas. Essas linhas se encontram em uma linha reta no alto das duas cabeças, indicando comunicação/ligação entre eles. No alto, está a manchete secundária, em letras na cor verde petróleo escuro, com destaque bem acentuado para a segunda palavra "cérebro", que toma conta de uma linha. Mais acima está a logomarca, com o selo de 10 anos. Ao lado a chamada para o especial "Psicologia da diversidade", com uma miniatura da capa da revista francesa "Charlie Hebdo", em cor verde.</p> <p>Bem no alto da página, há a chamada para três temas: Discalculia, Tontura e Depressão, numa faixa verde petróleo escuro, mesma cor da manchete principal, secundária e da logomarca.</p>	
IMAGEM PALAVRA - Palavras e imagens-chave destacadas			
ciência / científico, cérebro / neurônios, mente / inconsciente / subconsciente, máquina / tecnologia, pensamento			
INFERÊNCIAS DE SUGESTÕES		COMANDO E EMPATIA	
Qualificação sugerida do tema	Adj./adv	Comando	Estratégias de empatia
Não há julgamento, apenas constatação de que pode acontecer a comunicação pelo pensamento, apesar de se acreditar ser algo de ficção científica.	pouco	Não tem / Não se aplica	Resgatar a ideia da ficção científica de comunicação pelo pensamento, mais especificamente por meios de conexão como acontece nos meios eletrônicos.
INTERPRETAÇÃO A PARTIR DA RETÓRICA			
Intensidade da mensagem retórica:		Concepções emergentes da mensagem retórica.	
A efetivação da comunicação entre os cérebros é possível, há meios de conexão.		Os cérebros são aparatos capazes de conexão entre eles.	
COMPLEMENTOS SOBRE A EDIÇÃO			
Destaques das manchetes secundárias		Palavras e imagens-chave SECUNDÁRIAS	
<ul style="list-style-type: none"> - Especial: Psicologia da Diversidade (foto da capa do Charlie Hebdo) - Discalculia: transtorno faz crianças inteligentes não aprenderem matemática - Tontura: efeito colateral é capaz de causar a morte - Depressão: descobertas científicas ajudam a compreender o distúrbio. 		ciência / científico, pesquisas / cientistas, corpo, doença / crônica / patologia, social, aprender / aprendizagem / ensinar, depressão, inteligência, transtorno, efeito colateral, distúrbio	


Revista Coletada		MANCHETE PRINCIPAL Complemento	
Mente e Cérebro, 235, agosto 2012		Criatividade: É possível exercitar o potencial para ter boas ideias e encontrar soluções com mais facilidade.	
			
ELEMENTOS VISUAIS DA CAPA			
Descrição da figura tema da capa		Brilho / intens.	
<p>Capa em fundo branco, com um personagem de terno, com a cabeça em forma de caixa, e uma expressão de preocupação. A "tampa" da cabeça está aberta e dela sai um cérebro na cor branca/linhas pretas e com asas roseadas.</p> <p>A manchete principal, a palavra "Criatividade" está em caixa baixa, com letras de cor azul. O complemento está em letras pretas.</p> <p>Nas manchetes secundárias, os títulos estão em laranja e os textos em preto.</p> <p>A logomarca, no alto da página, à esquerda, está em cores laranjas.</p>		<p>Há volume nas sombras do desenho. Não remete a ideia de brilho, apenas sombra (perspectiva).</p>	
IMAGEM PALAVRA - Palavras e imagens-chave destacadas			
cérebro / neurônios, desempenho, criatividade, exercitar, ideias, soluções.			
INFERÊNCIAS DE SUGESTÕES		COMANDO E EMPATIA	
Qualificação do tema	Adj/Adv	Comando	Estratégias de empatia
Não apresenta.	Não tem / não se aplica esta análise	Não tem / Não se aplica	A criatividade como tema que mobiliza para aumentar desempenho.
INTERPRETAÇÃO A PARTIR DA RETÓRICA			
Intensidade da mensagem retórica:		Concepções emergentes da mensagem retórica.	
Problema de Criatividade como fuga do cérebro.		O cérebro sai da caixa e leva embora a criatividade.	
COMPLEMENTOS SOBRE A EDIÇÃO			
Destaques das manchetes secundárias		Palavras e imagens-chave SECUNDÁRIAS	
<ul style="list-style-type: none"> - Sexualidade: a simbologia do pênis - Sono e obesidade: Dormir mal dificulta a perda de peso. - História: o Nazismo sob o olhar da psiquiatria. - Animal: você se parece com seu bicho de estimação? 		<p>mente, corpo, humano / humanidade, social, obesidade, sono, história, sexualidade, animal, psiquiatria, simbologia.</p>	


Revista Coletada		MANCHETE PRINCIPAL Complemento	
Mente e Cérebro, Edição Especial 38		Como a mente cura o corpo: E também o adoecer: Processos mentais que influenciam na capacidade de manter e reestabelecer a saúde.	
		ELEMENTOS VISUAIS DA CAPA	
Descrição da figura tema da capa		Brilho / intens.	
<p>Capa em fundo preto, formado basicamente por palavras em diferentes tamanhos. Há uma figura de tamanho pequeno estilizado, formado por fitas coloridas que se transpassam. No título principal, as letras menores estão em azul ou amarelo com destaque para palavra CORPO, em caixa alta, na cor amarela no centro da página. O complemento da manchete está na cor branca, em letras menores. Para as manchetes secundárias há o uso de letras brancas e amarelas, além do uso de uma faixa em azul claro, no rodapé da página.</p>		<p>As fitas na figura do cérebro apresentam leves transições de cores e de luminosidade. No restante, não há variação de luminosidade.</p>	
IMAGEM PALAVRA - Palavras e imagens-chave destacadas			
cérebro / neurônios, mente / inconsciente / subconsciente, corpo, saúde, doença / crônica / patologia, cura, desempenho			
INFERÊNCIAS DE SUGESTÕES		COMANDO E EMPATIA	
Qualificação do tema	Adj/Adv	Comando	Estratégias de empatia
Identifica os processos mentais como fator de interferência na saúde do corpo.	Não tem / não se aplica esta análise	Não tem / Não se aplica	O destaque para a palavra "cura", em letras gigantes chama para o cuidado com a saúde. A ideia do cérebro colorido por fitas também localiza essa cura no campo do cérebro.
INTERPRETAÇÃO A PARTIR DA RETÓRICA			
Intensidade da mensagem retórica:		Concepções emergentes da mensagem retórica.	
A busca pela cura é localizada no corpo na figura do cérebro.		A mente, localizada no cérebro, influencia na saúde.	
COMPLEMENTOS SOBRE A EDIÇÃO			
Destques das manchetes secundárias		Palavras e imagens-chave SECUNDÁRIAS	
<ul style="list-style-type: none"> - Placebos: expectativas do paciente afetam o tratamento - Sintomas: Psicossomática ajuda a entender dinâmicas psíquicas. <ul style="list-style-type: none"> - Os Efeitos da fé e da oração. - Dor sob controle: benefícios da música, da escrita e da meditação. 		<p>mente, saúde, medicamento / remédios / drogas, cura, controle, dor, benefícios / vantagens, placebos, tratamento, sintoma, fé, oração, música, meditação</p>	

Revista Coletada		MANCHETE PRINCIPAL Complemento	
Mente e Cérebro ed.250, Novembro 2013.		<p>O que de fato funciona para aprender: Algumas técnicas de estudo ajudam a aprender mais rápido, enquanto outras só nos fazem perder tempo. Como diferenciá-las? Uma revisão inédita de estudos mapeou detalhadamente os melhores caminhos para adquirir conhecimento.</p>	
 <p>SCIENTIFIC AMERICAN mente e cérebro psicologia psicanálise neurociência</p> <p>CHOCOLATE Por que é tão difícil resistir</p> <p>O que de fato funciona para APRENDER</p> <p>Algumas técnicas de estudo ajudam a aprender mais rápido, enquanto outras só nos fazem perder tempo. Como diferenciá-las? Uma revisão inédita de estudos mapeou detalhadamente os melhores caminhos para adquirir conhecimento</p> <p>ALZHEIMER E PARKINSON Novas estratégias para levar medicação ao cérebro</p> <p>ALUCINÓGENOS Os efeitos inusitados do LSD e outras drogas</p> <p>JOYCE MCDUGALL O teatro do corpo pelo olhar da psicanálise</p>		ELEMENTOS VISUAIS DA CAPA	
Descrição da figura tema da capa		Brilho / intens.	
<p>Capa em fundo amarelo, com um desenho de um lápis estilizado, também amarelo, com o corpo no formato de cérebro. Abaixo, a manchete com a palavra "aprender" em caixa alta e na cor verde petróleo. A expressão "de fato", está em manuscrito, também em verde petróleo. O restante das palavras do título estão em letras pretas. O complemento da manchete está em letras pretas e letras bem menores, abaixo do título. Há uma manchete secundária no alto sobre chocolate, complementada por uma imagem da guloseima. Abaixo, no pé de página, há uma faixa horizontal preta, onde aparecem três outras manchetes secundárias. Os títulos estão em amarelo e o texto em letras brancas. A logomarca está em verde petróleo no alto da página, no fundo amarelo.</p>		<p>Não apresenta.</p>	
IMAGEM PALAVRA - Palavras e imagens-chave destacadas			
pesquisas / cientistas, cérebro / neurônios, máquina / tecnologia, inovação, aprender / aprendizagem / ensinar, desempenho, inteligência, funciona, técnicas, estudo, mais rápido, tempo, revisão, mapear, conhecimento.			
INFERÊNCIAS DE SUGESTÕES		COMANDO E EMPATIA	
Qualificação do tema	Adj/Adv	Comando	Estratégias de empatia
Não se apresenta. Porém coloca que há novidades importantes para acelerar aprendizado.	Não tem / não se aplica esta análise	Não tem / Não se aplica	A ideia de acelerar o aprendizado.
INTERPRETAÇÃO A PARTIR DA RETÓRICA			
Intensidade da mensagem retórica:		Concepções emergentes da mensagem retórica.	
O cérebro como uma ferramenta que pode ser "apontada" e utilizada para o aprendizado.		O cérebro é algo que pode acelerar o aprendizado, é uma ferramenta.	
COMPLEMENTOS SOBRE A EDIÇÃO			
Destaques das manchetes secundárias		Palavras e imagens-chave SECUNDÁRIAS	
<ul style="list-style-type: none"> - Chocolate; por que é tão difícil resistir. - Alzheimer e Parkinson: novas estratégias para levar medicação ao cérebro. - Alucinógenos: os efeitos inusitados das drogas. - Joyce Mcdougall: o teatro do corpo pelo olhar da psicanálise. 		<p>cérebro / neurônios, corpo, doença / crônica / patologia, medicamento / remédios / drogas, inovação, social, alimentação / alimento / dieta, Parkinson, alzheimer, chocolate, medicação, alucinógenos, teatro, psicanálise.</p>	

Revista Coletada		MANCHETE PRINCIPAL Complemento	
Mente e Cérebro, especial 46, 2015		Consciência: O que a psicologia, a psicanálise e a neurociência têm a dizer sobre a fascinante capacidade de perceber o mundo e a si mesmo.	
		ELEMENTOS VISUAIS DA CAPA	
Descrição da figura tema da capa		Brilho inten.	
<p>Capa em fundo de uma ilustração em que as bordas parecem escurecidas e desbotadas. No centro, aparece a imagem de um campo, com céu com nuvens e em destaque a figura de um "ser/autômato" com pernas de bailarina e corpo no formato de um cérebro constituído por engrenagens e um olho na ponta. Mais acima, a palavra "consciência", manchete principal, em caixa alta e letras amarelas, ocupando toda linha. O complemento está no alto, em letras brancas menores, em caixa baixa, alinhado à direita. As manchetes secundárias, que são relacionadas ao tema principal, são títulos, em letras brancas, em caixa alta, ao lado da figura destaque, alinhados à esquerda. A logomarca está no alto num pentágono amarelo, escrito em letras vermelhas, com a expressão "edição especial" em letras pretas no alto. Abaixo, vem a numeração da revista, num círculo preto.</p> <p>No pé de página, à direita, está o selo de "10 anos", com traços brancos.</p>		<p>O brilho aparece nas peças metálicas.</p>	
IMAGEM PALAVRA - Palavras e imagens-chave destacadas			
ciência / científico, cérebro / neurônios, mente / inconsciente / subconsciente, corpo, medicamento / remédios / drogas, olho, mundo, social, controle, psicologia, psicanálise, neurociência, capacidade, percepção, consciência, sonhos, anestesia, fisiologia, foco, técnica, mensagens, subliminares, realidade.			
INFERÊNCIAS DE SUGESTÕES		COMANDO E EMPATIA	
Qualificação do tema	Adj/Adv	Co-mando	Estratégias de empatia
Não apresenta.	Não tem / não se aplica esta análise	Não tem / Não se aplica	A figura da bailarina trazendo leveza ao autômato, à dureza da engrenagem. O campo, como algo que lembra o sonho e e que ganha passos com esse autômato.
Não apresenta.			
Intensidade da mensagem retórica:		Concepções emergentes da mensagem retórica.	
As formas como o cérebro tem consciência de si e do mundo.		Como a máquina cérebro percebe a si e o mundo.	
COMPLEMENTOS SOBRE A EDIÇÃO			
Destaques das manchetes secundárias		Palavras e imagens-chave SECUNDÁRIAS	
sonhos lúcidos, o mistério da anestesia, fisiologia da percepção, técnica para manter o foco, mensagens subliminares, recriando a realidade.		"(já descritos na manchete principal)	

Revista Coletada		MANCHETE PRINCIPAL Complemento	
Mente e Cérebro, especial 31		Como as drogas agem no cérebro: Crack, Maconha, Cocaína, Oxi, Cigarro, Álcool, Ayahuasca, LSD e outros alucinógenos.	
		ELEMENTOS VISUAIS DA CAPA	
Descrição da figura tema da capa		Brilho / intens.	
<p>Capa em fundo preto liso, com a figura de uma pessoa (foto), expelindo fumaça branca azulada. No alto, onde essa fumaça se concentra, forma a figura de um cérebro branco, vazado, que segue nessa fumaça se desfazendo. A manchete principal e o complemento estão em letras brancas e caixa baixa. O destaque é para a palavra "drogas" na cor verde e em tamanho maior. Como manchetes secundárias, estão no canto inferior direito, ao lado do rosto, em letras brancas, em tamanho menor. Para destacar, há uma pequena faixa com a expressão "e mais". A logomarca ocupa a parte central do topo da página, com letras verdes. Sobre ela, no canto esquerdo superior, aparece uma tarja vermelha com a palavra "especial", em letras brancas e caixa alta.</p>		<p>Brilha na figura da fumaça.</p>	
IMAGEM PALAVRA - Palavras e imagens-chave destacadas			
cérebro, medicamento, drogas, riscos/medos, benefícios/vantagens, alucinógenos, escolha, internação.			
INFERÊNCIAS DE SUGESTÕES		COMANDO E EMPATIA	
Qualificação do tema	Adj/Adv	Comando	Estratégias de empatia
Não apresenta. Porém a imagem ilustra uma situação ruim provocada pelas drogas, como se o cérebro fosse afetado negativamente.	Não tem / não se aplica esta análise	Não tem / Não se aplica	A ideia de fazer da fumaça a imagem do cérebro.
INTERPRETAÇÃO A PARTIR DA RETÓRICA			
Intensidade da mensagem retórica:		Concepções emergentes da mensagem retórica.	
O cérebro é afetado pelas drogas		O cérebro vira fumaça com as drogas.	
COMPLEMENTOS SOBRE A EDIÇÃO			
Destaques das manchetes secundárias		Palavras e imagens-chave SECUNDÁRIAS	
<p>(já descritos na manchete principal)</p> <ul style="list-style-type: none"> - substâncias químicas na personalidade - prós e contras da internação compulsória - a escolha de usar drogas. 			

Revista Coletada		MANCHETE PRINCIPAL Complemento	
Mente e Cérebro, 264, janeiro 2015		<p>Psicologia ajuda a você a mudar hábitos e alcançar objetivos: Lidar com a ansiedade e aproveitar melhor o tempo aumenta chances de realizar seus desejos.</p>	
		<p>ELEMENTOS VISUAIS DA CAPA</p>	
<p>Descrição da figura tema da capa</p>		<p>Brilho / intens.</p>	
<p>Capa em fundo vermelho, com cérebro em um tom mais escuro de vermelho ao fundo. Na frente, em destaque a manchete principal, em letras amarelas em tom pastel, com destaque para os termos "psicologia" e "mudar hábitos" e "objetivos".</p> <p>Abaixo nas mesmas cores de letra, uma manchete secundária para um especial sobre crianças e inteligência. No alto, a logomarca em branco.</p> <p>No alto da página, uma faixa branca com as manchetes secundárias. (hospital, egoísmo e esquizofrenia).</p>		<p>Não consta</p>	
IMAGEM PALAVRA - Palavras e imagens-chave destacadas			
<p>cérebro / neurônios, vencer / vencedor, aprender / aprendizagem / ensinar, desempenho, ansiedade, psicologia, mudança, hábito, objetivos, alcançar, tempo, desejos</p>			
INFERÊNCIAS DE SUGESTÕES		COMANDO E EMPATIA	
Qualificação do tema	Adj/Adv	Comando	Estratégias de empatia
<p>Coloca a psicologia como forma de ajudar a mudar hábitos. Aumentar a chances de realizar desejos.</p>	<p>aproveitar melhor</p>	<p>ajuda você</p>	<p>destacar a palavra objetivos e hábitos, relacionando com o cérebro.</p>
INTERPRETAÇÃO A PARTIR DA RETÓRICA			
Intensidade da mensagem retórica:		Concepções emergentes da mensagem retórica.	
<p>Cérebro pode ser modificado para estabelecer novos hábitos e alcançar objetivos.</p>		<p>O cérebro pode ser o centro onde podem ser formatados os recursos para alcançar os desejos.</p>	
COMPLEMENTOS SOBRE A EDIÇÃO			
Destaques das manchetes secundárias		Palavras e imagens-chave SECUNDÁRIAS	
<ul style="list-style-type: none"> - Especial: as crianças de hoje são mais inteligentes? - Hospital: o papel do psicanalista na instituição - Egoísmo: crises podem nos tornar atentos a necessidades alheias - Esquizofrenia: origens genéticas do transtorno. 		<p>doença / crônica / patologia, social, inteligência, psicanalista, hospital, egoísmo, crise, esquizofrenia, genética, transtorno, infância</p>	

Revista Coletada		MANCHETE PRINCIPAL Complemento	
Mente e Cérebro, edição especial 44		Cérebro em movimento 1: Porque exercitar o corpo faz tão bem para a mente	
			
ELEMENTOS VISUAIS DA CAPA			
Descrição da figura tema da capa		Brilho / intens.	
<p>A capa tem um laranja escuro (cor de tijolo) com a palavra "Cérebro" em amarelo e caixa alta, em grande destaque no centro da página. Abaixo da palavra, em letras cursivas pretas, está a expressão "em movimento", com o número 1, em branco, ao lado das duas linhas de palavras. Abaixo e acima desse título, há figura de pessoas praticando atividades físicas como dança, yoga, ciclismo, caminhada, musculação skate e brincadeiras infantis. No alto da página, à esquerda, a logomarca em preto e amarelo. As manchetes secundárias, também relacionadas ao tema, estão no alto, à direita, em letras brancas e amarelas.</p>		<p>Não há uso da luminosidade para realçar os elementos.</p>	
IMAGEM PALAVRA - Palavras e imagens-chave destacadas			
cérebro / neurônios, mente / inconsciente / subconsciente, corpo, saúde, máquina / tecnologia, exercício físico, desempenho, benefícios / vantagens			
INFERÊNCIAS DE SUGESTÕES		COMANDO E EMPATIA	
Qualificação do tema	Adj/Adv	Comando	Estratégias de empatia
Apresenta o exercício físico como benéfico para o cérebro.	tão bem para a mente	Não tem / Não se aplica	A ideia do exercício físico e da mente/cérebro em movimento como forma de saúde.
INTERPRETAÇÃO A PARTIR DA RETÓRICA			
Intensidade da mensagem retórica:		Concepções emergentes da mensagem retórica.	
O cérebro em movimento como um órgão que pode ser exercitado como os músculos no exercício físico.		O cérebro precisa ser exercitado.	
COMPLEMENTOS SOBRE A EDIÇÃO			
Destaques das manchetes secundárias		Palavras e imagens-chave SECUNDÁRIAS	
<p>Complementam o tema principal:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Como a prática esportiva favorece a aprendizagem. - Atividade física estimula novas conexões neurais. <ul style="list-style-type: none"> - Dançar ajuda a solucionar conflitos - Orelhas biônicas para manter o equilíbrio - O que o futebol revela sobre limites e valores morais. - Preguiça de fazer exercícios pode ser explicada pela genética. 		<p>cérebro, doença/patologia, inovação, social, exercício físico, ética, aprendizagem, desempenho, conflitos, valores, limites, genética, corpo, biônico.</p>	

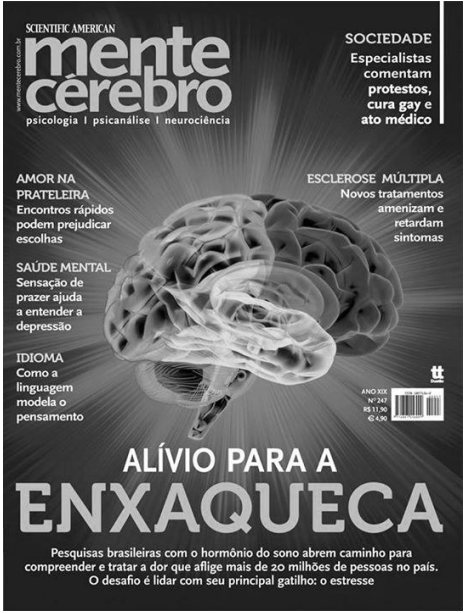
Revista Coletada	MANCHETE PRINCIPAL Complemento	
<p>Mente e Cérebro, ed. 247, Agosto 2013</p> 	<p>Alívio para a Enxaqueca. Pesquisas brasileiras com o hormônio do sono abrem caminho para compreender e tratar a dor que aflige mais de 20 milhões de pessoas no país. O desafio é lidar com seu principal gatilho: o estresse.</p>	
ELEMENTOS VISUAIS DA CAPA		
Descrição da figura tema da capa	Brilho	
<p>"Capa em fundo escuro com um cérebro colorido ao centro. Dele saem raios, luzes, na cor amarelo escuro. Esse cérebro está dividido em partes coloridas e suas linhas são reforçadas por traços luminosos, com cores neon (azul, verde, amarelo e rosa). A manchete principal tem a palavra "enxaqueca", em destaque, na cor amarela. A primeira parte, bem como o complemento, estão em letras brancas. As manchetes secundárias vêm com o título em caixa alta com letras amarelas e complementos em letras brancas. A logomarca está no alto, à esquerda, em letras amarelas com complementos em letras brancas."</p>	<p>O uso de raios e linhas coloridas remetem a ideia de luzes e raios que saem de um cérebro em alta troca de energia.</p>	

IMAGEM PALAVRA - Palavras e imagens-chave destacadas

pesquisas / cientistas, cérebro / neurônios, cura, dor, estresse, enxaqueca, hormônio, sono, gatilho, desafio. raio, energia

INFERÊNCIAS DE SUGESTÕES

Qualificação do tema

Coloca a ideia de alívio para o problema da enxaqueca.

Adj/Adv

Não tem / não se aplica esta análise

COMANDO E EMPATIA

Comando

Estratégias de empatia

Um cérebro energizado, em alta tensão. A enxaqueca é uma doença comum e que imobiliza muitos pacientes.

INTERPRETAÇÃO A PARTIR DA RETÓRICA

Intensidade da mensagem retórica:

Cérebro como centro da enxaqueca, como um mecanismo em altas descargas elétricas que geram a enxaqueca.

Concepções emergentes da mensagem retórica.

O cérebro é um terminal nervoso de energia onde se desencadeia a enxaqueca.


COMPLEMENTOS SOBRE A EDIÇÃO


Destaques das manchetes secundárias

- Sociedade: especialistas comentam protestos, cura gay e ato médico.
- Amor na prateleira: encontros rápidos podem prejudicar escolhas.
- Saúde Mental: sensação de prazer ajuda a entender a depressão.
 - Idioma: como a linguagem modela o pensamento.
- Esclerose múltipla: novos tratamentos amenizam sintomas.

Palavras e imagens-chave SECUNDÁRIAS

pesquisas, mente, corpo, saúde, patologia, medicamento/drogas, humanidade, social, controle, ética, depressão, esclerose, amor, escolhas, saúde mental, linguagem, pensamento, protestos, política, tratamentos, sintomas.

Revista Coletada		MANCHETE PRINCIPAL Complemento	
Mente e Cérebro, ed. 257, Junho 2014		O cérebro regenerado: O que pesquisas sobre células-tronco trazem de novo para tratar Parkinson, esclerose, demência, lesões da medula e câncer.	
		ELEMENTOS VISUAIS DA CAPA	
Descrição da figura tema da capa		Brilho / intens.	
A capa em preto destaca no centro uma célula-tronco ampliada em microscópios potentes, uma estrutura esférica em cores verde e amarelo fosforescentes e azul, com uma luz interior. Como descrita no interior da revista, "a célula-tronco ostenta um núcleo verde de incandescência. O título está em branco, com a palavra "cérebro" em destaque, seguido de "regenerado", abaixo, em verde cítrico, com letras mais finas. A logomarca está em verde cítrico no alto da página.		A célula-tronco, como descrita, apresenta uma parte central pulsante, com uma luz intensa. Na parte externa, a luminosidade se apresenta na parte superior.	
IMAGEM PALAVRA - Palavras e imagens-chave destacadas			
cérebro / neurônios, doença / crônica / patologia, inovação, célula-tronco, câncer, parkinson, esclerose, pesquisas			
INFERÊNCIAS DE SUGESTÕES		COMANDO E EMPATIA	
Qualificação do tema	Adj/Adv	Comando	Estratégias de empatia
Regenerado, como algo que foi requalificado. Novo, aponta as novidades nas pesquisas sobre o assunto.	Não tem / não se aplica esta análise	Não tem / Não se aplica	O cérebro como algo que foi reconquistado, traz também a figura da célula-tronco a ser explorada.
INTERPRETAÇÃO A PARTIR DA RETÓRICA			
Intensidade da mensagem retórica:		Concepções emergentes da mensagem retórica.	
Algo que precisa ser explorado, que se apresenta para ser conhecido. O cérebro pode ser reconstruído a partir da força da célula-tronco, capaz de regenerar algo que não tinha cura ou tratamento até então como parkinson, esclerose, câncer...		Os danos no cérebro não são mais irreversíveis.	
COMPLEMENTOS SOBRE A EDIÇÃO			
Destaques das manchetes secundárias		Palavras e imagens-chave SECUNDÁRIAS	
<ul style="list-style-type: none"> - Fé e religião: influências da personalidade na forma de crer. - Inconsciente: verdadeiro risco das mensagens subliminares. <ul style="list-style-type: none"> - Aprendizagem: relação entre miséria e inteligência. - Obesidade: quando nosso cérebro nos faz engordar. 		cérebro / neurônios, mente, aprender, desempenho, riscos / medos, inteligência, obesidade, miséria, fé, religião, crença, inconsciente.	

Revista Coletada		MANCHETE PRINCIPAL Complemento	
Mente e Cérebro, ed. 239, Dezembro 2012		A felicidade é contagiosa. Se os amigos dos seus amigos são satisfeitos e bem-humorados as suas chances de estar de bem com a vida são maiores.	
		ELEMENTOS VISUAIS DA CAPA	
		Descrição da figura tema da capa	Bri-lho
		Capa formada por uma foto com fundo predominantemente branco, de um céu com luminosidade estourada. No centro da foto, ocupando boa parte da metade direita da página, estão quatro jovens, de idade entre 25 e 30 anos, todos brancos de pele e cabelos claros, um sobre o outro, como que carregando nas costas, com expressão facial de estarem muito felizes. As roupas são coloridas. A manchete principal está em caixa baixa, com "A felicidade" em letras amarelas e "é contagiosa", na cor preta. O complemento está abaixo, em letras bem menores, na cor preta. As manchetes secundárias estão menores, ocupando as porções superiores da foto, correspondente ao céu. Os títulos estão em letras vermelhas e caixa alta e os textos em letras pretas e em caixa baixa. A logomarca está com letras na cor vermelha no alto da página, à esquerda.	Não apresenta.
IMAGEM PALAVRA - Palavras e imagens-chave destacadas			
vida, social, benefícios / vantagens, felicidade, contagiosa, bem com a vida.			
INFERÊNCIAS DE SUGESTÕES		COMANDO E EMPATIA	
Qualificação do tema	Adj/Adv	Co-mando	Estratégias de empatia
Fala que chances são maiores de quem tem amigos bem humorados e satisfeitos.	Não tem / não se aplica esta análise, chances maiores	Não tem / Não se aplica	A felicidade com jovens bem alegres, muitas cores. O branco remetendo a algo bom.
INTERPRETAÇÃO A PARTIR DA RETÓRICA			
Intensidade da mensagem retórica:		Concepções emergentes da mensagem retórica.	
A felicidade pode ser propagada como uma boa qualidade.		Como um vírus que se propaga, a felicidade também se compartilha.	
COMPLEMENTOS SOBRE A EDIÇÃO			
Destques das manchetes secundárias		Palavras e imagens-chave SECUNDÁRIAS	
<ul style="list-style-type: none"> - Cientistas brasileiros descobrem neurônios da memória. - Fotos de bichinhos fofos melhoram a concentração. - A relação entre TOC e trauma. - Papai Noel: como contar às crianças que ele não existe. - Gratidão: a arte (e os benefícios) de dizer "obrigado". - Apocalipse em 2012: por que tantos acreditam que o mundo vai acabar. - Caso clínico: encefalite autoimune: uma doença rara do cérebro. 		<ul style="list-style-type: none"> pesquisas / cientistas, cérebro, memória, doença, inovação, social, desempenho, benefícios, concentração, trauma, arte, encefalite, clínico. 	

Revista Coletada		MANCHETE PRINCIPAL Complemento	
Mente e Cérebro, ed. 267, Abril 2015		<p>No limite do Estresse: Sensação de exaustão, de impotência e desânimo com a vida profissional são alguns dos sinais da síndrome de burnout - um quadro grave que pode levar à depressão, ansiedade e distúrbios do sono.</p>	
		ELEMENTOS VISUAIS DA CAPA	
		Descrição da figura tema da capa	
		<p>"Capa em tom de marrom (terra), com destaque para um corda que está se rompendo e apenas com fiozinho que ainda a une. Abaixo, a manchete principal, (em letras parte em branco, parte em preto), com destaque para ""estresse"", em caixa alta e letras pretas, ocupando toda a linha. Complemento da manchete em letras brancas, abaixo da manchete. No alto, a logomarca em letras pretas e o selo de 10 anos, em amarelo. Ao lado, duas manchetes secundárias, com título em letras pretas e texto em letras brancas (Ilusão e Álcool). No alto da página, uma faixa amarela, com várias frutas e legumes no alto, chamando destaque para o Especial ""Alimentação sob outro olhar"", com três manchetes secundárias. Bem abaixo da página, outra faixa, em preto, com letras brancas e amarela destaca outra manchete secundária (atividade genética)."</p>	
Brilho / intens.	IMAGEM PALAVRA - Palavras e imagens-chave destacadas		
Não aparece.	doença / crônica / patologia, estresse, ansiedade, depressão, limite, exaustão, profissional, sono.		
INFERÊNCIAS DE SUGESTÕES		COMANDO E EMPATIA	
Qualificação do tema	Adj/Adv	Comando	Estratégias de empatia
Coloca o estresse como algo grave que precisa ser reparado antes que a "corda" estoure.	Não tem / não se aplica esta análise	Não tem / Não se aplica	A ideia do estresse como algo que está no limite, que está para se romper.
INTERPRETAÇÃO A PARTIR DA RETÓRICA			
Intensidade da mensagem retórica:		Concepções emergentes da mensagem retórica.	
Corda, como algo que pode romper, como algo sobre intensa tensão, que está realmente no limite.		Estamos por um fio, o estresse corrompe, tensiona. E estamos no limite.	
COMPLEMENTOS SOBRE A EDIÇÃO			
Destaques das manchetes secundárias		Palavras e imagens-chave SECUNDÁRIAS	
<ul style="list-style-type: none"> - Um mapa da atividade genética do cérebro humano. - Ilusão: os efeitos da cor vermelha na mente. - Álcool: formas eficientes de combate à dependência. - Especial Alimentação sob outro olhar: Vegetarismo e empatia, sabotagens do cérebro e Anorexia e bulimia. 		<p>cérebro / neurônios, mente, medicamento / remédios / drogas, alimentação / alimento / dieta, controle, genética, mapa, efeito, álcool, dependência, combate, empatia, sabotagem, anorexia, bulimia.</p>	

Revista Coletada

Mente e Cérebro, ed. 249, Outubro 2013



MANCHETE PRINCIPAL Complemento

Transtorno de Pânico: Novas intervenções, como técnicas de controle da respiração e de pensamentos, ampliam as opções de tratamento.

ELEMENTOS VISUAIS DA CAPA

Descrição da figura tema da capa

"Capa em fundo preto, com detalhes em amarelo e vermelho. No centro da página, saindo do fundo preto, há um desenho de uma moça, como que saindo de águas profundas, com uma expressão de muito pavor, e que seus cabelos refletem a luz, dando a impressão de águas turbulentas. Sobre ela há linhas de luminosidade, como numa imagem televisionada. Esse recurso aparece em toda a capa. Abaixo a manchete principal, com a palavra "pânico" em caixa alta e em letras amarelas em grande destaque na página. As demais palavras da manchete estão em letras brancas e tamanho menor, em caixa baixa. Ao lado, manchetes secundárias, que não tem a ver com a manchete principal, estão numa caixa vazada (que se dilui) na cor vermelha. Os títulos dessas manchetes secundárias estão em amarelo e o texto em branco. Acima há uma manchete secundária em tamanho maior, na mesma linha da logomarca, também tendo o título em amarelo e a branco (polêmica: psicanálise é ciência?). A logomarca, em letras amarelas, está à esquerda. No alto, há uma caixa em cor laranja, com listras horizontais como de uma imagem de tv, com três manchetes secundárias, todas em letras brancas, destacando o nome dos autores em caixa alta (Jerusalinky, Baron-Cohen, Jurandir Costa, Bauman). Acima de Bauman, há um selo em preto e amarelo com a palavra "entrevista". Bem no pé de página, há uma faixa, em laranja, com letras brancas, indicando "edição especial de aniversário"."

Brilho / intens. IMAGEM PALAVRA - Palavras e imagens-chave destacadas

O brilho ajuda a ressaltar a dimensão de "saindo da treva". mente / inconsciente / subconsciente, medicamento / remédios / drogas, cura, controle, riscos / medos, técnica, tratamento, medo, pânico, transtorno, pensamento, respiração

INFERÊNCIAS DE SUGESTÕES COMANDO E EMPATIA


Qualificação do tema	Adj/Adv	Comando	Estratégias de empatia
Traz a ideia de pavor que o tema remete. Coloca a possibilidade de alternativas de tratamento.	Não tem / não se aplica esta análise	Não tem / Não se aplica	Traduz de uma maneira visual o pavor. Traz a tona uma queixa recorrente.

INTERPRETAÇÃO A PARTIR DA RETÓRICA


Intensidade da mensagem retórica:	Concepções emergentes da mensagem retórica.
Pânico e pavor retratados no peso das palavras e na força da expressão facial da mulher retratada.	O pânico é algo assustador, que aprisiona.


COMPLEMENTOS SOBRE A EDIÇÃO


Destaques das manchetes secundárias	Pal. e imagens-chave SEC.
- Síndrome de Tourette: o estranho caso do homem que late sem querer. - Ilusões: a predisposição para ver fantasmas. - Autoconsciência: tem certeza de que você é você mesmo? - Polêmica: Psicanálise é ciência? - Jerusalinky: detecção precoce de transtornos mentais. - Baron-Cohen: pais muito racionais e o risco de filhos autistas. - Jurandir Costa: os sobrenomes da vergonha. - Entrevista Bauman: substitutos da satisfação.	ciência, mente, doença, social, riscos/medos, demência, transtorno, autismo, satisfação, consciência, fantasmas, ilusão, síndrome


Revista Coletada		MANCHETE PRINCIPAL Complemento	
Mente e Cérebro, ed 245, Junho 2013		Inconsciente: o estranho que vive em você. Ele influi em nossas escolhas, organiza memórias, desejos e experiências que preferimos esquecer.	
		ELEMENTOS VISUAIS DA CAPA	
		Descrição da figura tema da capa	
		<p>"Capa em fundo rosa choque, com a figura de uma cabeça de um homem com um chapéu escuro, que só aparece do olho para cima. O olho está fechado. Neste chapéu, aparece uma porta semiaberta, que mostra a passagem para um outro lugar, claro e difuso, que chama a curiosidade para visualizar, num contraste com o chapéu escuro e a expressão fechada do personagem. A manchete principal: a palavra "inconsciente" está em destaque, ocupando toda a linha, com letras brancas, em caixa alta. O restante do título, também está em caixa alta, porém letras menores, com letras amarelas. As manchetes secundárias tem o título em amarelo e texto em letras brancas, distribuídos em vários pontos da página. No alto, há uma delas com uma imagem de um buda em posição de lótus, acima da chamada "Especial arte de dominar a mente". A logomarca está na cor amarela, no alto, à esquerda."</p>	
Brilho	IMAGEM PALAVRA - Palavras e imagens-chave destacadas		
<p>Não apresenta.</p>	<p>mente / inconsciente, memória, escolhas, desejos, experiências, esquecimento.</p>		
INFERÊNCIAS DE SUGESTÕES		COMANDO E EMPATIA	
Qualificação do tema	Adj/Adv	Comando	Estratégias de empatia
<p>Não se aplica.</p>	<p>Não tem / não se aplica esta análise</p>	<p>Não tem / Não se aplica</p>	<p>A ideia de que o inconsciente é uma porta para algo inacessível, diferente do que está manifestado no consciente. A ideia de trabalhar como algo estranho, mas que está ali.</p>
INTERPRETAÇÃO A PARTIR DA RETÓRICA			
Intensidade da mensagem retórica:		Concepções emergentes da mensagem retórica.	
<p>A ideia de que o inconsciente é uma porta para algo inacessível, diferente do que está manifestado no consciente. A ideia de trabalhar como algo estranho, mas que está ali. O fundo rosa mostra uma realidade diferente do normal.</p>		<p>O inconsciente como algo não resolvido, algo estranho, mas está presente.</p>	
COMPLEMENTOS SOBRE A EDIÇÃO			
Destaques das manchetes secundárias		Palavras e imagens-chave SECUNDÁRIAS	
<p>- Especial: a arte milenar de domar a mente. - Alcoolismo: mecanismos para vencer a dependência. -- Neurociência: luzes para estimular e curar o cérebro. - Ferenczi: o psicanalista que soube desafiar Freud. - Ilusões: imagens que saltam dos quadros.</p>		<p>cérebro, mente, doença, medicamento / drogas, máquina/tecnologia, vencer, cura, desempenho, arte, alcoolismo, mecanismo, dependência, estímulo, ilusão.</p>	

Revista Coletada		MANCHETE PRINCIPAL Complemento	
Galileu, ed 241, Agosto 2013		<p>Turbine sua Memória: Novos estudos descobrem como lembrar de tudo. Funciona - e é mais simples do que você pensa.</p>	
		ELEMENTOS VISUAIS DA CAPA	
		<p>Descrição da figura tema da capa</p> <p>Figura construída de um cérebro-máquina, metalizado e com um cano de de descarga, saindo fumaça.</p>	<p>Brilho / intens.</p> <p>cano de descarga; turbine; memória; máquina; funciona; cérebro; veículo automotor; novos estudos científicos</p>
<p>IMAGEM PALAVRA - Palavras e imagens-chave destacadas</p> <p>cano de descarga; turbine; memória; máquina; funciona; cérebro; veículo automotor; novos estudos científicos</p>			
INFERÊNCIAS DE SUGESTÕES		COMANDO E EMPATIA	
Qualificação do tema	Adj/Adv	Comando	Estratégias de empatia
Novos estudos (qualificação positiva do argumento pelo científico (ciência, estudos)	Não tem	Turbine sua memória; mais simples que você pensa	O cérebro como uma máquina envenenada, turbinada. Guia de exercícios como forma de seduzir para uso.
<p>INTERPRETAÇÃO A PARTIR DA RETÓRICA</p>			
Intensidade da mensagem retórica:		Concepções emergentes da mensagem retórica.	
O cérebro como máquina aditivada pode atingir o máximo de sua potência para registro de memória.		O cérebro é uma máquina que pode ser aditivada.	
<p>COMPLEMENTOS SOBRE A EDIÇÃO</p>			
Destaques das manchetes secundárias		Palavras e imagens-chave SECUNDÁRIAS	
<ul style="list-style-type: none"> - Café tech: testamos as cafeteiras mais modernas. - Especial Gênios 2011: 10 jovens brasileiros e suas ótimas ideias - "Acabô a paz!!!!": política hacker e revolução pirata 		<ul style="list-style-type: none"> - cafeteria, máquinas, modernidade, gênios, política, revolução, ataque. 	

Revista Coletada		MANCHETE PRINCIPAL Complemento	
Psiquê, ed. 96, Dezembro 2013		Uma questão de saúde pública: Como o profissional de saúde mental atua além do hospital e do ambulatório, com especial atenção para a área educacional e as intervenções em crianças, adolescentes e professores adoecidos.	
		ELEMENTOS VISUAIS DA CAPA	
Descrição da figura tema da capa		Brilho / intens.	
Desenho estilizado num fundo azul, com traços em giz de cabeça humana, tendo no centro um cérebro com curativos estilo band-aid cor da pele. A mensagem da manchete está dentro da própria cabeça, em letras brancas.		Não apresenta.	
IMAGEM PALAVRA - Palavras e imagens-chave destacadas			
cérebro; saúde pública; saúde mental; hospital; ambulatório; educação; intervenção profissional			
INFERÊNCIAS DE SUGESTÕES		COMANDO E EMPATIA	
Qualificação do tema	Adj/Adv	Comando	Estratégias de empatia
Avaliação negativa do estado da Saúde Mental sugerida sobre através do desenho	Não tem	Não tem	A cabeça desenhada em giz denotando algo que a saúde mental está depauperada. O curativo está relacionando com a saúde pública e com os profissionais está empatizando o campo da saúde mental como saúde pública e os profissionais que atuam na área.
INTERPRETAÇÃO A PARTIR DA RETÓRICA			
Intensidade da mensagem retórica:		Concepções emergentes da mensagem retórica.	
A crise na saúde pública no campo da saúde mental.		O curativo é um eufemismo da crise, do que está enfermo, do que necessita de cuidado.	
COMPLEMENTOS SOBRE A EDIÇÃO			
Destaques das manchetes secundárias		Palavras e imagens-chave SECUNDÁRIAS	
<ul style="list-style-type: none"> -Inteligência Multifocal na Educação: método alia conhecimento multidisciplinar com habilidade para manter a integridade psíquica diante dos problemas. <ul style="list-style-type: none"> - Envelhecer: a solução e o descaso com a melhor idade. - Dramas de Tântalo: a atualidade, os conflitos e os sintomas dos relacionamentos patológicos. - Gabriel Rolón desmistifica a visão romântica das relações. 		<ul style="list-style-type: none"> - inteligência, educação, método, conhecimento, habilidade, integridade, psíquico, problemas, envelhecer, solução, dramas, atualidade, conflitos, sintomas, relacionamentos, patológicos. 	

Revista Coletada		MANCHETE PRINCIPAL Complemento	
Scientific American, ed. 146, Julho 2014		A Fascinante Neurociência do Hábito: Cientistas identificam circuitos cerebrais capazes de facilitar formação de hábitos positivos e evitar os indesejáveis.	
		ELEMENTOS VISUAIS DA CAPA	
Descrição da figura tema da capa		Brilho / intens.	
<p>A foto mostra uma cabeça de um humanoíde (homem estilizado), com conexões em formato de luz, lembrando as conexões neuronais. O fundo da imagem é sólido, em azul em tons semelhantes ao da figura humana em destaque. Os títulos estão em cor laranja e os textos em cor branca. A logomarca está no mesmo laranja com letras pretas.</p>		<p>A luz destaca a silhueta da cabeça humana.</p>	
IMAGEM PALAVRA - Palavras e imagens-chave destacadas			
cérebro / neurônios, riscos / medos, pesquisas / cientistas, neurociência, hábitos, circuitos, indesejável			
INFERÊNCIAS DE SUGESTÕES		COMANDO E EMPATIA	
Qualificação do tema	Adj/Adv	Comando	Estratégias de empatia
Fascinante neurociência; hábitos positivos x indesejáveis.	Não tem / não se aplica esta análise	Não tem / Não se aplica	Fascinante x hábito, chama a atenção para os aspectos positivos do hábito. A ideia de um cérebro como máquina que pode ser programada.
Fascinante neurociência; hábitos positivos x indesejáveis.			
Intensidade da mensagem retórica:		Concepções emergentes da mensagem retórica.	
Hábito como comando que pode ser programado (a partir da imagem de circuitos neuronais que lembram os circuitos eletrônicos), reforçada pela palavra "circuitos".		A neurociência pode reprogramar o cérebro e gerar novos hábitos.	
COMPLEMENTOS SOBRE A EDIÇÃO			
Destaques das manchetes secundárias		Palavras e imagens-chave SECUNDÁRIAS	
<ul style="list-style-type: none"> - Medicina: fitoterápicos acenam com novos medicamentos. - Saúde: Tecnologia permite rápida identificação de riscos. - Água potável: sementeira de nuvens aumenta chances de chuvas - Paleontologia: dinossauros podem ensinar novas táticas para adaptação - Astronomia: procura por evidências de vida em Marte. 		vida, saúde, medicamento / remédios / drogas, riscos / medos, medicina, fitoterápicos, tecnologia, água, dinossauros, adaptação, evidências, Marte	

Revista Coletada		MANCHETE PRINCIPAL Complemento	
Superinteressante, ed. 325, Nov. 2013		Fé faz bem: É a ciência que está dizendo: quem crê em algo acima de si vive mais, ganha melhor e é mais feliz. Saiba como se beneficiar disso, com religião ou não.	
		ELEMENTOS VISUAIS DA CAPA	
		Descrição da figura tema da capa	
		<p>"Capa com moldura vermelha característica da Superinteressante. No centro, uma ilustração com fundo escuro e pontos brancos indicando um céu estrelado. No centro, a figura de uma pessoa, representada por um boneco criado por computação gráfica, com feições humanas, na cor preta do fundo, mas com silhuetas em branco, indicando luz e brilho. A pessoa está em posição de oração, olhos fechados e mãos justapostas, na altura do pescoço. A expressão dessa pessoa é muito serena, embora pareça um boneco, por ser uma figura criada em computador. No alto da cabeça há um cérebro com um uma forte luz em formato de cruz, no centro desse cérebro que parece estar em chamas. dele saem raios e faixas em formato de imantação magnética em linhas curvas em diferentes direções. Essas linhas extrapolam a parte central e passam sobre a logomarca da revista. A manchete principal está na altura das mãos justapostas, em letras brancas e caixa alta. Bem abaixo, em letras muito menores, está o complemento, também em letras brancas, mas em caixa baixa. Quatro manchetes secundárias estão abaixo, em letras brancas e com a página indicada em letras amarelas, bem menores. Em cada uma delas, uma palavras está em tamanho maior e em negrito, se destacando no texto. No alto, há uma outra manchete secundária, em letras amarelas."</p>	
Brilho / intens.		IMAGEM PALAVRA - Palavras e imagens-chave destacadas	
Há brilho destacando o formato da pessoa, que também dá um ar de algo feito de vidro, com brilhos e reflexos.		ciência / científico, cérebro / neurônios, máquina / tecnologia, desempenho, crença, religião, salário, felicidade.	
INFERÊNCIAS DE SUGESTÕES		COMANDO E EMPATIA	
Qualificação do tema	Adj/Adv	Comando	Estratégias de empatia
Fé faz bem. Indica que com religião ou sem, fé, faz bem.	ganha mais, vive mais, mais feliz	Saiba como	Aliar fé como algo positivo aos olhos da ciência. A ideia de que se ganha melhor e vive mais.
INTERPRETAÇÃO A PARTIR DA RETÓRICA			
Intensidade da mensagem retórica:		Concepções emergentes da mensagem retórica.	
O cérebro é vivificado pela fé, a qualidade de vida fica melhor.		O cérebro está conectado com algo maior.	
COMPLEMENTOS SOBRE A EDIÇÃO			
Destaques das manchetes secundárias		Palavras e imagens-chave SECUNDÁRIAS	
- 24 horas no GTA VT: vamos a noite fugindo da polícia nesse game revolucionário. - Porque espionam o Brasil? - - Bitcoin: a moeda dos nerds funciona. -- Os nomes preferidos do país - - Um preconceito enorme: gordofobia -- Haiti, o novo estado brasileiro.		doença, máquina / tecnologia, social, controle, riscos / medos, obesidade, videogame, espionagem, economia, dinheiro, nerds, nomes, preconceito, política	

Revista Coletada		MANCHETE PRINCIPAL Complemento	
Veja, ed. 2314, Março 2013		O cérebro: As imagens que revelam a origem biológica do pensamento e das emoções e vão revolucionar o tratamento das doenças mentais.	
			
ELEMENTOS VISUAIS DA CAPA			
Descrição da figura tema da capa		Brilho / intens.	
"Capa em fundo azul. Em destaque a cabeça de uma figura humana translúcida, em que aparece destacado o cérebro, fosco, com tonalidades coloridas como pintadas com tinta, como num quadro artístico. A palavra ""Cérebro"", está em destaque, em letras brancas, em caixa alta. O complemento está abaixo, em letras amarelas, em caixa baixa. No alto, há duas manchetes secundárias. Os títulos estão em letras verdes e letras brancas. Elas apresentam duas fotos pequenas como ilustração (papa e político). A logomarca está um pouco abaixo, em tamanho grande, em letras vermelhas. "		A luminosidade dá contorno ao corpo translúcido.	
IMAGEM PALAVRA - Palavras e imagens-chave destacadas			
cérebro / neurônios, doença / crônica / patologia, máquina / tecnologia, imagens, biológico, pensamento, emoções, revolução, tratamento.			
INFERÊNCIAS DE SUGESTÕES		COMANDO E EMPATIA	
Qualificação do tema	Adj/Adv	Comando	Estratégias de empatia
Coloca a ideia de que as imagens vão abrir o cérebro.	Não tem / não se aplica esta análise	Não tem / Não se aplica	O cérebro colorido, como algo que tem vida, que as imagens podem ser artísticas e também funcionais.
INTERPRETAÇÃO A PARTIR DA RETÓRICA			
Intensidade da mensagem retórica:		Concepções emergentes da mensagem retórica.	
As imagens do cérebro podem revelar muito do cérebro.		O cérebro desvendado pelas imagens e ganha vida. (pinçeladas)	
COMPLEMENTOS SOBRE A EDIÇÃO			
Destaques das manchetes secundárias		Palavras e imagens-chave SECUNDÁRIAS	
<ul style="list-style-type: none"> - Bento XVI: as lições do agora papa emérito para limpar a igreja. - Gabriel Chalita: o escândalo que encurtou a carreira do político carismático que poderia ter sido ministro. 		poder, social, ética, política, igreja.	

SCIENTIFIC AMERICAN

mente cérebro

psicologia | psicanálise | neurociência

EDIÇÃO ESPECIAL

PLACEBOS

Expectativas do
paciente afetam
o tratamento

SINTOMAS

Psicossomática
ajuda a entender
dinâmicas psíquicas

Nº 38 R\$ 13,90 € 4,50



Como a mente

CURA

REFERÊNCIAS

RPO

E também o
faz adoecer

O EFEITOS da
fé e da oração

Processos mentais
que influem na
capacidade de manter
e restabelecer a saúde

DOR SOB CONTROLE • Benefícios da música, da escrita e da meditação

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AKERMAN, M.; FEUERWERKER, L. Estou me formando (ou eu me formei) e quero trabalhar, que oportunidades o sistema de saúde me oferece na saúde coletiva? Onde eu posso atuar e que competências preciso desenvolver?. In: CAMPOS, G. W. S. (org.). Tratado de Saúde Coletiva. 2 ed. São Paulo: Hucitec, 2012. p. 171–188.
- ARAÚJO, I. S.; CARDOSO, J. M. Comunicação e Saúde. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2007.
- ARISTÓTELES. *Rhétorique*. Paris: Gallimard; 1998.
- BARTHES, R. *O Império dos signos*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Obras Escolhidas, v.1. 7.ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BAUMAN, Z. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- . Os Usos Sociais da Ciência: Por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo: Ed. UNESP, 2004.
- BUENO, W.C. *Jornalismo científico no Brasil: os desafios de uma longa trajetória*. In PORTO, CM., org. *Difusão e cultura científica: alguns recortes* [online]. Salvador: EDUFBA, 2009.
- . *Comunicação Científica e Divulgação Científica: Aproximações e Rupturas Conceituais*. Inf., Londrina, v. 15, n. esp, p. 1 - 12, 2010.
- CANGUILHEM, G. *Normal e Patológico*. In: CANGUILHEM, G. *Conhecimento da vida*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.
- CARVALHO, M.C.V.S.; LUZ, M.T. *Práticas de saúde, sentidos e significados construídos: instrumentos teóricos para sua interpretação*. *Interface - Comunic., Saúde, Educ.*, v.13, n.29, p.313-26, abr./jun. 2009.
- CASTIEL, Luis David. *Insegurança, ética e comunicação em saúde*. *Rev Saude Publica*, v. 37, n. 2, p. 161-7, 2003.
- CECCIM, R. B.; FEUERWERKER, L.C.M. *O quadrilátero da formação para a área da saúde: ensino, gestão, atenção e controle social*. *Physis*, v. 14, n. 1, p. 41-65, 2004.
- CECCIM, R. B. et al. *Educação e Saúde: ensino e cidadania como travessia de fronteira*. *Trabalho, Educação e Saúde*. Rio de Janeiro, v.6, n.3, p.443-456, nov. 2008/fev. 2009.

- COELHO, M. T. AD, ALMEIDA FILHO, N. Normal-Patológico, Saúde-Doença: Revisitando Canguilhem. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, v. 9, n. 1, 1999, p. 13-36.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia*, v.2 São Paulo: Editora 34, 1995.
- DURAND, G. *A imaginação simbólica*. Lisboa: Edições 70, 1993.
- EPSTEIN, I. *O signo*. São Paulo: Atica, 1985.
- FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 2000.
- . *A arqueologia do saber*. 7. ed. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.
- . *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. 8ª ed. — São Paulo : Martins Fontes, 1999.
- . *Resumo dos Cursos do Collège de France (1970-1982)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- FREITAS, R. *Corpo e consumo: a estética carioca*. In. VILLAÇA, N.; GÓES, F.; KASOVSKI, E. (Orgs.). *Que corpo é esse? Novas perspectivas*. Rio de Janeiro: Mauad, 1999. p.122-31.
- GARCIA-ROZA, L. A. *Introdução à metapsicologia freudiana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.
- GOFFMAN, E. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1988.
- KICKHÖFEL, E. *As neurociências: questões filosóficas*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014.
- JOLY, M. *Introdução à Análise da Imagem*. Lisboa: Papyrus, 1994.
- . *JOLY, M. Imagem e os signos*. 2005. Lisboa: Edições 70, 2005.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *Antropologia Estrutural*. São Paulo: Cosac Naify, 2003.
- LUZ, M.T. *Natural, Racional, Social: Razão Médica e Racionalidade Científica Moderna*. 2ª ed. São Paulo: Hucitec, 1994.
- . *Pequenas Destruições, Danos Irreparáveis: Comentários aos Modos Sociais de Vida no Capitalismo Pós-Moderno; Implicações na Saúde*. Rio de Janeiro: Epos, Vol.4, nº 2, 2013.
- . *Instituições Médicas nos Jornais In: As instituições médicas no Brasil: instituições e estratégia de hegemonia*. 3.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1986.
- . *O Impacto da Epidemia de HIV/AIDS nas Representações Sociais. Saúde, Sexo e Educação*, Rio de Janeiro, v. VI, n.13, p. 6-11, 1998.

- LUZ, MT. et al. Contribuição ao estudo do imaginário social contemporâneo: retórica e imagens das biociências em periódicos de divulgação científica. *Interfaces*, v.17, n.47, p.901-12, out./dez. 2013.
- . A ciência como cultura no mundo contemporâneo: divulgação midiática de saberes científicos e construção do imaginário social. Projeto de Pesquisa submetido a Universidade Federal do Rio Grande do Sul.. 2011.
- LUZ, M.T.; SABINO, C.; MATTOS, R.S. A Ciência como cultura do mundo contemporâneo: a utopia dos saberes das (bio)ciências e a construção midiática do imaginário social. *Sociologias*, v.15, n.32, p.236-54, 2013.
- MACHADO, A., DA SILVA, V.. Além do informar: a comunicação social a serviço dos processos de promoção em saúde e das redes de gestão e atenção. *Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde, Brasil*, 2012.
- MAFFESOLI, M. O imaginário é uma realidade. *Famecos*, v.1, n.15, p.74-81, 2001.
- MEDRADO, B. Textos em cena: a mídia como prática discursiva. In: SPINK, M.J. (Org.). *Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano*. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2000. p.243-71.
- MELLO, G. *Revista Mente e Cérebro: A Miatização do Discurso Médico*. Monografia de Conclusão de Curso. Santa Maria: Unifra, 2010.
- MERTON, Robert. *The Sociology of Science: Theoretical and empirical investigations*. Chicago: Chicago University Press, 1973.
- MOLES, A. *O cartaz*. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- MORAES, A. F. Informação Estratégica para as Ações de Intervenção Social na Saúde. *Ciências Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v.13, supl.2, p. 2041-2048, 2008.
- NOGUEIRA, MARTINS E BOGUS. Considerações sobre a metodologia qualitativa como recurso para o estudo das ações de humanização em saúde. *Saúde e Sociedade* v.13, n.3, p.44-57, set-dez 2004
- NUNES, E. D. Saúde Coletiva: uma história recente de um passado remoto. In: CAMPOS, G. W. S. (Org.). *Tratado de Saúde Coletiva*. 2. ed. São Paulo: Hucitec, p.19-40, 2006.
- ORTEGA, F. O sujeito cerebral e o movimento da neurodiversidade. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, Out. 2008.
- . Elementos para uma história da neuroascese. *Hist. cienc. Saúde - Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 3, Set. 2009.
- ORTEGA, F.; VIDAL, F. Mapeamento do sujeito cerebral na cultura contemporânea. *Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde*, v. 1, n. 2, 2007.

- ORTEGA, F.; ZORZANELLI, R. *Corpo em Evidência: a ciência e a redefinição do humano*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.
- PINHEIRO, R.; MATTOS, R. A (org.). *Construção da integralidade: cotidiano, saberes e práticas em saúde*. 4. ed. Rio de Janeiro: IMS/UERJ - CEPESC - ABRASCO, 2007.
- RABINOW, P.; NIKOLAS, R. O conceito de biopoder hoje. In *Política e trabalho: Revista de Ciências Sociais*, n.24, p.27-57, 2006.
- RIBEIRO, L..M. A ciência no imaginário midiático. In: CASTRO, G. de (org.). *Mídia e Imaginário*. São Paulo: Annablume, p. 93-111, 2012.
- SABINO, C. O Nascimento do bodybuilding. In: LUZ, M.T. e BARROS, N. F. (org.). *Racionalidades Médicas e Práticas Integrativas de Saúde*, Rio de Janeiro: UERJ/IMS/LAPPIS, 2012, pg357-396.
- SILVA, J.M. *As tecnologias do Imaginário*. Porto Alegre: 2ª ed., Sulina, 2006.
- SILVA, G. O Imaginário, o sensível e o jornalismo. In: CASTRO, G. de (org.). *Mídia e Imaginário*. São Paulo: Annablume, p. 93-111, 2012.
- SFEZ, Lucien. *A saúde perfeita: crítica de uma nova utopia*. 7ª edição. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- SPINK, M.J. *Representações Sociais: Questionando o Estado da Arte*. *Psicologia e Sociedade*. São Paulo: v.8, n.2, julho-dezembro 1996, pp. 166-186.
- WEBER, Max. *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. 335 p.
- WELLER, W.; BASSALO, L.M.B. *Imagens: documentos de visões de mundo*. *Sociologias*, v.13, n.28, p.284-314, 2011.

